

# INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM  
NASC/A1

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

Edição de 2002/2004

**Vazio que é Vazio, Vazio que é Procura. (Des)Encontros.**  
**Procurar o (no) Vazio no e pelo Rorschach.**

Ana Paula da Silva Nascimento  
Nº 11336

ORIENTADOR: Prof. Doutora Maria Emília Marques

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



2005

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
 Centro de Documentação  
 Register: 17785  
 Date: 30/10/08  
 Tel: 21 001 17 01

## **Agradecimentos**

Maria Eugénia Santiago, Coordenadora Geral, cabeça e coração do PLCP. Bem haja o seu saber e saber fazer que generosamente partilhou comigo. A presença no meu  
começar.

Todas as mulheres pobres que conheci ao longo de quatro anos de PLCP, de forma mais ou menos aprofundada, que me mostraram outros lados de mundo e que se permitiram, mesmo a medo, conhecer também outros lados de mundo. Que é o mesmo e um só.

Professora Maria Emília Marques, por não me permitir pensar o impensável, e por me mostrar o caminho interminável do desejo de saber e do saber do desejo.

## Resumo

A partir de uma experiência de trabalho como Psicóloga Clínica num Projecto de Luta Contra a Pobreza, deparámo-nos com inúmeras situações, histórias e sujeitos, misérias e desejos que quisemos pensar. Despojamento, interno infértil, miséria e aridez, impossibilidade de mobilizar recursos. Vazios.

Encontrámos nos mitos continente para pensamentos/conteúdos despojados de sentido. A ponte entre a realidade externa, que dificilmente poderia ‘a frio’ ser pensada, foi-nos dada por Deméter, e o seu caminho entre a onipotência, a presença eterna, a criação, o sucumbir de tudo face à perda, à ausência da filha Perséfone. O seu despojamento, o caminho enlouquecido numa procura despojada de sentido. Até ao (re)encontro com o objecto/Perséfone, transformado, contendo em si vida e morte, presença e ausência, fertilidade e aridez. Deméter aceita um objecto novo transformado, e aceita a ausência do objecto, permite-se a um acto de fé sobre o regresso do objecto ausente.

Pensamos então Deméter, e o seu percurso, recorrendo ao pensamento de outros sobre a perda, o vazio, e a ausência. As teorias psicanalíticas sobre a melancolia, Abraham, Freud, Klein, a incorporação, Abraham e Torok, como forma de não pensar a ausência, e nada perder, porque tudo pode estar dentro, e sujeito pode ser e ter objecto. O buraco negro de Grotstein, e vazios, nada sem continente, o nada centrípeto, que suga toda a energia psíquica para o interior do buraco negro que vai aumentando cada vez mais, e cada vez mais vai impedindo que algo possa ser pensado.

Procuramos então, significar o sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar.

Utilizando a metodologia projectiva, especificamente o Rorschach, compreendendo as respostas dadas como o resultado de um processo comunicacional que se opera no mundo interno do sujeito e entre o sujeito e o Rorschach. Olhámos as respostas dadas segundo três níveis de análise: o primeiro, que considera os princípios estabelecidos por Rausch de Traubenberg (1970) e Chabert (1997); o segundo, tem em conta os estudos de Marques (1999) sobre a natureza da simbolização no Rorschach; o terceiro nível considera os procedimentos específicos nascidos dos objectivos estabelecidos para este estudo, ordenados fundamentalmente em torno das questões do vazio e da sua intolerância, e dos processos melancólicos.

Da análise dos protocolos podemos pensar em duas formas de vazio. Vazio que procura no vazio, que usa mecanismos primários na luta contra a perda do objecto. Vazio que esgravata em terra morta, que nada pode esconder. Aumentando mais a confusão, a ilusão de que o objecto poderá estar no infinito que é qualquer lugar. As estadias temporárias de objecto dentro, a expulsão desses mesmos objectos, que vão deixando restos deles mesmos dentro do sujeito. E o interno vai ficando cada vez mais despojado de sentido. A procura enlouquecida é a única forma de continuar ilusoriamente a acreditar que se sabe o que se procura, e que se pode ter o que se quer encontrar. Avidez que é fome permanente, que é impossibilidade de alimento que sacie, que é alimentar-se de tudo o que pode equivaler a alimento.

Vazio que é vazio. Que desiste, mergulhando no interno que é vazio e falta e nada. É uma fome que se cala, e que definha, a renúncia ao outro, a tudo. Despojado, e (des)assombrado, o sujeito fica-se, sentado, sabendo que nada pode cobrir de cheio o vazio que sente. Procurar para quê? Outro, para quê?

Duas formas de não elaborar lutos e perdas, ausências. Uma negando a perda, loucamente à procura, outra, com o peso da falha, da falta, da ausência a toldar tudo o que poderia ser avançar, transformar, pensar o que foi perdido.

## Índice

Antes de Um e de tudo o resto.....	7
Um: A Psicologia Clínica observa.....	10
Um ponto um: Pensamentos sobre.....	15
Dois: Psicologia Clínica encontra Deméter para (a) pensar.....	18
Dois ponto um: Pensando Deméter. Como tudo pode ser resumido à aridez de um campo finitamente infecundo.....	21
Três: A propósito de perda, vazio e (re)encontros – teoria psicanalítica.....	32
Três ponto um: Percursos de sujeito e objecto face à perda de objecto, os buracos.....	37
Quatro: Mulheres Pobres, quem quase, mas não ainda, vai desistir. Vazios.....	62
Cinco: Olhar o Vazio. Objectivos do estudo.....	69
Seis: Com um archote numa mão, a outra mão vazia – Rorschach.....	72
Seis ponto um: Traçar o caminho. Formulação dos procedimentos de análise das respostas Rorschach.....	77
Seis ponto um ponto um: O templo – Esboços de continente para conteúdos sem sentido.....	86
Sete: Dois vazios (des)mobilizados na procura – Apresentação dos sujeitos.....	95

Sete ponto um: Vazios feitos resposta – Análise dos Protocolos Rorschach.....	96
Oito: Como Vazios se (Des)Mobilizam na Procura – Discussão .....	114
Nove: (re)Encontro com Objecto que é Presença e Ausência. Actos de Fé. – Conclusões.....	122
Dez: Referências Bibliográficas.....	127
Onze: Anexo – Protocolos de Rorschach.....	131

## Antes de Um e de tudo o resto

Vasco da Gama terá partido do Restelo a 8 de Julho de 1447, representando essa viagem a esperança num projecto de expansão criticado por uma considerável parte da nobreza portuguesa, havendo quem o considerasse desnecessário, demasiado ambicioso, aproximando-se muito da loucura. Camões, nos *Lusíadas*, apresenta-nos como símbolo desta forma de pensamento da sociedade portuguesa da altura, o velho do Restelo.

Imaginamos um dia de Julho, olhamos a capela de Nossa Senhora de Belém, e imaginamos a descida dos tripulantes audazes ou loucos até às margens do Tejo.

Fixamo-nos num qualquer rosto de um qualquer jovem tripulante filho de alguma mãe que soluça, irmão de alguém que fica, marido de alguém destroçado, ouvimos o que terá dito um qualquer pai, ou mãe, vozes essas condensadas num discurso de um velho que grita, que o acusa de ser louco, de ir para a morte empurrado e enganado por um Vasco qualquer que nada sabe da vida a não ser a ambição. Pensamos, terão alguns desistido, ficado? Este em que nos fixamos, foi, avança, por sobre as areias onde se misturam os curiosos, os bem-dispostos e os olhos tristes que choram, de mães, filhos, esposas e noivas. Sabemos agora, tal como este jovem saberia na altura, que para além de determinado mar, poderia abrir-se um novo mundo de riqueza, mas para além desse mesmo mar, que uns sonhavam, outros esperavam o fim do mundo. Um pequeno ponto que se vai tornando mais buraco, onde água, terra, mar, sonho, ambição e glória terminam. O fim do mar, do mundo, o abismo, o vazio cheio de nada, contido com coisa nenhuma, o fim de todos os começos.

Fixando a figura do velho do Restelo, pensando na sua intolerância ao desconhecido, à aventura do saber. Como se perguntasse, porque é que vão tão longe? Porque não se ficam pelo que foi já descoberto? Porque se arriscam numa viagem sem

mapa? Porque se atrevem por um mar que não conhecem? Porque não (re)conhecer apenas o que outros já conheceram?

E se aquele rosto que fixámos antes quiser apenas saber mais? Saber para além do que lhe é dito ou ensinado? E se as teorias e os modelos sobre a terra e o mar, se o que já se sabe e o que se tem medo de descobrir mais, e se tudo for como a voz do velho do Restelo, uma voz que aprisiona e enche de medo o desejo de saber, e de ouvir, e de esperar activamente que algo seja revelado e possa abrir todo um outro mundo de mundos.

Quando o mapa/continente do que sabemos for um continente em nós, imaginamos que possamos deixar tudo e partir. Levar o desejo do saber sobre e com um sujeito, encontrar o desejo do Outro e (re)construir novos mundos feitos da necessidade de descobrir novos mares dentro de um velho e por vezes doloroso oceano. A mente humana presta-se sempre e não sabemos se só, a esta descoberta, que é um (re)descobrir constante de que o mundo mental nunca acaba no fim do que nos parece o fim.

Frente a um sempre único Outro, descer a avenida até à praia e partir para um desconhecido. Fazer o mapa. Saber claramente os sinais, o que é mar, terra, céu, rocha, deserto, glaciário, vulcão, perceber de que lado sopra o vento, qual a ordenação das constelações que nos orientarão nesse desenhar e apagar, desenhar e apagar de novo; os contornos, os relevos de cada mar, de cada bocado de terra mais ou menos fértil, isso terá que ser pensado e revelado a dois. No encontro de dois que desejam conhecer, estabelecer mapas, perceber os fundos do fundo e marcar no céu cada novo planeta com os contornos do desejo que se vai desenhando.

Mesmo sabendo que o mapa traçado, vivido e sentido será sempre imperfeito, inacabado. O paradoxo a tolerar parece-nos este: tolerar a infinita complexidade de um Outro, das relações que estabelece consigo e com os outros, e tolerar os limites ao que pode ser conhecido. Como se fixa, desenha, como se capta a profundidade infinita do

oceano? Podemos conhecer as marés, as forças que o movimentam, mas nunca poderemos saber sobre o infinito das ondas ao chegar à praia.

Perceber, descendo a avenida que nos leva à praia, que, mais do que a segurança do saber por outros feito, prevalece o desejo de um dia desembarcar numa nova praia, e perceber que mesmo assim, tudo está por pensar, e que o infinito e o incerto de nós mesmos e do Outro que se nos apresenta, será sempre o que vamos desejar.

Tanto como o jovem rosto que fixamos, que desce até à praia, avançando além do mundo já por outros desenhado. O mundo não acabava já ali.

## **Um. A Psicologia Clínica observa**

Foi num Centro Social Paroquial em Lisboa, ao longo de quatro anos de trabalho inicialmente desenvolvido como estagiária de Psicologia Clínica num Projecto de Luta Contra a Pobreza e com a população alvo deste projecto, que as primeiras dúvidas, angústias e questões se nos colocaram.

De onde vinham todos aqueles pedidos de ajuda, pedidos de alimento, pedidos de comida, “qualquer coisinha”, leite, arroz, massa, de ajuda por causa de um senhorio que exige o pagamento da renda de uma barraca miserável, um marido bêbado, um genro e uma filha, que de repente desempregados e despejados, voltavam a casa da mãe, e a mãe, que já com pouco para ela, se vê agora novamente a braços com uma filha, e mais o genro, e mais um neto, e outro, e outro, e mais um na barriga, que a gravidez é de risco, que a filha não pode trabalhar.

O contacto directo com a população, na comunidade, nas distribuições inicialmente semanais do Banco Alimentar Contra a Fome. As mulheres pobres. São elas que seguram todos os meses as paredes onde durante seis horas toneladas de alimentos são distribuídos. Elas e os seus sacos vazios que durante o resto do mês esperam pelo peso dos alimentos mendigados. E elas também esperam, pacientemente, como se toda a sua vida fosse isso, esperar. Esperar pelo dia em que saem vergadas pelo peso de um saco, que quase as entorna. Mas são braços de mulheres com muita história, e muita miséria, e os olhos têm o mesmo peso que nos trespassa.

O barulho ensurdecador enquanto esperam, o barulho das vozes da espera, o barulho dos pacotes de arroz e de massa que mais uma vez não chegam para todas as fomes.

Mulheres com bocas que permanecem sempre fechadas, a não ser quando um sorriso, uma gargalhada ou um esgar de fúria, revelam toda a falta de cuidados, toda a

miséria. Os dentes que faltam, os que estão lá, mas estão podres. O desinvestimento, como se ninguém nunca tivesse olhado para elas, a nossa estranheza com tal descuido, e a forma como nos surpreendíamos quando percebíamos que não havia esquentador ou que a água tinha sido cortada por falta de pagamento.

Como uma cadela pode enlouquecer uma pessoa, porque é bebé, porque faz as necessidades em todo o lado, porque não devemos limpar aquilo que não é nosso, e como a filha de um ano, todos os dias, ao andar de gatas pela casa se suja toda com a porcaria de uma cadela que não é nossa, que não temos nada de limpar, e que não podemos dar um grito ou mandar a cadela para a rua. Porque não. Porque uma cadela pode mandar na nossa vida, e enlouquecer-nos, porque a nossa filha pode gatinhar na porcaria que a cadela faz. Porque sim.

Dívidas imensas de rendas em atraso, contas que não são delas, contas de outros, antigas. Mas tem de ser, senão vou para a rua. Histórias de doença, quando o corpo feminino, tantas vezes dito mais frágil, cede, adoce, e dói. Os tumores, que moram num corpo que mora sozinho num quarto, e que do quarto faz um mundo. E que nos pede, cuidem da minha filha.

Mulheres que resistem a sair das barracas, que a custo passam para um prédio bonito, com quarto, banheira, fogão, com tudo. Mas o que fazer com tanto?

Crianças mulheres batidas, que desde cedo pediam esmola, que vagueavam pelas ruas, à procura, de uma mãe, de um colo. Medo, incapacidade, fugir, dar colo, fugir, não sentir, violência, medo, fugir, dar colo, conter, fugir.

A forma como éramos gostadas, disputadas, sem que isso no entanto nada tivesse a ver connosco. A forma como ao singelo e formal esticar da mão/mãe nos respondiam com um abraço e às vezes com beijos mais ou menos doces.

A campainha toca num gabinete vazio onde só nós esperamos. Estamos lá, sabemos disso, e quem toca também o sabe. Apagamos o cigarro que vai ajudando a

conter a espera, e enquanto um passo segue outro a caminho da porta, ouvimos pontapés e murros na porta, nos vidros, dentro de nós, que a espera era, sempre foi, longa, e raramente pode esperar pela lentidão de um passo que segue outro.

E quando a nossa voz afirmava o fim, terminávamos, continuamos para a semana, e quando a nossa voz era nada, e quando a nossa voz pedia o fim, e era já surda, um silêncio mesmo antes de se ouvir, e só o nosso corpo era capaz de se levantar e, a acompanhar a voz que afirmava, que pedia, que mostrava o fim, o fim existia.

Mães que tentam matar filhas, filhas que são batidas/tocadas, assim sabem que existem, filhas que odeiam as mães, e que querem morrer, e que o tentam, na última consulta e no último dia antes de férias.

Mães que abandonam filhos, um, outro e outro, que tornam difícil, mesmo impossível que gostemos delas. O sentimento de agressão, de invasão, a incapacidade de gostarmos, de sentirmos qualquer tipo de vontade de conhecer, de conter o que estaria por trás daqueles olhos frios que sempre nos intimidaram. Vontade de falar, de gritar com/por vozes que se silenciam, abanar corpos inertes, que se deixam bater, que desistem, raiva, fome, medo, fúria, sangue, vento, morte, vazio, sufocar, calar, abandono, morte, palavras em surdina ditas no escuro do dia que é noite.

Solidão. Saudades da mãe, da mãe perdida, nunca achada, lá longe, quando tudo era bom. Mães que trocam filhas, e filhas que esperam 30 anos para chorar lágrimas antigas, que nada de novo pode ser chorado.

E depois há Florbela. Uma mulher com quem mantivemos uma relação, chamamos-lhe terapêutica – embora saibamos que não o foi verdadeiramente – uma mulher que nos assustava pela imensidão que sentíamos ser o seu desespero. Vazio, desespero, falta, medo, raiva, agarrar-se, violência, medo, nada, buraco que sangra, medo, escuro, raiva, fome, medo.

Mulher alta, magra, cabelos escuros, olhos penetrantemente esverdeados, a falta, a fome, a raiva, medo. Tanto assustava pela sua aparência de mendiga, a esvaír-se enquanto andava, a fragilidade, como fascinava, pela forma como podia ser bonita.

A mãe que morre quando Florbela nasce, o pai que se suicida, o orfanato, lá longe, tão longe quanto Florbela pode estar de si, de nós, e de tudo. As 850 irmãs, a outra mãe que adoece e que lhe morre nos braços, enquanto Florbela a penteia. O que podemos fazer? Ouvir, conter, ouvir, calar, falar, dizer, sentir, e a tudo o que não é dito, mas que passa por/para nós?

Florbela sem principio, sem nomes de pai e mãe que batessem certo, como se isso não fosse importante. Florbela que um dia estava aqui, outro ali, outro num outro sítio. Sempre sem saber nem como nem porquê. As mortes, uma, outra, outra, mas sempre à espera de quem morreu. Sempre à espera de que quem morreu voltasse. A espera, os dias preenchidos pela espera de quem não pode mesmo vir. De quem lhe morreu nos braços. Os buracos na sua história, na sua vida, os buracos de Florbela mulher. Os buracos que lhe assaltam o sono: “mãos a agarrarem-me, eu a sangrar. Um buraco, com uma barreira que tem escuro e do outro lado o vazio, um buraco sem fundo”.

E quando tudo é inimaginável, tudo parece absurdo, tudo provoca espanto, recusa, afastamento? E quando nada faz sentido, quando somos confrontados com um sofrimento que estilhaça quem tenta conter, sentir e dar sentido?

E quando tudo entre nós eram os dentes e o medo, que era tudo menos medo, e as horas e horas a tentar pensar com e muitas vezes por ela, os dentes e o que era isso a que chamava medo, que lhe provocava convulsões de choro, que a fazia deambular aterrorizada pelas ruas antes de entrar no consultório do dentista, naquilo que sempre sentimos ser para ela uma câmara de tortura. E o medo de mudar de cara com a dentadura nova, e que as pessoas não gostassem dela?

E a casa, que era uma gruta que tinha paredes de pedra, e a humidade, e a chuva e os ratos? E a casa nova que consegue e que podia ter mais uns armários, e podia ser de outra cor, e que já que tinha sido uma arquitecta a pensar a casa, não se admitia que não fosse a dos seus sonhos?

Raiva, espanto, fúria, zanga, incapacidade, afastamento, medo, escuro, lágrimas, solidão, medo, vazio, estilhaços.

Tudo terminou com a mudança de casa. Era mais longe, outro emprego, um namorado, um outro filho. Como sempre. Nada.

## Um ponto um. Pensamentos sobre

A partir deste exterior, o que nos é dado a ver, pensamos, como são estas mulheres tão pobres? Como é que à pobreza externa parece corresponder, também internamente, uma pobreza, uma aridez, um desamparo? Que estrutura, que mundo interno (?) sustenta esta forma de ser. Como é possível o deixar-se ir, a incapacidade de vislumbrar objectos, soluções, que condições psíquicas permitem a manutenção de uma vivência de faltas, de vazios, como é que nada no mundo externo pode sustentar a fome e a vivência de falta. Que mundo interno sustenta e alimenta este externo?

Qual o lugar do sujeito? E que objectos serão estes que parecem também não ter as qualidades ou as condições para serem agarrados e pensados? Que mundo interno? Que vazio? Como se sustenta? Como se existe e se insiste assim?

Como emerge o Outro, qual o lugar do Outro? Qual o investimento no Outro?

Quem são estas mulheres?

Pensamos estas mulheres, tendo em conta dois eixos na forma do sentir: por um lado, uma desistência do potencial do pensamento, do sentir e do (re)agir, existiram nalgum ponto alguns recursos, mas a partir de um determinado momento abdicam, desistem, não querem. Alheadas. Como uma miséria anunciada, não sou capaz, nunca vou ser capaz. Silêncio.

Por outro lado, uma miséria mais sublime, exaltada, não tenho nada, mais vale não ter nada, abdicar dos recursos. Há como que uma exaltação elogiosa do nada, um desapego sublime, um ódio ao outro, e um triunfo sobre o que pensam ser a morte e a prisão do vínculo. Exaltação.

Pensamos num perturbador sentimento de desamparo, Freud (1895), de desapego. "Nada me alimenta, não tenho fome. Nada me aquece, não tenho frio". Um pouco no sentido do narcisismo negativo de Green (1983), ligado à hipótese de Freud

1920, da tendência da organização neuronal regressar ao estado de absoluta inércia e ao grau zero da tensão psíquica. O desejo será exprimido e preenchido com a morte do desejo e com o triunfo da morte, do nada, sobre qualquer desejo.

Bion, citado por Rezende (1993), fala da verdade como o alimento da mente, e uma mente que não suporta a verdade, que se alimenta de mentira, no sentido de Bion, é uma mente mal-nutrida. Estarão os mundos internos destas mulheres famintos, ou o alimento que permitiria o pensamento e o crescimento não pode ser tolerado?

Pensamos em vazio, desapego, desamparo, não objecto, falta, narcisismo negativo, luto, melancolia, objecto/outro que não está. Mais uma vez, vazio.

Poderá a melancolia, Freud (1917), explicar estas mulheres? Perda de objecto, ambivalência, regressão da libido ao Eu, cisão do objecto interno, ataque do Eu a essa parte do objecto interno identificada ao objecto abandonico. Encontramos estas mulheres sobretudo quando Freud (1917) fala da “sombra do objecto que cai sobre o Eu”. A queda do vazio – deixado pela perda do objecto – sobre o Eu. Ou a descrição de Arfouilloux (2000) , uma ferida aberta, como um buraco negro deixado pela morte de uma estrela, que engole toda a energia do Eu, a melancolia, como o lugar onde a pulsão de morte atinge o ponto de maior violência.

Na melancolia não há objecto(?). Mas o que é para o sujeito não haver objecto, de que é feito um mundo interno sem objectos? O que faz um sujeito não ter objecto e o que faz o objecto para não ter o sujeito? Que processos estão inerentes a essa desobjectualização, será um ódio ao objecto, ao vínculo Bion (1959) , ou será para o sujeito impensável pensar-se como um objecto de um outro sujeito? O vazio é feito de quê? Está cheio de mentiras, de coisas?

Sabendo que tudo o que atrás foi dito esmaga as capacidades de pensar, já que sujeitos sem objecto e objectos que recusam o sujeito não o(se) pensam, recorreremos ao campo dos mitos, seguindo os estudos elaborados por Nathan (1988), para pensar

objectos e sujeitos, dando um continente para conteúdos à solta num continente que sangra e se despe de qualidades. Procuramos personagens que nos permitam uma aproximação pensante a estas outras personagens que vimos e sentimos realmente sangrar, novos elementos transformados que nos permitam pensar o que no externo nos foi dado a conhecer.

## **Dois. Psicologia Clínica encontra Deméter para (a) pensar**

Pensando em todas estas mulheres, pensando em queda, em deslizamento, no desapego e no desamparo, pensando sobretudo na aridez dos caminhos percorridos e por percorrer, surge-nos o mito de Deméter.

Surge-nos o potencial criador interno e externo, e surge-nos a pobreza e a aridez de um mundo interno e externo onde nada germina, nem pode germinar, por raiva, um ódio destrutivo, olho por olho dente por dente. Nada é criado, nada transformado, parece apenas que aumenta a terra morta – continente (Bion, 1963) cheio de nadas, de torrões de elementos de morte, destruídos, destrutivos – infecunda que esvazia tudo, onde nada pode estar, nem ser, nem querer ou desejar. O profundo desamparo e desapego de quem vagueia à procura de algo que nunca vem porque foi roubado, (alguma vez lá esteve?) parece-nos de menor importância, se terá sido raptada, se se terá feito raptar, importa-nos o valor que a falta do objecto Perséfone tem para Deméter, que vagueia, desiste, não só porque não tem a filha, mas também porque o objecto é inalcançável, tanto no mundo externo como no mundo interno, o que nos remete para a questão da solidez dos objectos introjectados, para a perda, a procura e o (re)encontro de sujeito e objecto. O rapto dos objectos introjectados, a forma como Deméter sucumbe a essa perda, a forma como se esvazia, se perde, procura.

Deméter, (Souza Brandão, 1996) é filha de Crono e Reia, deusa da terra cultivada, terá ensinado aos homens a arte de semear, colher o trigo e fabricar o pão.

Hades, filho de Crono e Reia, irmão de Deméter, deus dos mortos. Após a vitória sobre os Titãs, o Universo foi dividido em três grandes impérios, a Zeus coube o Olimpo, a Posídon o Mar e a Hades o reino dos mortos. Hades saiu apenas duas vezes do seu reino, uma das quais para raptar Perséfone.

Um dia, Perséfone, filha de Deméter, que crescia tranquila na companhia de outras deusas, foi raptada, com a conivência de Zeus, pelo seu tio Hades. Perséfone colhia flores e Zeus, para a atrair, colocou um narciso na borda de um abismo. Ao aproximar-se da flor, a terra abriu-se, Hades apareceu e conduziu-a ao mundo dos mortos.

No momento em que estava a ser arrastada para o abismo, Perséfone deu um grito agudo e Deméter acorreu, mas não conseguiu vê-la, nem perceber o que tinha acontecido. Pura e simplesmente a filha tinha desaparecido. Desde então, Deméter começou a dolorosa tarefa de a procurar, levando-a a percorrer o mundo inteiro, com um archote aceso em cada uma das mãos. Durante dias e noites, sem comer, sem beber, sem se banhar, a deusa errou pelo mundo, até que encontrou Zeus e finalmente ficou a saber o que se tinha passado com Perséfone. Irritada com Hades e Zeus, decidiu nunca mais voltar ao Olimpo, e permanecer na terra, abdicando das suas funções divinas, até que lhe devolvessem a filha.

Disfarçando-se de velha, dirigiu-se a Elêsius e sentou-se numa pedra a chorar. Interrogada por umas mulheres escondeu a sua verdadeira identidade, e foi convidada para cuidar do filho recém-nascido da rainha Metanira, Demofonte.

Encarregada da educação de Demofonte, Deméter queria torná-lo imortal e eternamente jovem, não lhe dava leite, mas, após esfregá-lo com ambrosia, escondia-o durante a noite no fogo. A cada dia Demofonte ficava mais belo e parecido com um deus. Uma noite, porém, Metanira descobriu o filho entre as chamas e começou a gritar desesperada. A deusa interrompeu o ritual e revelou a sua verdadeira identidade. Solicitou, antes de abandonar o palácio onde se encontrava, que se lhe erguesse um grande templo, com um altar onde ela pudesse pessoalmente ensinar os seus ritos aos seres humanos.

Construído o templo, Deméter recolheu ao seu interior, consumida pela saudade de Perséfone. Uma seca terrível caiu sobre a terra. Em vão Zeus mandou mensageiros, entre os quais Hermes e Reia, pedindo que regressasse ao Olimpo. Deméter respondeu com firmeza que não voltaria ao convívio dos Imortais e nem iria permitir que a vegetação crescesse, enquanto não lhe entregassem a filha.

Como a situação na terra estava muito difícil, Zeus pediu a Hades que devolvesse Perséfone. Hades acedeu à vontade soberana do irmão, mas habilmente fez com que a esposa colocasse na boca uma semente de romã, e obrigou-a a engoli-la, o que a impedia de abandonar definitivamente o reino dos mortos – era lei no mundo dos mortos, que, quem lá comesse fosse o que fosse, não mais poderia regressar ao mundo dos vivos. Chegou-se a um consenso: Perséfone passaria alguns períodos de tempo com o esposo, no reino dos mortos, e os restantes com a mãe, na terra.

Reencontrada a filha, Deméter voltou ao Olimpo e a terra cobriu-se, instantaneamente de verde.

Deméter, a deusa das colheitas abundantes era uma divina mãe chorosa e inconsolável que via a sua filha ir para o mundo dos mortos todos os anos, nesses períodos, voltava a tristeza à terra e nada florescia, quando Deméter regressava, a terra de novo floria.

**Dois ponto um. Pensando Deméter. Como tudo pode ser resumido à aridez de um campo finitamente infecundo**

Propomo-nos agora olhar para Deméter, e o que à volta dela se encena; pensar o mito como uma história interna de procura, de (des)encontros, de misérias e de fomes, de destruição por desistência, uma história de incorporações, e não de verdadeiras identificações, de coisas que se engolem, e que ao serem engolidas perdem todas as qualidades. História de vida e morte, de criação cíclica e onnipotente, história de continentes mortíferos, de conteúdos primitivos e primários a tudo o que começa. Objectos perdidos porque nunca havidos, tudo parece sempre escapar das mãos e do pensamento, mas há a procura de soluções, soluções marcadas por uma mente sem recursos progredientes que permitiriam o juntar sem o aglomerar, o sentir sem o perder, o alimento que não faça mais fome, o (re)encontro de algo que se procura com as duas mãos ocupadas.

Este mito trata da história de uma filha que ao começar a encontrar-se como mulher, é perdida, roubada. A perda dessa filha mulher, do (im)possível infinito da criação, a perda do feminino jovem e desejante, a perda de uma das partes do par Deméter/ criação / materno – Perséfone / desejo / feminino, e a forma como Deméter se confronta com a perda desse objecto e com tudo o que ele parece representar.

Parece não ficar nada desse objecto que condensa as funções do feminino desejante, resta apenas a despojada procura de algo irremediavelmente perdido, mas possivelmente transformado, e por isso perdido. Um continente materno despojado das suas qualidades de um feminino desejante, um continente Deméter despojado, árido e infértil.

O que o mito nos descreve após o desaparecimento/rapto/fuga/quase-morte, é o vazio que se instala em Deméter, é o vaguear assombrado, dor de uma dor que não pode

ser comunicada (Fleming, 2003), nem ouvida, nem pensada, como um grito que se perde numa boca fechada, de um sujeito que procura um objecto, mas que nunca o pode encontrar, porque o sujeito é ele mesmo um nada no sentido da sua capacidade para ter(?) objectos internamente, já que nada parece preparar o sujeito para os perder e os (re)encontrar diferentes e transformados.

Como um continente feito de terra morta, onde nada pode germinar, nem estar, nem ser, nem fazer sentir, continente morto, esvaziado e esvaziante.

Perséfone colhia flores, e um narciso “armadilhado” por Zeus capta a sua atenção. A terra abre-se, o mundo dos mortos acolhe-a, (não) dando a Perséfone a possibilidade do feminino, transformando as capacidades infinitas de Deméter numa procura despojada, transformando o materno infinito num materno mortífero e infecundo.

Deméter põe então em causa todos os outros filhos: ‘se me destruíram, também destruo, deixo ficar, vagueio, não faço nada, desisto de tudo menos de procurar o que não posso ter. Não suporto o vazio deixado pela minha perda, e não suporto que vocês não sintam como eu. Condeno-vos à fome e à morte, que é também a minha fome e a minha morte’.

Deméter parte então numa procura esvaziada de sentido, em silêncio, só. A dor que dói e não pode ser dita. Haveria alguém a quem dizê-la? Parte só, levando apenas para além do vazio da perda e do desapego, um archote em cada uma das mãos. Que procura se leva a cabo com as duas mãos ocupadas? O que é que no interno se pode procurar com a luz de dois archotes? O que procurará Deméter? O que quer encontrar? O que é que pode ser procurado mas não agarrado? Talvez a luz dos archotes possa iluminar o escuro incompreensível do feminino. Iluminar zonas escuras, sombrias, iluminar os caminhos que levam à passagem da onipotência da criação infinita à tolerância e ao reconhecimento da falta que conduz ao ciclo, à finitude tolerada pela

expectativa de um sempre novo (re)começo, devolvendo a Deméter o potencial do Materno, no reencontro com o feminino desejante.

Disfarça-se de velha, e chora, é agora velha, quase morta, sem o infinito e sem o desejo que a continuassem no infinito do tempo, e do sentir, que não sente.

Não havendo luz possível que possa no externo iluminar o escuro do feminino, sendo a procura infrutífera, Deméter propõe-se cuidar/procurar o masculino. Deméter encontra e abraça Demofonte, filho de homens, pensa torná-lo deus, imortal e belo. Deita-o todas as noites sob o fogo da pulsão que não consegue imaginar. Deméter parece desistir do feminino refugiando-se na procura do masculino como se não fosse possível a Deméter reconhecer diferenças e outros diferentes de si e do que perdeu, não reconhecendo o outro como diferente de si mesma e como diferente de Perséfone, voltando a insistir na (im)possibilidade do infinito, tentando tornar imortal Demofonte.

Ao ser descoberta/surpreendida, e após revelar a sua identidade, pede aos homens que lhe construam um templo, onde por um lado possa recolher, mas onde também onde possa ensinar aos homens todos os seus ritos e segredos, o infinito, o imortal, os segredos do Materno que parece desconhecer: como cuidar, conter, fertilizar, transformar, como imortalizar criando, como tornar as coisas belas. Mas como ensinar, passar a um Outro algo que o próprio não sabe? Como ensinar continente fértil e fecundo, como imaginaria Deméter esta possibilidade? Como pensaria Deméter ensinar algo tão interno? Obviamente que nenhuma destas soluções enlouquecidas resolve a seca, a fome e a morte que pairam na terra e no seu mundo interno. Percebemos então, tal como Deméter, o infecundo irredutível contido na procura desesperada, principalmente quando se procura o objecto, e não um objecto necessariamente transformado, a impossibilidade do Materno fecundo e fértil sem um feminino vivo e desejante.

Deméter parece de novo desistir, recolhendo ao templo, imaginando agora que humanos a poderiam substituir. A onipotência da passagem das qualidades do materno, a procura do infinito passado aos outros quer a Demofonte quer aos humanos não resulta.

A seca e a morte agravam-se e Zeus pede a Hades que devolva Perséfone. Está para breve o reencontro de Deméter com o feminino perdido e agora transformado, conduzindo à transformação de Deméter. No entanto, e antes que Perséfone seja devolvida à mãe, e a fertilidade aos campos, Hades, deus dos mortos, põe uma semente de romã na boca de Perséfone, sabendo que no reino dos mortos não se podia comer, e quem o fizesse ficaria para sempre impedido de abandonar definitivamente o reino. Encontramos aqui o paradoxo da criação, vida/morte, finito/infinito. Perséfone come no reino dos mortos, da infertilidade, uma semente de romã, símbolo de fertilidade, antes de regressar à terra e poder devolver vida à vida, e poderes fecundos mas já não infinitos à mãe. Este paradoxo parece conter e revelar que a criação está sempre intrinsecamente ligada à morte, à ausência, ao luto pelo objecto que falta, à transformação viva e desejante do vazio.

Perséfone após comer aquela semente terá sempre que regressar ao mundo dos mortos. Perséfone trará a fertilidade aos campos, fertilidade essa sempre associada agora ao reinos dos mortos, para onde sempre deverá voltar.

Detemo-nos um pouco mais no paradoxo atrás referido. Pensamos em ciclos de criação e de crescimento e na relação ( $\text{♀}^{\text{♂}}$ ), expressa por Bion, 1963. Ao pensar Deméter e a sua procura, fica clara a inevitabilidade da criação e do crescimento estarem associados à frustração, (Amaral Dias & Fleming, 1984)., às perdas, à morte, ao finito que possibilita o (re)começar transformado e transformador.

Quando Deméter perde o objecto interrompe o ciclo infinito/igual/eterno de criação. Deméter perde as suas funções maternas ao perder o feminino associado a essa

função, aparecendo um materno destrutivo, perdido, despojado. Os ciclos de criação são abandonados, Deméter desiste, despoja-se do que eram os seus atributos, condenando-se e condenando os mortais à fome, à falta de alimento. Também o que seria um ciclo PS↔D (Bion, 1963), é interrompido ficando Deméter num moribundo, despojado e vagabundo PS, sem que fosse possível a passagem para D, para o pensamento, para que os processos transformativos e criadores pudessem emergir.

Só quando Perséfone, só quando o feminino regressa transformado sob o signo da morte e da ausência, é que Deméter restabelece as suas funções maternas de criação, ficando também subjacente a esse encontro a falta, a frustração, a separação, a ruptura, já que Perséfone deve sempre voltar e regressar.

Se anteriormente eram pólos opostos e mundos diferentes, é na figura de Perséfone, que conjuga os reinos da vida, da criação e do alimento e da morte, do despojamento, do infecundo e (porque) finito, estes dois mundos passam agora a aparecer juntos e a morte/ausência, tanto como a vida/presença, são fundamentais no funcionamento do ciclo que alimenta tanto de cereais a terra quanto de pensamentos o mundo interno. O materno fecundo ganha o feminino finito, o materno é fecundo, ao associar o feminino fértil à inevitável finitude da criação.

É quando dois mundos se cruzam e unem, na figura de Perséfone que a criação e o potencial criador é restabelecido, agora com a certeza da sua finitude, que possibilitará depois de novo a criação e a transformação.

Deméter surge-nos como continente de todo o potencial fértil da terra, contém dentro dela toda a possibilidade de terra fértil e toda a possibilidade de fertilização e de alimento. No entanto, após uma perda, Deméter parece perder as suas funções maternas e contentoras. Esvazia-se de todo o potencial que possuía e esvazia a terra de alimento. Esvazia-se na procura de Perséfone, e na procura do feminino perdido. É uma procura despojada, desamparada. Sentimos alguma pacificação em Deméter quando cuida de

Demofonte, procurando o masculino, tentando no entanto recuperar em Demofonte a sua perda. A função materna parece ser encontrada no cuidar do masculino, mas mais ainda na tentativa de passar ao masculino os segredos do feminino perdido, tentando transformar, como já referimos, Demofonte no fim da sua procura. Como se desesperadamente procurasse a coisa perdida, não importando já se o que era encontrado era ou não o perdido, importava, parece-nos, encontrar algo que pudesse (pre)encher a falta.

Um continente/Deméter que se apresenta como onnipotente, que se esvazia, que tenta novamente ser tudo para sempre, que novamente se despoja, e por fim, é a própria Deméter/continente despojada, vazia, que pede um templo, que se retira para um local contentor, esse sim fértil, o templo e o local do pensamento e da verdadeira transformação para o crescimento. É após estes movimentos de Deméter que todo o mito se desenvolve e se resolve. Deméter (re)encontra a filha, o objecto perdido, e confronta-se com a inevitabilidade da criação e da transformação: a proximidade inelutável, a complementaridade vida/morte, pensamento, frustração.

Pensamos o mito como um caminho, caminho de descoberta, de preparação para o retorno de um objecto que trará com ele a possibilidade do ciclo, do finito e do fecundo. Caminho de um materno onnipotente, a um materno despojado na procura de transformação e crescimento, o caminho necessário à preparação do (re)encontro entre sujeito e objecto e as transformações implícitas aos dois. Um percurso de confrontos, de observação de evidências que demonstram e revelam os impossíveis.

O retorno do elemento feminino perdido que só poderá acontecer se o materno, também ele transformado, puder aceitar a finitude transformada em ciclos, puder aceitar a perda sem catástrofe, a falta como possibilidade de (re)começo, a ausência como forma de preparar desejando, o reencontro.

Assistimos em Deméter a uma transformação: a transformação do materno onipotente, infinito / igual / eterno, num materno finito / cíclico / fecundo no e pelo reconhecimento da falta, a transformação permitida pelo reconhecimento da insuficiência, do fim que pode significar o desejo de um novo. Podemos observar no mito um antes e um depois; antes e depois do rapto de Perséfone. Depois do rapto de Perséfone, o infinito é posto em causa. O par Deméter - criação infinita - materno / Perséfone - feminino jovem desejante – continuidade, é transformado e quase destruído pela perda de um dos seus elementos, restando Deméter, o materno despojado do seu elemento feminino desejante.

O que se observa como resultado da perda do feminino contido no materno é que a função materna fica marcada pela imobilidade, pela destruição, pelo despojamento, pela agressão inevitavelmente associada ao abdicar, a impossibilidade. Que passos significam esta procura?

Envolvemo-nos agora num exercício semelhante ao que Amaral Dias & Fleming (1984) fizeram em relação à dialética  $PS \leftrightarrow D$  ligando-a à catástrofe e à mudança catastrófica.

*Antes, o infinito*

$Ps \rightarrow Ps \rightarrow$

Omnipotência e infinito, eterno e igual. Deméter, deusa dos cereais e das terras cultivadas, permite o alimento aos mortais já que é a responsável pela fecundidade das colheitas. Vive com Perséfone, sua filha, juntamente com outras deusas. Criação permanente e infinita. Perséfone parece permitir a Deméter a ilusão da manutenção da eterna continuidade do infinito e da presença em Deméter de um jovem feminino e desejante.

*Depois da perda, a catástrofe. Procura-se*

→ *Catástrofe (vazio) → aproximações a D →*

Deméter confronta-se com a perda do objecto, com a ameaça da perda do infinito, já que seria Perséfone quem continuaria a sua criação onnipotente e infinita. A perda do objecto Perséfone parece equivaler à perda de parte de Deméter, a parte feminina e desejante, restando apenas a despojada procura de algo irremediavelmente perdido, mas possivelmente transformado, e por isso perdido. Fica em Deméter e com Deméter um vazio, um vaguear assombrado, resta a procura dolorosa, enlouquecida e onnipotente de um objecto / parte dela perdido. No lugar do materno infinito encontramos agora um materno infecundo, que procura.

Procura esvaziada de sentido, despojada, sem comer, sem beber, sem tomar banho, sem se cuidar e sem cuidar, esquecida de si e dos outros, enlouquecida. Um materno esvaziado e esvaziante das suas qualidades, que procura com um archote nas duas mãos, procura iluminar o feminino incompreensível, iluminar caminhos, não objectos, que levassem à passagem da onnipotência da criação infinita à tolerância e ao reconhecimento da falta que conduz ao ciclo, à finitude tolerada pela expectativa de um sempre novo recomeço, devolvendo o potencial do materno no (re)encontro com o feminino desejante.

Nesta procura como alucinação de um desejo onnipotente de que o caminho seria curto e sem dor, encontra Zeus, que lhe explica o que aconteceu, e promete que enquanto não tiver a filha de volta, nem ela nem os mortais voltam a ter alimento. Há um abdicar de funções, um abdicar mortífero para os mortais, e para Deméter, ela castiga, mas também sofre, ou castiga porque sofre.

Procura feita num caminho que procura o restabelecimento do infinito, o caminho possível para um materno despojado e louco. Tenta encontrar, substituir

objectos, não sentir a falta, (pre)enchê-la, ocupar o espaço deixado pelo objecto que é vazio e sofrimento, e é ao mesmo tempo não pensar, nem sentir.

Disfarça-se ou transforma-se em velha, no fim de um caminho infinito, agora sem desejo nem sempre, e chora, pelo que perdeu, pelo que se transformou, pelo finito de uma morte de desejo, a perda de uma continuidade enlouquecida. Deméter parece estar no limite das suas capacidades infinitas, velha, fraca, só, faltando e falhando, o vazio que insiste, o que foi levado, o que foi perdido, o feminino do desejo, o infinito transformado na finitude da morte. Chora sentada numa pedra, quase desistindo de uma procura esvaziante, mas ainda não.

*Cuidar e onnipotência. O vazio não existe*

$\rightarrow PS \rightarrow PS \rightarrow PS \rightarrow$

Deméter é acolhida, e logo parece haver um restabelecimento, regressando os mecanismos onnipotentes, cegos e esvaziantes. Convidada para cuidar de Demofonte, para ter consigo o masculino, mais uma vez onnipotentemente o quer transformar em imortal. Como se tudo pudesse ser igual a tudo, não reconhecendo diferenças e outros diferentes de si e do que perdeu, como se tudo pudesse ser sempre o mesmo infinito e igual. Um materno enlouquecido e onnipotente cuida transformando o finito no imortal, no sempre. Observamos Deméter na sua tentativa, quer com Demofonte, quer na sequência de não conseguir com os mortais tornar igual o diferente, tornar infinito o finito, olhamos Deméter perdida na sua a perda a não reconhecer diferenças Perséfone / Demofonte, Deméter-deusa / humanos, mortal / imortal, eu / outro.

Deméter é descoberta, a sua onnipotência é violentamente travada. Pede que lhe construam um templo, onde possa recolher, mas também onde possa ensinar continente fértil e fecundo, os mortais que a substituam na sua tarefa. Parece agora claro que

Deméter é incapaz de reconhecer o que é o materno, reconhecer o que perdeu com a perda de Perséfone. Como imagina Deméter a possibilidade de ensinar como conter, cuidar, transformar, como imortalizar criando?

*O templo*

→ *catástrofe (vazio)* →

Mais uma vez, os planos enlouquecidos de Deméter não funcionam. Recolhe ao templo, a seca na terra continua. Recolhe ao templo como Deusa, falhando com Demofonte, tenta que os humanos a substituam, tenta mais uma vez passar imortalidade, fecundo, infinito aos homens querendo abdicar do que já não tem, passar os segredos do materno desistindo de si, tentando pelos/nos outros salvar-se. Consumida pela saudade de Deméter, pelo vazio que não pode pensar e mais ainda por perceber que não podia abdicar de si própria passando a outros a fecundidade infinita: a sua fome seria sempre a fome de todos. Deméter parece desistir, os campos continuam secos, parece sem recursos, esgotada e imobilizada.

*O (re)encontro. Tolerar início e fim*

→D → PS→ D → PS → D...

Zeus convence Hades a devolver Perséfone, mas antes de sair do reino dos mortos, e antes de devolver vida à vida e poderes fecundos finitos à mãe, Perséfone come uma semente de romã, símbolo de fertilidade, sabendo que quem comesse no mundo dos mortos nunca o poderia abandonar definitivamente. Este paradoxo parece conter e revelar que a criação está sempre associada à morte, à ausência, ao luto pela falta, à transformação viva do vazio deixado pela perda. Fica clara a inevitabilidade que

Deméter aceita, que a criação e o crescimento, estão associados ao finito que possibilitará sempre o desejo de um começo transformado e transformador.

O materno é fecundo porque aceita o feminino finito, porque tolera a inevitável finitude da criação, a interrupção, a falta, a ausência desejante que permite o regresso, que se transforma, e aceita o objecto transformado.

Este reencontro, esta aceitação acontece como o culminar de transformações, o culminar de caminhos antes impensáveis e agora possíveis. A inevitabilidade da finitude partilhada com o desassossego inquieto do desejo, do regresso de um outro transformado, e também Deméter terá que se transformar na ausência do objecto.

O tempo de ausência e de perda perde o seu lugar de tempo de morte, de vazio, de imobilização, de desamparo, de desapego, é tempo de luto e de transformação. Tolerar perder, e permitir o desejo do reencontro, de dois agora necessariamente diferentes.

### **Três. A propósito de perda, vazio e (re)encontros – Teoria Psicanalítica**

Abrimos agora o mito de Deméter e a sua procura a outros encontros e procuramos nós outros caminhos que nos permitam uma significação do mito de Deméter.

Procuramos pensar o percurso feito entre a onnipotência, a presença permanente e o reconhecimento da falta, o tolerar a ausência (Amaral Dias, 2000) desejando o (re)encontro, procuramos significar o objecto que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar.

Deméter parece conter Perséfone dentro dela, utilizando-a, e a todos os poderes que Deméter lhe reconhece – o feminino vivo, jovem, fértil, activo, desejante – para que um processo onnipotente de criação se perpetue sempre. Deméter não parece reconhecer Perséfone como um outro diferente de si, Perséfone faz parte e completa Deméter, dá ao materno onnipotente a possibilidade de uma contínua, fértil e permanente criação, sem ciclos, interrupções ou ausências.

Quando Perséfone é raptada, ou se faz raptar, assistimos à ruptura de um par fusional e assistimos ao desmantelamento de toda uma união operante e onnipotente. Deméter perde todos os seus poderes e perde-se no vazio deixado pelo objecto. Sucumbe a criação infinita, sucumbe o sujeito incapaz de integrar a ausência, a falta do objecto, que era já menos que objecto, era tão só parte de sujeito.

O sucumbir desesperado, a equivalência da perda do objecto externo e a perda do objecto interno, a equivalente procura desesperada de parte de si desaparecida, o outro que era parte activa do sujeito. Abdica de tudo o que tem porque não pode ter o que perdeu. Vazio, impossibilidade, catástrofe, despojamento, procura enlouquecida de

algo que possa ser novamente incorporado e possa dar vida a um materno agora mortífero, que morre e mata, que desiste, que agride tudo o que possa conter o objecto perdido restando o vazio de infinito, de possibilidade, ódio, vingança, desistência, desapego, vaguear.

Assistimos ao retorno ao lugar do materno onde está ausente o desejo, o lugar do esvaziamento. Transforma-se por dentro e por fora em velha, quase morta, uma Deméter desvitalizada, vazia de potencial criador e fértil, sem nada que contenha nada, a não ser um nada que fixa o vazio deixado pelo objecto.

A velha Deméter, materno esvaziado, perdido da sua parte jovem e activa, é acolhida por mulheres que a convidam a cuidar de Demofonte. De noite, Deméter assume-se como Deusa perante o masculino jovem, e onnipotentemente tenta restabelecer o objecto / parte dela perdido. De noite, deixada a sós com Demofonte, procura encontrar nele Perséfone, transformando-o em imortal, na tentativa de triunfar sobre a perda do objecto, não sentindo, não pensando, o vazio por ele deixado. Deméter denega a perda do objecto, o vazio deixado por Perséfone, tentando equivaler Demofonte a Perséfone e assim restaurar o materno onnipotente.

Deméter é descoberta, não conseguindo evitar que o vazio deixado pela perda do objecto seja vazio e desespero e nada, impossibilidade. Falham os mecanismos primários de recuperação do objecto.

Objecto Perséfone perdido, vazio impensável, desespero, desistência, violência, morte. É encontrada, contida e acolhida, o objecto Demofonte substitui Perséfone, Deméter recuperaria a parte desejante, jovem e fértil.

A falta persiste na impossibilidade de diferenciação eu/outro. Deméter sucumbe de novo na desistência, na agressividade contida da impossibilidade da ausência, a imobilidade.

Recolhe ao templo. A tentativa de recuperação/substituição do objecto, e das suas funções, com Demofonte não resulta, o vazio fica mais vazio. Deméter procura ensinar o que perdeu aos humanos: ‘reconheçam-me como deusa onipotente que já não sou, olhem para mim com olhos que me reconheçam como eu era, fértil, onipotente, infinita. Substituam-me, deneguem o que eu vejo, não sintam o que eu perdi’. O lugar do templo parece ser o lugar de uma desistência onipotente: ‘substituam-me, façam como eu sempre fiz, continuem, eu paro, eu desisto passando-vos as minhas funções’. Como se tudo, como se o antes fosse igual a depois, e sempre dois olhos que não olham nunca para o vazio deixado pelo objecto perdido.

As agressões de Deméter contra o mundo que a contém continuam, a sua desistência afecta cada vez mais todos e cada vez mais a esvazia de sentido.

Zeus convence Hades a devolver Perséfone, mas esta devolução representa a devolução de um objecto transformado, que irá obrigar que também Deméter se transforme. Perséfone, parte fértil, viva e activa de Deméter come no reino dos mortos uma semente de romã, símbolo de fertilidade. Hades devolve a Deméter um novo objecto que condensa presença e ausência, vida e morte, pensamento e frustração. Este objecto terá sempre que se ausentar, será sempre um objecto modificado de cada vez que voltar, e de cada vez que partir. Deméter terá que aceitar a sua incompletude, a sua finitude, a sua dependência, terá que conter a espera evitando transformar a espera pelo objecto em morte, ausência e distância em vazio.

Tolerar perder, desejando (re)encontrar. A ausência e a distância terão que ser o lugar da transformação de sujeito e objecto, confiando que ambos se irão (re)conhecer e desejar de novo.

O tempo de ausência perde o valor de tempo de morte de sujeito e de objecto, de vazio e de imobilização, acontecem verdadeiros lutos, verdadeiras transformações que operam em sujeito e objecto. O sujeito não se perde na procura do objecto, na procura

de parte dele próprio, não se esvazia, não sucumbe ao peso de uma ausência. Sofre, mas deseja sofrendo, o (re)encontro.

A impossibilidade de integração de uma vivência depressiva de incompletude, de falta, de vazio, este parece ser o contexto em que todo o mito se desenvolve. O lugar de presenças infinitas, o desespero perante a ausência, que transforma sujeito e objecto num só, compacto, rígido, enlouquecido. E a simples ausência faz com que todo o mundo interno e externo se desmantele, demonstrando que mais que o insuportável vazio que parece ficar depois, era a impossibilidade do antes.

Como sujeito e objecto não aparecem como entidades constituídas, como a fragilidade de uma união pode ser denunciada pela ausência. Como a onipotência se revela em vazios, como conter tudo e tudo ser infinito significava apenas um ponto que vagueia perdido, frágil, renunciando ao pensamento da falta, da incompletude, tentando substituir e não transformar, vaguear procurando outros que possam substituir o que se perdeu, triunfando sobre Perséfone, não reconhecendo o que não é, o que perdeu, o que não pode ser, agora que no lugar do objecto há vazio, e todo o peso da sua ausência.

Utilizando o mecanismo primário da incorporação (Abraham e Torok, 1962), como forma de nunca se confrontar com a falta, com a ausência, com a alteridade de um outro diferente, com a perda de um outro que não é o mesmo que o sujeito, Deméter sucumbe quando o objecto incorporado é perdido. A única forma de lidar com essa perda é denegando a perda, o que perdeu, é evitar confrontar-se, é evitar pensar e sentir a falta do objecto, a sua finitude e a sua incompletude. Deméter procura outros objectos que lhe possam permitir uma restituição das funções perdidas, mas falha, aumentando a intensidade dos mecanismos onipotentes, e aumentando o vazio e o desespero. Quando Perséfone volta, objecto diferente e transformado, condensando presença e ausência, vida e morte, Deméter também se transforma aceitando este novo objecto transformado, integrando em si mesma essas novas condições agora de uma verdadeira

relação, de um verdadeiro sujeito e objecto que dialecticamente se constituem e se deconstituem.

## **Três ponto um. Percursos de sujeito e objecto face à perda de objecto, os buracos**

Na teoria psicanalítica, a temática da perda do objecto, e o que acontece desde o momento da perda ao sujeito que perde e ao objecto que foi perdido, é pensada sobretudo em relação aos processos de luto e aos processos melancólicos.

Abraham, (1912), após ter analisado seis casos de depressão psicótica, observa a existência de traços comuns entre a neurose obsessiva e a melancolia: a ambivalência global da vida pulsional, fundada sobre um equilíbrio instável entre o amor e o ódio, a homo e a heterossexualidade.

Abraham divide o estágio sádico-anal, no qual tanto a neurose obsessiva como a melancolia teriam pontos de fixação, em duas sub-etapas: uma etapa mais tardia, com tendências conservadoras em relação ao objecto, dominada pela dualidade reter-dominar, etapa na qual a neurose obsessiva se fixa; e uma etapa mais precoce com aspirações mais hostis face ao objecto, dominada pela dualidade destruir-perder, à qual a melancolia se fixa, podendo, no entanto, chegar também a uma regressão à fase oral-sádica.

No entanto, Abraham observou que a neurose obsessiva cria caminhos substitutos para as suas pulsões, com o objectivo de reter e dominar o objecto dentro do sujeito, enquanto que na melancolia há uma renúncia ao objecto sempre que o sujeito melancólico entra em conflito com o seu objecto de amor. Isto é possível através de mecanismos de expulsão anal, através dos quais o objecto é destruído e, segundo Abraham, tratado como fezes. O objecto expulso e destruído é depois re-introjectado de modo oral, o que justifica a ideia de Abraham de que o melancólico terá uma fixação muito precoce numa fase anal, existindo também uma fixação na fase oral-sádica, o que implica a incorporação destrutiva do objecto. É esta fixação na fase oral-sádica, na qual

a libido ameaça o objecto, agora introjectado, de destruição por devoração, a principal fonte de auto-punição no melancólico.

Abraham (1924), expande finalmente a sua teoria sobre o funcionamento e a psicogénese da melancolia.

Fala de um reforço constitucional do erotismo oral, o que possibilita uma fixação privilegiada da libido à fase oral do desenvolvimento. Por outro lado, refere a existência de uma falha grave no narcisismo infantil por decepção amorosa: a criança sentiria uma decepção na sua relação com a mãe, e o pai não seria capaz de responder às suas necessidades e desejos, levando a que a criança sentisse um abandono total, já que a decepção é bilateral. Perante a superioridade dos desejos edípiacos, dar-se-ia a primeira decepção amorosa: os desejos incestuosos são grandes, a revolta contra o pai estará em pleno curso, mas o recalçamento não permitiria mais a expressão da força das pulsões edípicas. Ficaria então estabelecida uma associação entre o complexo de Édipo e a etapa oral-sádica do desenvolvimento da libido. Assim operaria a introjecção dos dois objectos de amor.

Todas as decepções mais tardias teriam então o valor de uma repetição: a raiva desencadeada, seria sempre dirigida a um só objecto, o primeiro.

Ao pensar nas auto-acusações do melancólico, Abraham discute como o processo de introjecção pode tomar duas formas: o paciente introjecta o objecto de amor primeiro, que passou a constituir o ideal do eu, assumindo o papel de consciência, e a auto-acusação do melancólico é exercida pelo objecto introjectado, ou, o conteúdo das acusações constitui uma crítica cruel do sujeito ao objecto introjectado.

Abraham (1924) fala da melancolia como um luto arcaico, esta forma de luto arcaico é expressa no melancólico pela fantasia de devorar o que matou, destruiu.

Uma decepção intolerável da parte do objecto de amor, que no sujeito melancólico é fácil de acontecer, já que o conflito de ambivalência da libido é tão grave

que todo o sentimento de amor é imediatamente ameaçado pelo seu inverso; uma decepção do objecto de amor favorece uma vaga de ódio que submerge os sentimentos de amor muito lábeis. A perda do investimento positivo conduz à renúncia do objecto. No entanto, quando é possível e há tempo para que o objecto seja investido / introjectado pelo sujeito, o investimento passa a ser o lugar da expulsão e destruição do objecto como se fosse um qualquer conteúdo corporal. A introjecção entra em campo, e dá-se a recuperação do objecto expulso e destruído através da devoração, forma específica de identificação narcísica na melancolia.

Inicia-se de seguida a vingança sádica contra esse objecto odiado, expulso e destruído, mas agora parte do sujeito. Esta vingança sádica, supõe Abraham continua até que haja uma saturação das necessidades sádicas, o que afastará o perigo de destruição do objecto primário de amor. Sabemos no entanto, que o suicídio no melancólico é a morte final e última desse mesmo objecto.

De forma semelhante ao que fez Freud (1911) no estudo de um caso de paranóia, (eu, um homem, amo um homem, o delírio de perseguição contradiz esta posição ao exclamar: não o amo, detesto-o, e como a percepção interna é substituída por uma percepção externa, o ódio é sentido como a consequência da hostilidade, assim da primeira premissa, passamos a uma terceira: não o amo, detesto-o, porque ele me persegue), Abraham (1924) pensa a disposição hostil do melancólico contra si próprio.

Na melancolia, segundo Abraham (1924), o conflito terá a sua origem numa disposição hostil excessiva da libido. Este ódio será só sentido em relação aos pais, generalizando-se mais tarde. Não posso amar os outros, sou obrigado a detestá-los. É desta convicção íntima que surgem os sentimentos graves de insuficiência destes pacientes. Assim que o conteúdo desta percepção é recalcado e projectado para fora do sujeito, o sujeito melancólico acha-se detestado pelo mundo. A hostilidade do sujeito é posta nos outros. Os movimentos sádicos recalcados, a repressão de movimentos de

ódio e vingança que emergem frequentemente, trazem novas expressões mórbidas: as ideias de culpa. Segundo Abraham (1924), quanto mais violento é o desejo de vingança, maior é a tendência a ideias delirantes de culpa. Os sentimentos depressivos, a culpa e a angústia surgem essencialmente do recalçamento das pulsões sádicas. Como no melancólico as fontes de prazer ligadas às actividades pulsionais são impossíveis, o masoquismo, o prazer pelo sofrimento é inevitável.

Perante uma perda demasiadamente pesada para o sujeito a poder pensar e elaborar, o sujeito *melancólico incorpora o objecto perdido de forma a poder nunca perdê-lo, perdendo no entanto as diferenças entre sujeito e objecto e as possibilidades de poder transformar essa perda/morte num processo transformativo aberto, e não num sistema fechado de objectos que são sujeito, que são amados, odiados, que são presença e ausência, que são alimento e fezes, que são imprescindíveis e mortíferos.*

De forma complementar, às teorias de Abraham, Freud, no texto Luto e Melancolia (1917), faz um estudo da melancolia em contraponto com o luto e observa que as causas que originam quer o luto quer a melancolia, são as mesmas. O luto é uma reacção à perda de um ente querido, à perda de alguma abstracção que ocupou o lugar de um ente querido. A melancolia é um sentimento de desânimo muito penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer actividade e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, a ponto de encontrar expressão em auto-recriminações, culminando numa expectativa delirante de punição.

Os mesmos traços são encontrados no luto, com excepção da perturbação da auto-estima. No luto está presente a perda de interesse pelo mundo externo, a perda de capacidade para encontrar um novo objecto de amor, e o afastamento de toda e qualquer actividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objecto perdido. Esta inibição,

segundo Freud, é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção essa que não deixa espaço a outros propósitos ou interesses.

Freud explica-nos de forma clara o trabalho do luto: o teste da realidade revela que o objecto amado já não existe; toda a libido terá que ser retirada das suas ligações com aquele objecto; há no entanto uma dificuldade, uma oposição que pode ser tão intensa que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objecto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente, diz Freud, permanece o respeito pela realidade, ainda que possa demorar algum tempo a que a realidade se imponha sobre o ego do sujeito, prolongando-se psiquicamente a existência do objecto perdido.

Em relação à melancolia, Freud reconhece que a melancolia também pode constituir uma reacção à perda do objecto amado, no entanto, o objecto pode não ter morrido, mas pode ter sido perdido enquanto objecto de amor. A melancolia está relacionada a uma perda objectal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual a perda de objecto é consciente.

No luto, a inibição e a perda de interesse são explicados pelo trabalho de luto no qual o ego está absorvido. Na melancolia, segundo Freud, a perda desconhecida resultará num trabalho interno semelhante, e será responsável pela inibição na melancolia.

Freud define três condições para que se verifique um processo melancólico: a perda do objecto, a ambivalência e a regressão da libido ao Eu, sendo que as duas primeiras podem encontrar-se noutras circunstâncias, a regressão da libido ao Eu será específica do processo melancólico. Esta especificidade realça portanto o carácter radicalmente narcísico presente no processo melancólico. Realça a relação do sujeito com o objecto e a cisão do próprio objecto interno, que se encontra dividido entre aspectos fortemente desvalorizados e aspectos fortemente idealizados.

Freud valoriza muito a questão, que segundo ele diferencia o processo de luto da melancolia, que é a questão da auto-estima, ou seja, o problema da relação narcísica. No trabalho do luto, quando existe a perda do objecto, há uma retirada do investimento libidinal do objecto para o sujeito, e após a elaboração da dor depressiva, existirá o reinvestimento da libido para um novo objecto.

No processo melancólico, não há essa articulação entre desinvestimento do objecto e reinvestimento do sujeito. O que existe é que a “sombra do objecto cai sobre o Eu”. A queda do vazio deixado pelo objecto sobre o Eu.

A libido livre não foi deslocada para outro objecto, foi retirada para o Eu, servindo para estabelecer uma identificação do Eu com o objecto abandonado, podendo a partir daí ser apreciado e julgado pelo Super-Eu como objecto abandonado.

Portanto, parece-nos que o mecanismo essencial do funcionamento do sujeito melancólico é uma *indiferenciação entre os níveis de investimento do objecto e do Eu, uma forma de apagar a diferença entre sujeito e objecto.*

O objecto que abandonou é agora parte do sujeito. E é pelo sujeito recriminado, odiado, julgado e por vezes sentenciado à morte, por este novo Eu/Outro que abandonou.

A perda de que falamos, e de que nos fala Freud, pode ser uma perda que ocorre ao nível do fantasma inconsciente, entre o sujeito e o próprio sujeito, ou ser uma perda ao nível da relação de objecto, no entanto, este objecto não é reconhecido, pelo menos após o sentimento de perda, *como objecto separado, é um objecto sobre o qual opera uma identificação projectiva, de tal forma que entre sujeito e objecto não há separação.*

O retorno do sujeito a si mesmo, o vazio onde vive e sente o melancólico, o despojamento, o desapego, é explicado por Freud como uma satisfação dos mecanismos de retaliação contra o objecto perdido que é agora também uma parte sujeito. Afirma, tal como Abraham, que a melancolia se esgota quando o sujeito agrediu suficientemente o

objecto perdido. Em cada palavra auto-recriminatória ouve-se também, na sombra dessas palavras a recriminação ao objecto.

E como é que o sujeito melancólico de repente vê ou delira apenas tudo o que de mau tem ou imagina ter? Freud não tinha chegado ainda, pelo menos formalmente, ao conceito de clivagem para explicar o que acontece dentro do sujeito para que tudo o que houve de bom na sua vida seja excluído, bem como tudo o que havia de bom no objecto externo e na relação com ele estabelecida.

Tudo o que havia de bom no sujeito e na relação com o objecto é excluído, no sentido de evitar dúvidas quanto à malignidade do objecto/parte do sujeito, objecto perdido e sujeito passam a ser o mesmo, não havendo distância entre eles, nem possibilidade de dissonância entre o valor de um e do outro.

O paciente melancólico representa o seu ego como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; repreende-se e enraivece-se, esperando ser expulso e punido; degrada-se perante todos, e sente pena por os seus próprios parentes estarem ligados a alguém tão desprezível – expressão do delírio de inferioridade moral.

Freud, intuindo a *introjecção do mau objecto*, refere que se se ouvir com atenção as muitas e variadas auto-acusações de um melancólico, podemos perceber que as mais violentas se podem ajustar realmente a um outro, a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar. As auto-acusações são acusações feitas a um objecto amado, objecto esse, que, depois de abandonar o sujeito, passa a ser o sujeito. As reacções expressas no seu comportamento ainda derivam de uma constelação mental de revolta, que, por um determinado processo, passou para o estado de uma melancolia.

Freud explica esse processo: existe uma ligação objectal, uma ligação da libido a uma pessoa; devido a uma real desconsideração ou desapontamento, proveniente dessa pessoa, a relação objectal é destroçada. O resultado não é o normal, a retirada da libido

desse objecto e um deslocamento da mesma para um novo, mas algo diferente, a libido livre não foi deslocada para outro objecto, mas retirada para o ego. Ali, foi utilizada de forma a estabelecer uma identificação do ego com o objecto abandonado. A sombra do objecto cai sobre o ego. Há uma identificação do ego ao objecto abandonado.

Para que este processo ocorra desta forma podemos inferir, segundo Freud, duas coisas: que deve existir uma forte fixação no objecto amado, e, em contradição a isto, que a ligação objectal deve ter tido pouco poder de resistência. A identificação narcísica com o objecto, torna-se um substituto da ligação erótica.

A melancolia representará uma regressão da cathexis objectal para a fase oral, ainda narcísica, da libido.

Se o amor pelo objecto - um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objecto o seja - se refugiar na identificação narcísica, então o ódio entra em acção nesse objecto substitutivo, abusando dele, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando uma satisfação sádica do seu sofrimento.

A auto-tortura na melancolia é o lugar da satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionados com um objecto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo.

Os pacientes ainda conseguem, pelo caminho indirecto da auto-punição, vingar-se do objecto original e torturar o ente amado através da sua doença, à qual recorrem a fim de evitar a necessidade de expressar abertamente a sua hostilidade para com ele. A cathexis erótica do melancólico sofreu uma dupla vicissitude: parte dela retrocedeu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito foi levada de volta à etapa do sadismo.

*A impossibilidade do vínculo sobre o que se perdeu, a impotência perante a ida e a vinda do objecto, perante a transformação consequente no sujeito e no objecto, o sacrificio do sujeito à pulsão de morte, ao vazio, ao lugar deixado pelo que se perdeu.*

Em cima do vazio deixado pelo objecto, pela falta, ou o sujeito pensa o objecto e a falta, transformando os lugares deixados vazios em si, ou o sujeito deseja inevitavelmente retornar ao estado originário, pela mão da pulsão de morte, e a dor e a separação não existem.

Esta parece ser a *melancolia para Freud, que nega enlouquecidamente a separação, a diferença e a distância, a anulação da diferença sujeito objecto, as sombras que caem sobre vazios, e ensombram sujeito e negam objecto e a falta.*

Mais tarde, Melanie Klein, em dois artigos, um de 1935 e outro de 1940, contribui para uma nova forma de serem pensadas as relações entre sujeito e objecto, as perdas de um e de outro, as vicissitudes dessas relações.

Ambos os textos de Klein são complexos, já que acompanham várias fases nas quais os seus pensamentos e teorias eram rapidamente modificados após novas observações clínicas, dando novos conteúdos e uma progressiva solidez ao seu pensamento.

Klein nunca falou especificamente da melancolia, dando maior atenção às problemáticas depressivas e às defesas, quer maníacas quer de reparação, na luta contra esses sentimentos de perda de sujeito e de objecto.

O primeiro ponto que será importante referir, é a observação que Klein faz da existência de um super-ego muito severo numa criança de 4 anos. Tendo em conta este dado, Klein teoriza que a formação do super-ego, ao contrário do que era pensado na altura, começaria muito cedo, e que não são os pais reais que são introjectados pela criança e que têm depois funções super-egóicas. Esta constituição precoce do super-ego, estaria relacionada com o início do complexo de Édipo, e com as experiências de privação na altura do desmame da criança.

Este super-ego da criança tem como principal característica o seu sadismo, sobre a primazia de níveis pré-genitais, a sua crueldade para com os próprios impulsos da

criança, tendo sido, defende Klein, criado por esses mesmos impulsos sádicos da criança, relacionando este super-ego cruel com a clivagem das imagos parentais em boas e más, e assimilando também esta clivagem para a divisão da sua própria personalidade em boa e má.

Será este super-ego primário, cruel e sádico, não atenuado pela força dos impulsos genitais, que vamos encontrar nos pacientes deprimidos.

Tanto os bons como os maus objectos participam na formação do super-ego, os maus fazendo exigências persecutórias, os bons, como objectos exigentes aos quais o ego tem de satisfazer. A severidade das exigências dos bons objectos internalizados deve-se ao poder da clivagem, que, ao separar os bons dos maus objectos, faz com que o ego se una aos bons objectos, aumentando assim as exigências dos mesmos. E é devido à incapacidade de manter totalmente afastados os bons e os maus objectos que faz com que aumentem as exigências e a severidade dos bons objectos.

Klein (1935) defende que o estado depressivo é baseado no estado paranóide, e derivará geneticamente desse mesmo estado, isto é, o estado depressivo seria o resultado de uma mistura de ansiedades e conteúdos paranóides, ligados com a possibilidade de perda do objecto amado total. Durante a posição esquizo-paranóide, a criança mantém relações parciais de objecto com o corpo da mãe, objectos bons e maus, mantendo desta forma separados o amor e o ódio. Durante a posição depressiva, a mãe é percebida como um objecto total, o que fará com que a ambivalência passe a fazer parte dessa relação. Em situações de frustração causadas por factores externos e/ou internos, prevalecem os impulsos sádicos, que são projectados na mãe; simultaneamente, uma má mãe será introjectada, e estes maus objectos são sentidos como persecutórios.

À medida que a criança vai organizando a posição depressiva, o ego organiza-se, as imagos internas são mais próximas da realidade e o ego identifica-se de forma mais completa com os bons objectos. É nesta altura que se estabelece a relação total de

objecto. A partir desse momento, a preservação do bom objecto é vista como equivalente à preservação e sobrevivência do sujeito, e a ansiedade organiza-se em função da possibilidade da perda do objecto amado.

Outro conceito que surge em Klein é a reparação, como um dos mecanismos disponíveis, ou não, para ultrapassar as ansiedades depressivas/de perda do objecto amado. A falha dos mecanismos de reparação terá como resultado o adoecer depressivo. E esta falha pode acontecer por vários motivos: a gratificação sádica de vencer e humilhar o objecto, de o superar na demonstração de competência e rivalidade, o triunfo sobre o objecto, impossibilita os processos de reparação, transformando os objectos a ser reparados em perseguidores, activando de novo os medos paranóides.

Quando as angústias depressivas são muito intensas, mais difícil é mobilizar os mecanismos de reparação típicos da posição depressiva, activam-se então os mecanismos de defesa da posição esquizo-paranóide, *dissociação, negação, onnipotência e idealização, constituindo um sistema de luta contra a realidade psíquica e contra a experiência depressiva, negando-se o ódio, o desespero, a necessidade de reparação, a ambivalência.*

Do que conseguimos perceber da complexidade do pensamento de Klein, e ligando esse pensamento ao de Freud e mesmo ao de Abraham, pensamos que, para Klein a melancolia será o lugar do paradoxo de uma agressão sustentada e internalizada contra o próprio sujeito. Parece-nos estar em causa, não só como a raiva contra o objecto perdido se transforma numa raiva contra o próprio sujeito, mas como a perda de um objecto é seguida da raiva e como a raiva pode comprometer as relações objectais futuras do sujeito.

Para Klein, o objecto que é perdido é introjectado, e essa introjecção implica uma interiorização do objecto como objecto psíquico, e esse processo de introjecção é percebido como estando ao serviço de *fantasias canibalísticas*. Este processo de

introjecção que para Freud tem como objectivo a preservação do objecto perdido, para Klein, ameaça a sobrevivência desse objecto, resultando desse facto a ameaça de uma segunda perda. Esta introjecção não pode ser sustentada devido a um excesso de impulsos canibalísticos do ego, *consumindo o objecto introjectado*, sendo o objecto novamente perdido como objecto introjectado, portanto, fazendo parte do sujeito. Abraham (1924), faz referência a este mecanismo de expulsão, introjecção, sem no entanto fazer referência à *insustentabilidade que este mecanismo representa para o sujeito e para o objecto*.

Quando o objecto é perdido, o sujeito não tem quem culpar da perda desse objecto a não ser o próprio sujeito, e segundo Klein, é esta mudança a responsável pelos sentimentos de culpa do sujeito. Em vez do sofrimento pela perda do outro, surge a raiva, causa e consequência da perda do objecto.

Quando o objecto passa para dentro do sujeito, com intenções de o preservar, fazendo com que passe a fazer parte do sujeito, há sempre também um movimento de destruição do objecto. Para Klein, a introjecção é um processo ténue e o objecto tornado sujeito através desse mecanismo, é periodicamente consumido, negado pela incorporação, ou expelido, negado pela externalização.

Quanto ao super-ego severo na melancolia, Klein fala de uma servidão psíquica a que o sujeito se submete quando lida com as observações cruéis do seu objecto amado perdido, agora parte do sujeito. Estas observações cruéis têm como objectivo quase suportar o sujeito na sua luta contra o ódio incontrolável contra o objecto introjectado.

Há na questão da constituição do super-ego uma diferença substancial entre Klein e Freud. Para Klein, a constituição do super-ego, não se dá para restringir o desejo libidinal, mas dá-se a formação de uma instância que torna apropriada a agressão primária e as suas consequências aniquilantes. O super-ego suporta o ego na sua luta contra o seu ódio incontrolável, procurando controlá-lo. Klein defende que todo o ego

tem o potencial para destruir todos os objectos que formam o mundo psíquico, e cada ego terá o seu super-ego, para controlar o sadismo do ego, já que esse sadismo pode levar à destruição do objecto, deixando o sujeito sem possibilidades de ligação, destruindo também o sujeito.

A ligação libidinal aparece quando o ego avalia os efeitos do seu sadismo, começando a desenvolver uma grande ansiedade em relação ao que pode fazer de mal ao objecto, já que o ódio pode a qualquer altura prevalecer, levando à destruição do objecto.

Segundo Freud, a agressão é dirigida ao objecto/sujeito porque o objecto foi perdido, e o sujeito, sofrendo o abandono, culpa o objecto/sujeito por esse abandono, mas tendo em conta as teorias de Klein, a agressão contra o objecto que foi perdido é indicadora de uma ambivalência primária em relação aos objectos, ambivalência essa que atinge o seu ponto mais alto quando o objecto é perdido, precisamente porque a perda e o destruir do objecto é o realizar de um desejo.

*“ Em Klein podem ser percebidas ressonâncias de Nietzsche, já que da mesma forma que Nietzsche proclama que é preferível desejar o nada, do que não ter desejo nenhum, também Klein coloca a condição melancólica no lugar em que mostra como precisamente o que está perdido, ausente ou morto, se torna, ainda assim, um objecto para convocar e manter .”. (Butler, J. 1998. Pp. 187).*

Abraham e Torok (1962), num texto sobre a introjecção e a incorporação, o luto ou a melancolia, dão-nos uma nova visão sobre o que atrás foi dito.

Em primeiro lugar defendem que a incorporação corresponde a um fantasma e a introjecção a um processo. Qualificam e pensam esse fantasma como um panfantasma, um fantasma chamado a esconder algo. Um fantasma como algo essencialmente

narcísico, que, mais que trazer prejuízo ao sujeito, ele tenta transformar o mundo que o rodeia. O faço de ser inconsciente significa, não que está fora do sujeito, mas que se refere a um tópico mantido secretamente. O fantasma adquire então um sentido preciso, resistir à mudança de determinado tópico.

Inseparável da conjuntura intrapsíquica (que tenta preservar) e da realidade metapsicológica (que reclama uma mudança), o fantasma deve ser duplamente eloquente na relação com o sujeito e no perigo que conjura. Deixando de lado os fantasmas da cena primitiva, de castração ou de sedução, falamos de fantasmas de incorporação: introduzir no corpo, reter ou expulsar um objecto, sob a forma exemplar de uma apropriação, que marca uma situação intrapsíquica fundamental: a que é criada pela realidade de uma perda súbita da parte do psiquismo. É por não poder “engolir” a perda, dizem-nos Abraham e Torok, que imaginamos que engolimos o que perdemos, sob a forma de um objecto.

Nesta forma mágica de reter um objecto, observamos dois processos conjugados: a des-metaforização e a objectivação. A cura mágica pela incorporação dispensa assim todo o trabalho doloroso do luto. *Absorver o que falta, sob a forma de alimento, imaginário ou real, quando o psiquismo este de luto, é recusar o luto e as suas consequências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que foi perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda.* O fantasma de incorporação lança assim no psiquismo uma lacuna, uma falha no lugar da introjecção.

Todas as introjecções têm como prenúncio as experiências de boca vazia, face a uma presença materna. Este vazio é experienciado com choros, como situações de apelo, e mais tarde através da linguagem, que chama o seio. A grande aprendizagem será o preenchimento com palavras o vazio da boca, um primeiro paradigma de introjecção. As palavras podem então substituir a presença maternal e dar lugar a novas introjecções. Assim o vazio oral original encontra o remédio para todas as faltas pela

sua conversão em linguagem. Introjectar um desejo, uma dor, é fazê-los passar pela linguagem numa comunhão de bocas vazias. Operar esta passagem é garantir que a presença do objecto dá lugar a uma auto-apreensão da sua ausência.

A incorporação só se dará quando o trabalho da introjecção, depois de começado, tem de parar face a um obstáculo proibitivo da continuação da introjecção. É porque a boca não pode dizer certas palavras que as transformará em fantasma, em inominável, a coisa ela mesma. O vazio da boca apela em vão a palavras introjectivas, mas é por não se poder alimentar de palavras que se trocam como um outro que o processo de incorporação começa, o único depositário do que não tem nome. A introjecção, então impossível, dá lugar à incorporação no momento em que as palavras da boca não podem encher o vazio do sujeito, introduzindo ao invés de palavras uma coisa em si mesma.

Segundo estes autores, uma incorporação, vocação nostálgica da introjecção, só tem lugar quando há uma perda súbita de um objecto narcisicamente relevante e indispensável, que pela sua ausência interdita a comunicação.

Tudo o que atrás foi dito parece-nos se uma outra forma de dizer a impossibilidade da falta, da falha, que permitiria os lutos necessários ao crescimento do pensamento. Subentendido, mas nunca dito está o terror pela perda do objecto narcisicamente indispensável, e o vazio e o sem sentido que depois de instala, e os mecanismos necessários a uma mente fragilizada para negar a impossibilidade da perda substituindo objectos.

Pensando em vazio, em desejo de vazio, e vazio esvaziado de desejo, em perdas, ausências e morte, surge-nos Grotstein (1999) e o buraco negro.

Segundo este autor, a teoria psicanalítica tem dependido exclusivamente do poder dos impulsos instintivos e as suas vicissitudes, procura então introduzir na teoria psicanalítica a experiência da força da impotência, do Nada, da nulidade, expressa não

só como vazio estático, mas como uma força implosiva e centrípeta para o vácuo. É dos poucos autores a pensar o sem sentido e o Nada, o primeiro como um conteúdo sem significado, no sentido dos elementos  $\beta$  primários de Bion (1962), e o segundo como uma matriz vazia, um continente do sem sentido. Ligado a estes conceitos, observa que os impulsos serão mensageiros de um estado de vazio angustiante, de uma fome, de um Nada à espera de ser preenchido com alguma coisa.

Apesar de Grotstein (1999), concordar com Klein (1935), sobre a origem inata da destrutividade primária, vai mais longe, no sentido de argumentar que o instinto de morte é também um veículo passivo de expressão relativamente à antecipação e à concretização da experiência devastadora do fenómeno do buraco negro. A actividade do instinto de morte pode ser pensada como uma dialética em que um dos aspectos transmite a pré-concepção inata e a percepção devastadora do buraco negro, como expectativa activada pela experiência, ao passo que o outro aspecto inclui os mecanismos pré-adaptativos de agressão e protecção do self, utilizados para lidar com os ciclos predador/presa, presença/ ausência sugerimos nós. Segundo Grotstein, o derradeiro significado do instinto de morte será a sua função de fornecer sinais de angústia para detectar a emergência do Nada e do sem sentido não modulados que se apresentam como desintegração do self a partir do interior.

A fenomenologia do Buraco Negro não inclui somente uma implosão passiva súbita no nada e no sem sentido, ela também inclui uma combinação activa de voracidade e inveja provocando uma introjecção maciça de objectos, os quais são depois submetidos a uma compactação e desintegração ainda mais maciças.

A modificação de Grotstein das perspectivas freudianas e kleinianas pretende sublinhar que os impulsos constituem não apenas forças irruptivas, mas também significantes semióticos, constituindo-se como significação pessoal, cuja recepção bem sucedida permite a continuidade evolutiva do self, e a recepção mal sucedida causa a

estagnação do self, e requer a activação constante de medidas de auto-regulação primitiva em vez de fomentar um funcionamento simbólico produtor de crescimento.

Grotstein notou em pacientes que sofrem de perturbações mentais primitivas, uma *vulnerabilidade mental à detecção de aleatoriedade e de sem sentido*. Face à possibilidade da sua presença, substituem-na por cenários de colorido arcaico, devastadores, para prevenir que as suas mentes se dissolvam no Nada.

O sem sentido e o Nada, serão o resultado da *incapacidade do sujeito conceder significação, valor e importância aos objectos, cuja introjecção normalmente preenche o sujeito de significação e valor, e da impossibilidade de fazer o luto pela perda de um objecto cujo valor e significação transcendem a ausência*.

Grotstein explora os conceitos de nil, nada e sem sentido como entidades primárias e secundárias.

O nil, como entidade primária ocorre antes da experiência, independentemente dela, são as chamadas anorganizações; como entidade secundária, como desorganização, pode dever-se à concretização de fantasias, de se haver atacado e destruído a bondade e/ou significação do objecto, com a subsequente internalização deste objecto danificado, seguida pela identificação com ele; aos efeitos da privação ou carência extremas, incluindo todas as experiências traumáticas e pós-traumáticas.

O sem sentido, tem a sua melhor expressão no conceito de *desinvestimento*, a retirada de significado ou de significação a um objecto e o seu retorno ao eu.

Pode ser primário, à priori da experiência, surgindo do infinito informe e profundo, do vazio originário que aguarda o cumprimento e a realização da experiência, representando o nosso potencial independente de significação ainda não utilizado mas que existe potencialmente até ser evocado; ou *secundário, como subsequente a uma retirada, a um desinvestimento da experiência, resultando de um virar de costas à experiência*, regressando ao vácuo de não se ser suportado por uma presença de fundo

da identificação primária, por exemplo um bebé ao sofrer uma vaga de sem sentido primário sem ter um continente que faça um ajustamento sincronizado entre a imersão na vida e o emergir do seu caos interno, resultando numa desorganização, a queda num buraco negro de torturante nada, paradoxalmente misturado com os restos dos investimentos, agora desinvestidos.

Este desinvestimento da experiência conseqüente ao sem sentido secundário, à desorganização, *origina uma destruição de grande parte da capacidade do sujeito gerar sentido ou de o atribuir aos dados da experiência, introjectando objectos pouco sustentadores e continentes, os quais, por internalização e identificação introjectiva, atacam e destroem o que resta da sua capacidade para pensar.*

O nada primário será a matriz do sem sentido primário, um vazio que tem de ser vivido de modo a permitir a realização de experiências significativas. Tem como equivalente a negação do ser, correspondendo à negação do sentido no sem-sentido secundário, um *ataque aos vínculos*, no sentido de Bion (1959). É a matriz negativa ou o continente do caos, da aleatoriedade.

Grotstein faz uma distinção entre a experiência catastrófica do nada, a capacidade saudável de viver o nada enquanto ausência ou vazio, antecipando de forma contemplativa uma realização positiva futura. Ou seja, enquanto que o nada é saudável e desejável, no interior de um continente que lhe proporciona um contexto significativo, *o nada sem um continente constitui o Buraco Negro*, aproximando-se do caos e da aleatoriedade e pode invocar a insubstância para o seu preenchimento.

Diz-nos Grotstein que a capacidade para o bebé tolerar o nada vazio inerente às ausências do objecto, depende *de um acto de fé sobre o regresso do objecto.*

O nada é necessário para sustentar o regresso do objecto que se afasta permitindo o eventual desenvolvimento da constância do objecto através da aquisição do ciclo  $\leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\leftrightarrow$ . *A incapacidade de tolerar a*

*falta, segundo Grotstein pode degenerar em insubstância, conduzindo a uma queda ainda com mais custos para o sujeito no nada desintegrador do Buraco Negro.*

Começando por propor o nada e o sem sentido como o estado traumático fundamental, contrapõe a tese defendida por Klein (1940), colocando a hipótese de que o bebê nasce na posição depressiva de sem sentido primário, que trará ansiedades persecutórias e serão os mecanismos esquizo-paranóides que permitirão dar sentido à aleatoriedade inicial, modulando e regulando a inicial anorganização, prevenindo o desenvolvimento da desorganização.

O Buraco Negro, de que temos vindo a falar, é um termo experiencial que frequentemente era mencionado por pacientes que sofrem de perturbações mentais primitivas, sobretudo durante rupturas na vinculação, parece exprimir uma sensação catastrófica de descontinuidade do self, de uma queda no abismo, a vivência do sem sentido e do nada e representa o derradeiro estado traumático de desorganização, terror, caos, aleatoriedade, estando relacionado com a actividade e passividade do instinto de morte, podendo, segundo Grotstein, ser a sua mais apocalíptica manifestação. A experiência de Buraco Negro representa muitas vezes repetições e/ou continuações de um anterior estado arcaico de depressão primária devido à perda do objecto primário.

Em relação à génese do Buraco Negro, Grotstein fala em factores constitucionais, pré-natais, mas o sentimento de estar no Buraco Negro terá sempre como começo uma grave ansiedade de separação não acompanhada por uma suficiente individuação.

As descrições de buraco negro, sentimento de estar sem chão, fantasias e ilusões que produzem cenários adaptativos, enchem o buraco do nada, que resulta da vivência de uma separação prematura e anulam assim o seu sem sentido e a sua aleatoriedade, até ao momento em que a transitividade possa produzir uma estrutura mais sólida de self-objecto de vivência partilhada através da falha provocada pela separação eu-outro.

O Buraco Negro é sempre uma experiência potencial, relacionada com o instinto de morte, e compreende o aspecto mais arcaico e rudimentar da posição depressiva. Grotstein como já referimos, defende a hipótese de a posição depressiva anteceder e ser subjacente à posição esquizo-paranóide, os processos inerentes à posição esquizo-paranóide (clivagem, identificação projectiva, idealização e negação mágica onnipotente), organizam o caos ou a aleatoriedade implícitos na separação primária.

Grotstein encontra neste seu trabalho possíveis paralelismos entre a experiência de Buraco Negro internos (psíquicos) e externos (astrofísica), que nos parecem importantes para nos aproximarmos com mais segurança do significado psíquico do Buraco Negro.

A formação de um buraco negro astrofísico deve-se à falha de energia da estrela de neutrões, falha essa que surge como resultado da morte de uma estrela até então radiante – acompanhada do nascimento de uma supernova, para compensar o colapso de massa da estrela moribunda. O objectivo da estrela de neutrões é o de manter uma pressão interna suficiente para resistir ao colapso gravitacional. Grotstein observa para a psicose um fenómeno semelhante, após o colapso interno – uma implosão – e uma desorganizadora regressão acompanhada de introversão, tudo isto devido a uma falta de vitalidade interna, uma falta de investimento do self e dos objectos, que suporte a identidade do próprio enquanto self.

Uma das outras comparações é a rápida contracção a que se assiste na massa de uma estrela moribunda assemelha-se à regressão, implosão e introversão (com despersonalização, desrealização e desincorporação) de um paciente a viver um surto psicótico. A escuridão e no nada do Buraco Negro representa a morte da significação do self e dos objectos – o desinvestimento. O próprio buraco representa a consciência de um Nada que agora contém os fantasmas de sentido perdido, os elementos  $\beta$  primários e os objectos bizarros.

Um conceito da astrofísica que nos parece muito interessante para perceber as dinâmicas intrínsecas ao fenómeno do Buraco Negro é o horizonte de acontecimentos. É a linha divisória entre o espaço astrofísico normal e o buraco negro propriamente dito. Enquanto que fora do buraco negro a matéria segue as leis do espaço e do tempo, dentro do buraco negro, ao passar o horizonte de acontecimentos, a matéria rege-se por leis diferentes. Actua como uma membrana num sentido único em redor do buraco negro: os objectos podem cair através do horizonte de acontecimentos, mas nada pode sair dele.

Em última análise, segundo Grotstein, o horizonte de acontecimentos psicológico, poderia representar a fronteira entre os domínios da significação psicológica e do sem sentido, uma cadeia de ansiedade persecutória com o objectivo de fornecer narrativas que modulem o terror do Nada e do sem sentido no buraco negro, facilitando a sua transformação em sentido.

Grotstein possibilitou-nos pensar e organizar os temas do sem sentido e do nada, não como um vazio estático, um nada redutor, mas como uma força implosiva, centrípeta para o vácuo, para a morte psíquica, para os redutos dum buraco negro, continente esvaziado, mortífero, lancinante do sem sentido último. O nada que contém o sem sentido, o sem sentido que se aglomera e puxa pelo/para nada, e o torna cada vez mais monstruoso, e cada vez mais a mente vive com sentimentos de voracidade e inveja, provocando uma introjecção maciça de objectos, destruindo-se e desconstituindo-se de sentido para que possa sobreviver.

O sem sentido e o nada, resumidos no conceito de buraco negro, são o resultado da incapacidade do sujeito conceder significação, valor e importância aos objectos, cuja introjecção normal preenche os sujeitos de significação e valor. Esta incapacidade, resultado dos mecanismos de defesa usados contra a angústia do Buraco Negro, faz com que a mente se vá alimentando de maus objectos, persecutórios, sem que uma “boa introjecção” possa ser feita, já que não são possíveis os lutos pelas perdas de objecto.

Este é um ciclo que vai esvaziando a mente, levando-a para o vácuo de um espaço interno que implode, que de nada faz sem sentido, e do sem sentido faz um nada, que impede que o sujeito possa conter dentro dele bons objectos, para que os pudesse usar na luta contra a máquina infernal de construção de sem sentido e de nada. Nada de bom de fora do sujeito pode entrar e permanecer como bom objecto, caindo logo no vácuo do nada e do sem sentido, sendo logo transformado em objecto persecutório, a abater.

O desinvestimento aparece como o resultado de toda esta vivência de nada e de sem sentido, como protecção contra a loucura de nada poder ser bom, nem de poder permanecer dentro. Retirada de significado ou significação a um objecto e retorno ao eu, destruindo progressivamente a capacidade do sujeito atribuir sentido aos dados da experiência, introjectando sistematicamente objectos cada vez menos sustentadores e continentes, os quais por internalização e identificação introjectiva atacam e destroem o que resta da capacidade para pensar. Como um vírus de sem sentido, que por um lado, vai cada vez mais aumentando os nadas, os vazios, destruindo todos os bons objectos que pudessem dar alguma sustentabilidade ao mundo interno, e por outro lado, fazer com que o mundo externo pareça cada vez mais ameaçador, já que a capacidade do sujeito atribuir sentido ao mundo externo vai sendo também destruída.

No entanto, Grotstein fala-nos também no nada necessário para sustentar o regresso do objecto quando se afasta, permitindo o desenvolvimento da constância do objecto através do ciclo  $\leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\leftrightarrow$ . Quando há uma incapacidade, quando é impossível tolerar a ausência, a falta, quando os lutos não podem ser feitos, a partida toma o lugar da falha, a insubstância resultante da partida, da ausência do objecto, dá origem ao buraco negro, o nada como continente de sem sentido, a sensação catastrófica de descontinuidade do self.

Face a este sentimento catastrófico para o self de descontinuidade, são activados mecanismos de defesa da posição esquizo-paranóide, como a clivagem, a identificação

projectiva, a idealização e a negação mágica onipotente, tentando dar sentido à experiência de aleatoriedade, de caos, de sem sentido e de nada. No entanto, são estes mecanismos que farão aumentar mais ainda os sentimentos de que o sujeito se pretende defender. Esvaziando ainda mais o nada, tornando o sem sentido ainda mais desprovido de significação.

E o que pode acontecer quando pensamos? O que acontece quando sujeito é capaz de pensar a ausência do sujeito, e estabelecer vínculos, relações no lugar da ausência, esperando, desejando que quem partiu regresse?

Carlos Amaral Dias (1999), retomando e alargando o pensamento Freudiano e Bioniano, pode ajudar-nos a pensar o outro lado dos buracos negros, ou os buracos, que se pensam.

*“A constituição do sujeito é penosamente o lugar da consciência da separação do outro. Penso, logo existes. Pensar é esta relação com a existência do outro. Pensar é a costura que se faz em cima do nada”.* (Amaral Dias, C. 1999, Pp. 35).

A consciência da dependência, da necessidade de satisfação, é também o lugar de um sentimento de dependência, o sujeito está separado do objecto, ou seja, a necessidade de satisfação depende absolutamente do outro. Esta dependência absoluta em relação ao objecto e a consciência dessa dependência cria um sentimento de estar em desamparo: *Hilflosigkeit*, para Freud, e que Amaral Dias (1999) traduz por desamparo originário. O que se liga é o que está irremediavelmente perdido, o que não pertence ao sujeito. Eros, a ligação, é (pro)posto como o caminho que elabora o insuportável da dependência do objecto, da insuportabilidade do desamparo.

A questão do não outro, da separação é a questão que passa a estar em primeiro plano, assim como a distinção radical entre o negativismo e o negativo, ou seja, os que persistem na falta e os que podem viver na ausência, transformando-a.

Segundo Amaral Dias (1999), é da capacidade para estruturar o negativo, para estruturar a ausência, não deixando o sujeito mergulhar no desamparo, que depende a estruturação do psiquismo. Sendo o desamparo condição, a fundamentação do sujeito será feita no lugar da elaboração desse desamparo.

Como paradigma dessa elaboração, dessa estruturação, Amaral Dias (1999) apresenta o jogo da bobine, Fort-Da. Se antes a criança dependia da ausência e da presença da mãe, agora, através da bobine, a criança faz aparecer e desaparecer o objecto/mãe. No lugar do objecto passa a haver uma comunicação simbólica com o objecto. Mas para que seja possível essa comunicação simbólica, o objecto foi tomado como irremediavelmente perdido. A comunicação simbólica toma então o lugar do objecto perdido.

Perante a questão do nada, do vazio deixado pelo objecto, pode ser criado um lugar, onde se resolve um problema sacrificando o objecto. A bobine não é a mãe, a bobine, é um lugar fundado em cima da não mãe, como o sacrifício do objecto, para que seja possível a comunicação simbólica. O símbolo só pode estar no lugar da separação, não da união, no lugar em que se aceita radicalmente o objecto como objecto perdido. Quando se aceita o vazio, o nada deixado pelo objecto.

A constituição do sujeito, será então o lugar da consciência da separação do outro, a costura que se faz em cima do nada deixado pelo objecto que nunca existiu como pertença de sujeito.

O problema do desamparo será a tentação de retornar ao estado originário, pela pulsão de morte, onde a dor da separação não existe, ou a possibilidade de abdicar do objecto, pensando, transformando, construindo costuras, ligações sobre vazios. A

relação passa desta forma, a ser não da ordem da presença, mas da ausência do objecto, da sua perda. O símbolo não substitui o objecto, antes, o símbolo é o nothing, o nada, o vazio, sob a forma de pensamento.

#### **Quatro: Mulheres Pobres, quem quase, mas não ainda, vai desistir. Vazios**

Chega a hora de juntarmos todos os pensamentos por aqui espalhados e partir num trabalho também ele de procura, de desejo de encontro de um objecto de compreensão que nos possibilite transformar o que nos foi dado a ver na experiência de trabalho de quatro anos num Projecto de Luta Contra a Pobreza.

Pensamos as mulheres que observámos pensando Deméter: o seu despojamento, a sua procura e a sua desistência, o caminhar procurando, perdendo nessa procura, sempre e cada vez mais, as capacidades progredientes que ajudassem ao (re)encontro com o objecto perdido, o reencontro com as possibilidades que o pensamento permite: *que a partida do objecto não seja o lugar da morte do objecto e do sujeito*, que as partidas, de sujeito e de objecto, permitam na distância manter presente o que não está, confiando e desejando o regresso, e a transformação inevitável de ambos após a separação.

Delineámos o caminho feito por Deméter, o caminho da união onnipotente – quando um contém em si o outro, e assim se torna mágica, criadora e infinitamente fértil e fecunda – à perda dessa parte de si. Após essa perda, abre-se uma ferida, buraco infinito que suga toda a sua energia, em lutas que apenas parecem servir a *desvitalização*.

Surge perante nós o buraco negro da melancolia, esse vazio que suga toda a vida psíquica, a sideração das capacidades progredientes, os *movimentos de desvinculação e desligamento, o retraimento num refúgio mortífero e aniquilante*. A pulsão de morte sem máscara, sem medo de se exprimir, como diz Freud (1917), sem vergonha. Impossibilidade.

Deméter sucumbe. Tal como nos parece que as mulheres pobres e empobrecidas, interna e externamente sucumbiram, algumas, tal como Deméter, parecem *procurar*

*algo que preencha o vazio deixado pelo objecto* tal como o objecto e o sujeito o deixaram, não imaginando nunca a necessária transformação ocorrida nos contornos do vazio deixado pelo objecto, e a transformação no objecto por ter deixado o sujeito. Ficando então na procura, *confrontadas e paralisadas pelo vazio deixado pelo objecto*, não parecendo estar preparadas para o reencontro com o objecto perdido transformado. E é esta a procura, o desejo e a morte do desejo, a sua energia e o seu esgotamento.

Sem poderem viver na ausência, ou na condição da transformação, do pensamento e do crescimento, *persistem na falta, procurando o não ser como salvação*. O deixar-se ir, o deslizamento interno e externo, a implosão psíquica, o esgotamento de si na procura de outro. É a diferença entre a ausência e a falta, o negativo e o negativismo enlouquecido da melancolia, a pobreza do desejo e a mediocridade do pensamento.

Em cima do vazio deixado pelo objecto, pela falta, Deméter não poderia nunca pensar o objecto-Perséfone-parte dela, tal como intuímos que as mulheres com quem trabalhamos não o possam fazer em relação ao que de si perderam, o desejo, parece-nos, é o desejo do encontro com o objecto perdido, *numa perpetuação de uma relação de objectos mortificados*, já que um e outro fazem parte de um só. O desejo inevitável é o de retornar ao estado originário, fusional, pela mão da pulsão de morte, lugar *onde a dor e a separação não existem*, nem o pensamento, nem o crescimento, nem a verdade da/na relação.

Mas sem dor e sem separação, sem frustração e sem pensamento, temos um *continente/sujeito fixo e imutável* e temos conteúdos/objectos/outros *sem espaço para existirem e se transformarem*.

Continente/Deméter/mulheres sem *tolerância ao infinito das partidas* e dos regressos, por o temerem, conteúdos/objectos/outros asfixiados e sempre em fuga.

Relações de encaixes obrigatoriamente fixos, cristalizados, imóveis e imobilizados, imobilizantes e desejanter apenas de união (in)finita e asfixiante.

Após a perda do objecto, o objecto cola, argamassa, não permite maleabilidade, ausência e presença. A quase morte psíquica.

Deméter permitiu-nos assistir a todo o processo, da união infinita, à perda, à procura enlouquecida, procura sob a égide da pulsão de morte, desmascarada, sem medo de implodir definitivamente e sugar, como foi sempre sugando no caminho percorrido, todas as potencialidades fecundas de Deméter. Com as mulheres com quem trabalhámos, assistimos só à procura, mas sabemos que algo se terá perdido, e o caminho, ao contrário do mito, não terá o (re)encontro possibilitado pelos processos de luto, e pelo pensamento. Pelo contrário, Demofonte será o substituto de objectos perdidos, nenhuma será apanhada e denunciada pelo fogo da pulsão; e os templos permitirão sempre, não o pensamento, mas a continuidade enlouquecida da procura, e da passagem de poderes, muitas vezes, de mães para filhas.

Serão sempre ferida *aberta, contornos de um espaço vazio*, por preencher, nunca cicatrizada, nem pensada. A intolerância à dor do fechar da ferida, a *intolerância ao luto*, que daria a possibilidade de tolerar a dor do vínculo perdido, mas possivelmente restaurado, a incapacidade de o fazer, e a *vinculação ao espaço deixado vazio pelo objecto*, que é um espaço no e do sujeito. Espaço que é atacado, ferido, também ele de e pela morte.

O desejo único e incapacitante de *regressar ao sítio do vazio*, onde imaginam que aí se poderão juntar a tudo, por impossibilidade de tolerar a espera, de a conter, e de a renovar.

Avançar, continuar, prosseguir, a solidão. O desamparo e uma ferida que não fecha e uma ferida que continuamente é aberta, e sangrada, porque *a cicatriz não é o objecto perdido*. A sombra de um objecto perdido, que falta, o vazio e a falha. A

impossibilidade de manter o continente flexível e desejante de um novo conteúdo/objecto, a possibilidade de esse novo objecto transformado servir ao desejo e à mudança do sujeito que espera, vive e mantém, pensando o objecto, transformando-se.

Se a ausência, a perda e a falha em Deméter e nas mulheres pobres que vimos, passam a ser o lugar do insuportável e do desamparo, o sujeito só pode *condenar-se à dor de nunca perder*, de nunca desejar, nem transformar.

Assistimos no mito à activação de todas as *defesas maníacas* face à perda do objecto/Perséfone, a onnipotência, a negação, a resolução mágica da falta e da falha, substituindo o outro perdido, fazendo-o equivaler a tudo o que possa tomar o seu lugar e o seu espaço. As tentativas *de absorção, de incorporação*, que outros pudessem ficar dentro de Deméter, dentro do buraco negro de sem sentido, de nada, que se organizou à volta da perda da parte feminina, viva e desejante.

Perséfone passa a ser um buraco que sangra e que deve ser preenchido. Nada mais que um espaço a ser preenchido, com objectos que se absorvem, que se incorporam, para que o infinito da criação onnipotente possa continuar.

No entanto, o que fica da activação destes mecanismos de defesa, é a *anulação da diferença sujeito/objecto*, é retirar ao objecto perdido todo o valor de sujeito, reduzindo-o a um qualquer outro, desde que encha o vazio. A anulação e a *negação da diferença*, da alteridade, do diferente, fora de sujeito que se afasta, que existe para além do lugar que lhe é dado pelo sujeito.

Depois do caminho do nada e do sem sentido, de feridas que sangram, de *objectos que se tentam substituir*, de faltas que tentam ser negadas, depois do caminho de Deméter, o caminho interno que percorreu, dá-se o (re)encontro de sujeito e objecto transformados. Deméter aceita não ter sempre o objecto, aceita que terá que o perder para de novo o encontrar. Aceita o caminho do luto, da ausência e do pensamento. Algo aconteceu com Deméter, dentro de si, que a permitiu aceitar a presença de um

verdadeiro objecto, externo a si, e a sua ausência, fazendo o luto e esperando, com o desejo em fundo, que o objecto voltasse.

É uma viragem numa mente intolerante ao pensamento, ao vazio, às diferenças e aos afastamentos, é uma mente que pode agora chorar, sofrer, pensar a ausência de Perséfone, pensando realmente nela e na sua ausência. Esperando, enquanto do dia se faz chuva, e da chuva noite, e da noite dia e escuro e chuva outra vez. Esperar, vendo a terra sem frutos, infértil, mas preparando-se para poder receber. Não tentar contra tudo e contra todos, e contra si própria que o Inverno da ausência do objecto entrasse em si. Tudo pára nos meses em que se faz o luto, em que objecto se afasta, para de novo regressar e de novo trazer fecundidade à terra e a Deméter.

Algo que imaginamos difícil, se não mesmo impossível, para as mulheres com quem trabalhámos. As mulheres pobres, a elas não foi nunca prometido, nem elas *nunca poderiam aceitar a promessa* que, após uma ausência se daria um (re)encontro.

(Re)encontrar implica o afastamento, a ausência, e de novo a presença. O afastamento, a ausência têm sempre a marca da morte, do vazio aleatório do nada, *da perda de si próprias* nesse afastamento, nessa ruptura, que é um rasgar em si próprias.

Era provavelmente necessário todo um novo mito de Deméter para cada uma destas mulheres, todo um caminho no vazio, no *escuro implosivo da ausência até ao acto de fé no regresso*. Até que tolerassem não ser tudo, e mesmo o outro, até que o pensamento, e o desejo de algo novo pudesse ser mais que objectos que se engolem, que se tentam equivaler ao que se perdeu. Destruindo o objecto agora incorporado e *esvaziando cada vez mais* o sujeito. Tal como o único castigo dado por Deméter a um jovem que se atreveu na floresta sagrada: quanto mais comia, mais esfomeado e magro se tornava, a ponto de nada mais o poder saciar; acabou por ir mendigar para as ruas, onde chegava a devorar lixo.

Pensando Deméter e pensando as mulheres com quem trabalhámos, pensamos novamente no que nos parece ser uma correspondência entre a forma como vivem, a *pobreza que sustentam, e a aridez, a pobreza de recursos, a infecundidade do seu mundo interno, o vaguear assombrado, sem recursos que possam fertilizar a terra*, que agora sabemos morta, e dela possam surgir pensamentos, lutos, desejos e transformações.

Colocamos as mulheres que pensamos no lugar da procura de Deméter, lugar de desapego, desamparo, de loucura, de procura asfixiante de algo que não pode ser encontrado, algo que não é o que se procura. O lugar da procura de objecto, de algo que preencha, que *anule o vazio insuportável*. E é de vazios insuportáveis que falamos, de vazios implosivos, da incapacidade de estas mulheres concederem significação a outros, de *impossibilidade de fazer lutos, de conter perdas, pensá-las e transformar*. Desinvestimento, aridez, pobreza, desamparo, procuras, encontros, substituições, ciclos partida, vazio, antecipação vazia, regressos impossíveis, já que tudo se imobiliza e sucumbe ao vazio.

Ciclos que se imobilizam no momento da partida, e produzem nada mais que *desinvestimento, sideração, paralização* face à perda, que a espera, não pode ser contida. Lutas enlouquecidas contra o vazio, contra o objecto que falta, contra elas próprias, a negação, a incorporação, a onnipotência, outras formas de dizer nada existe que eu possa perder. Nada pode ser diferente do que eu sou, ou eu sou tudo, basto-me, alimento-me ou não me alimento, vazio vago de desamparo e desapego, o deslizar, a implosão, vazios que ainda ficam mais vazios. Mortes sem luto, fantasmas que assombram e impedem novas vidas. Desejos de nada, desejos de morte do outro, que *nada pode existir diferente do que sempre foi sentido*, nem nada pode ameaçar outra perda, outro espaço em falta, outra ferida que não pode nunca cicatrizar.

Ausências, mortes, partidas, faltas, mortes sem luto, ciclos em linha recta entre a partida e a perda e o vazio, e o vazio, e o vazio, e o vazio.

## **Cinco: Olhar o Vazio. Objectivos do estudo**

Temos, aqui chegados todos os instrumentos que o pensamento nos deu, e que o pensamento de outros nos permitiu pensar, para podermos, no meio do vazio, produzir novos pensamentos. Pensamentos esses que por agora serão perguntas, feixes de luz negra, que nos permitirão lançar o caminho do (re)encontro, esperamos, de novas perguntas, de fins que serão princípio, novos (re)começos. E desejo, desejo de que o vazio do não saber ainda e da dúvida nos permita o desejo de, de novo, poder (re)começar, até que algo se construa, para se (des)construir de novo.

Procuramos pensar o percurso feito entre a onipotência, a presença permanente e o reconhecimento da falta, o tolerar a ausência desejando o (re)encontro, procuramos *significar o sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar.*

Qual o lugar do sujeito? E que objectos serão estes que parecem também não ter as qualidades ou as condições para serem agarrados e pensados? Que mundo interno? Que vazio? Como se sustenta? Como se existe e se insiste assim? Como emerge o Outro, qual o lugar do Outro? Qual o investimento no Outro?

Tomamos como ponto de partida *uma intolerância ao vazio* que permitiria o pensamento, *vazio esse que inunda*, que implode todas as capacidades. Face ao vazio, que nada mais é que tudo o que as rodeia, *como se confrontam com um novo objecto? O que sai desse encontro?*

A *avidez*, e todo o seu continuo da sua existência, que esvazia, à sua extinção, *desinvestimento* máximo, até de objectos que mesmo mortíferos, não se podem, ou não se querem mais incorporar. *Em que ponto desse continuo estarão os sujeitos a ser pensados?*

Haverá possibilidade de encontro? Um encontro menos mortífero, onde *um outro objecto possa ser reconhecido*? Ou o encontro *será o lugar do desinvestimento e/ou de movimentos de desvitalização*?

E quais as qualidades desse encontro? O sujeito *pega no objecto, agarra-o*? Ou *tenta pegar nele de mãos fechadas*? Há espaço no sujeito para um novo objecto?

E quando o objecto é agarrado? Quais as consequências desse encontro de sujeito de vazio e um novo objecto? Que modificações sofre o sujeito e o seu vazio? E o objecto mantém-se *como outro diferente ou é assimilado e depois destruído*? E que *rastos poderemos observar desse objecto*? Que tipo de objectos sairão desse novo encontro, que qualidades terão?

A impossibilidade do ciclo  $\leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\leftrightarrow$ , pela intolerância ao vazio, que é morte de sujeito e objecto, possibilita no entanto o ciclo esvaziante e enlouquecido, mortífero para sujeito e objecto *partida/ausência  $\approx$  perda, catástrofe, vazio, falha  $\rightarrow$  procura-se  $\rightarrow$  o vazio não existe, outros substituem outros, os outros não existem  $\rightarrow$  esvaziamento  $\rightarrow$  perda, catástrofe, vazio, falha  $\rightarrow$   $\infty$*

Que sujeito é este intolerante ao vazio, que é morte? Que objectos são os que por ele são agarrados, absorvidos? Que movimentos há nesse agarrar? Os objectos são agarrados? Quais as qualidades do apego ao objecto?

*Que sujeito? Que objecto? Que vazio?*

Tendo em conta a especificidade dos objectivos que nos propomos atingir, parece-nos que só um instrumento igualmente específico nos poderia permitir responder às perguntas que temos vindo a colocar.

O Rorschach apresenta-se-nos como um instrumento privilegiado de avaliação psicológica, ocorrendo sempre num contexto clínico, no qual se cria uma relação específica e singular entre dois sujeitos. Esta relação é então mediatizada pelo Rorschach, visando aceder, ao funcionamento psíquico do sujeito. Mas o Rorschach

possibilita-nos, assim o queiramos, muito mais: permite-nos clarificar a natureza e as modalidades de funcionamento que caracterizam a forma como o sujeito vive e se vive na relação consigo e com os outros.

Entendemos que a actividade mental subjacente e que intervém no processo-resposta Rorschach, supõe uma actividade de ligação, transformação e criação construído entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto, organizada numa relação onde obrigatoriamente participa a intersubjectividade.

*Como ligar, transformar, criar, quando tudo é vazio? Como definir interno e externo nestes sujeitos, já que interno é buraco negro que suga, e externo é tudo o que pode servir para preencher este buraco, esvaziando ainda mais o sujeito.*

Este processo, de acordo com as teorias das relações de objecto e das transformações, *viabilizará o acesso às significações, à simbolização e à criação de novos objectos.* Que novos objectos serão estes? Serão novos? Que qualidades terão?

Como será essa simbolização, a subjectivação, que implica o aceitar do vazio, *que expressão terá no Rorschach a intolerância ao vazio?*

Se pensarmos no processo de resposta Rorschach, como um processo que provoca um sentimento de caos, de dispersão, de vazio de sentido, como lidarão os sujeitos com estes sentimentos de vazio, a esta *necessidade de criação e transformação?* Que mecanismos serão usados, face a este novo objecto que será apresentado, face à sua dispersão e face à necessidade de dar uma resposta, que dê sentido a este novo objecto?

Como será possibilitado ao sujeito o deixar-se ir, a expectativa negativa, face a um novo objecto?

## Seis: Com um archote numa mão. A outra mão vazia - o Rorschach

Pensando o Rorschach como o instrumento escolhido para olhar o vazio, percorrendo os movimentos de desvitalização, de sideração, mas também olhando e procurando algo que possa dar conta de uma saída, mesmo que ténue, para o vazio.

Como instrumento de longa tradição clínica, o Rorschach estabeleceu-se em torno de dois paradigmas: de um lado, encontramos um paradigma centrado sobre o empirismo, que privilegia o quantitativo e promove o acesso a tipologias; de um outro lado, um paradigma que se funda nos pressupostos teóricos psicanalíticos e que portanto, tem como bastiões fundamentais a compreensão, a interpretação e a significação.

A Psicologia Clínica, sendo a disciplina que melhor poderia descrever tudo aquilo que diz respeito às modalidades do funcionamento mental, acaba por cair muitas vezes na facilidade da busca incessante das dimensões patológicas, subestimando as dimensões de adaptação e integração que por detrás daquelas que assentam num patológico, “seguro”, se escondem. O privilegiar do patológico “...é tão invasor que não se tem nenhuma atenção, não se explora, não se é sensível aos movimentos progredientes que, eventualmente se poderiam expressar...”. (Marques , 1994a. Pp. 432)

Não deve quanto a nós a Psicologia Clínica enquanto saber e ciência, julgar o que é vulgar, e suportável, e o que é invulgar, desviante, e portanto passível de ser corrigido.

O Rorschach em particular, e as metodologias projectivas, em geral, parecem-nos as que melhor e mais servem o que deveriam de ser os propósitos da Psicologia Clínica: captar e revelar o ser psicológico, conferir-lhe sentido, expressar o que de mais íntimo movimenta cada sujeito. Apresenta-se-nos assim, como um facilitador de um

processo que vai aquém e além do próprio sujeito, que necessita de ligar, para poder reencontrar um novo objecto. A forma de ligar, de (re)criar esse novo objecto, leva-nos à forma como o sujeito se cria, se move no(s) seu(s) percurso(s).

O Rorschach pode então ser utilizado no acto clínico como um instrumento privilegiado, no sentido em que “... *expressa e revela o espaço da mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro.*” (Marques & Aleixo, 1994. Pp. 460).

O Rorschach constitui-se como um instrumento que pode ser usado não só como técnica, mas também, como um método: a resposta Rorschach, emerge no seio de um contexto específico, num aqui e num agora, preciso e determinado, mediado por duas intersubjectividades. Cria-se a partir daqui um novo objecto com novas características e também dotado de qualidades internas e externas, produzindo-se, por conseguinte, um novo discurso sobre o sujeito, diferente do discurso inicial.

Sujeito e observador, num espaço de interpretações fundamentadas em teorias claras e precisas, envolvem-se agora num *trabalho de construção de significados e sentidos a partir da deconstrução dos mesmos, chegando à criação de novas significações e sentidos.*

Na situação Rorschach, o encontro e confronto entre sujeito e mancha, desencadeia no sujeito a mobilização de construções internas, a partir de uma experiência emocional interna significativa, possibilitando a designação de um símbolo, a formulação de uma resposta. Estabelece-se um processo de atribuição de sentido a esta nova experiência, que se desenvolve e é desenvolvida no seio de duas intersubjectividades, de um eu e de um outro, que procuram a construção de um terceiro, enriquecido e enriquecedor de sentidos e significações.

Através do processo resposta Rorschach, podemos aceder não só à natureza da constituição do novo objecto criado, mas também, quais os processos que o sujeito

utilizou e mobilizou na construção deste novo objecto, ou seja, à forma como a partir do *confronto com o outro, foi capaz de integrar, articular, ligar, transformar, criar e construir, um novo objecto.*

O Rorschach, induzindo no sujeito uma mudança catastrófica, vivida como *disruptiva, vai mobilizar determinados movimentos e processos de transformação, que ilustrarão a necessidade sentida pelo sujeito em estabilizar o seu pensamento, o que o conduzirá à (re)criação do objecto: à formação de símbolos – a resposta Rorschach.*

As transformações que o sujeito opera são de tipo projectivo, impondo-se de seguida, a transformação simbólica dos pensamentos em palavras, uma transformação que *nasce da presença do outro, da necessidade de comunicar, a necessidade de “alfabetizar” os pensamentos, através da simbolização, da substituição, da (re)criação do objecto perdido.*

Gostaríamos ainda de fazer referência a um belíssimo artigo de Marques, 1994a, onde compreendemos a situação projectiva - através do modelo de transformações de Bion - como uma situação catastrófica e como um processo de transformação.

Partindo do pressuposto que *“... a situação projectiva é uma situação que se define como o encontro de duas subjectividades, que irão construir uma intersubjectividade numa inter-acção singular e singularizante que interfere e cria a tarefa a levar a termo, isto é, interpretar, por exemplo, as manchas Rorschach.”*. (Marques, 1994a. p. 436).

Interpretar um teste projectivo pode ser visto como algo que *provoca o caos psíquico no sujeito, o que o leva a clivar e a projectar essa parte clivada para o exterior.* Será o psicólogo que deve conter essa parte projectada e, através da rêverie, começar o processo de formação do símbolo e do pensamento.

O sujeito contém em si a representação do objecto – as manchas Rorschach – e espera que o psicólogo lhe dê um continente/quadro, para que possa projectar essa representação – a resposta Rorschach – comunicada agora ao psicólogo.

A transformação em símbolos, o pensamento, que permite a resposta Rorschach é feita *através de um processo contínuo de união e integração do interno, com o externo, do sujeito com o objecto*. Esta união e integração, este trabalho de ligação dá-se numa relação com o objecto externo, que terá de possuir a capacidade para pensar.

É a reparação que nos dará conta desse processo de integração, no sentido que a reparação serve para restaurar o objecto como um todo, dando-lhe coerência, preservando assim a integridade do ego posta de certa forma em causa na situação projectiva.

A partir da reparação e da formação dos símbolos é que se vê como é reconstituída a completude dos objectos e como ocorrem os processos de integração. Podemos assim saber da relação da resposta com a verdade do sujeito.

É a partir da noção de situação catastrófica / caos psíquico provocado pelo confronto com a mancha que a autora estabelece uma nova compreensão sobre o processo de formação de respostas Rorschach.

Na situação de teste há um duplo confronto – a inter-acção psicólogo examinando e a interpretação de manchas sem significado – que dá origem a uma situação catastrófica, a um processo de transformação,  $T\alpha$ , dará origem ao produto resultante dessa transformação  $T\beta$ , que mostrará o original  $O$ , transformado. A partir da invariância do material que nos é fornecido conhecemos  $O$ , e, a partir de  $O$ , conhecemos o que o sujeito fez para transformar o original,  $T\alpha$ , e assim, compreender a natureza do sujeito.

*“As vias que permitem perseguir esse conhecimento ... só podem ser vias a construir, vias que operam como grupos de transformações na lealdade ao vínculo do conhecimento (K), isto é, sem mentira, sem subterfúgio”. (Bion, citado em Marques, 1994a. p. 432).*

Em relação ao *terceiro nível de análise*, iremos integrar as considerações teóricas da melancolia, do buraco negro e da pobreza/aridez/vazio internos, e pensá-las através do Rorschach, delineando para isso, procedimentos específicos de análise das respostas Rorschach.

## **Seis ponto um: Traçar o caminho. Formulação dos procedimentos de análise das respostas Rorschach**

Propomo-nos olhar os protocolos de Rorschach, tendo em conta três níveis de análise: o primeiro, considera os princípios estabelecidos por Rausch de Traubenberg (1970) e Chabert (1997); o segundo, tem em conta os estudos de Marques (1999) sobre a natureza da simbolização no Rorschach; o terceiro nível considera os procedimentos específicos nascidos dos objectivos estabelecidos para este estudo, ordenados fundamentalmente em torno das questões do vazio e da sua intolerância, e dos processos melancólicos.

Assim, tendo em conta *o primeiro nível de análise*, iremos abordar os estudos de Rausch Traubenberg & Chabert (1997), que dão conta da representação da imagem de si e da relação, através análise da inter e intra cartão, tendo em conta o nível de significação simbólica de cada cartão e do valor interpretativo consignado nos factores de cotação.

A análise intra cartão, com incidência na representação da imagem de si e das relações efectua-se através da identificação da tonalidade emocional presente, da evocação (ou não), da solicitação simbólica do material, da relação entre os modos de apreensão determinantes e conteúdos associados e, por fim, da identificação dos movimentos progredientes ou regredientes, testemunhos da eficácia (ou da não eficácia) dos mecanismos reparadores do equilíbrio perdido.

A identificação das problemáticas do sujeito, das suas características individuais – análise inter cartão -, ou das suas zonas de conflito – análise intra cartão -, permite perceber como o sujeito investe nos objectos internos e externos e estabelece relações; como o sujeito procede à ligação entre interno e externo, com a criação (ou não), de um novo objecto, pondo em evidência a actividade de pensar.

O modo como o sujeito se situa face ao Rorschach depende não só do seu sentimento de integridade, mas também da qualidade das suas relações objectais. É então através desta dupla orientação de representações que se pode analisar o conteúdo latente do material. Nestas representações, evidenciam-se, em relação à natureza da representação da imagem de si, elementos relacionados com a diferenciação sujeito e objecto – nos cartões que atestam para questões relacionadas com a identidade e a diferenciação sexual – nos cartões que evocam processos de identificação.

Em relação à representação das relações, destaca-se não só a natureza da integração das pulsões agressivas e libidinais que cada cartão evoca, do nível de conflitualização, mas também os movimentos adaptativos e estruturantes por eles suscitados.

Chabert, 1997, destaca duas dimensões importantes na análise perceptiva dos cartões: *a dimensão estrutural* – onde a simetria é o elemento de destaque pela sua presença em todos os cartões; e também dois critérios formais, salientando o carácter unitário/bilateral e o carácter fechado/aberto que os cartões exibem – e *a dimensão sensorial* – onde são diferenciados os cartões consoante as cores que apresentam, já que as solicitações e as reacções serão diferentes nos cartões cinzentos e negros, nos cartões onde o vermelho está presente e nos cartões com manchas de cor pastel.

Na *dimensão estrutural*, os cartões distinguem-se pelo seu carácter inteiro, maciço, unitário ou pela configuração bilateral, mas sempre organizados em torno de um eixo mais ou menos evidente e manifesto, sendo este mais visível nos cartões unitários – I, IV, V, VI e IX. Nos cartões de configuração bilateral, a simetria destaca-se pela repetição do duplo, do igual, em espelho, reflectindo as representações das relações.

É também possível agrupar os cartões mediante outro critério formal: o carácter aberto ou fechado. Distinguem-se, os cartões fechados – I, IV, V e VI – e os cartões

abertos – I, II, III, VII, VIII, IX e X. A partir deste critério objectivo, podemos evidenciar as determinações perceptivas e simbólicas que se desenvolvem a a partir do carácter aberto, oco, continente – I, II, VII e IX, com referências femininas/maternas – e por oposição, o aspecto mais fechado, compacto e associado a apêndices salientes – IV e VI, referências fálicas.

Na *dimensão sensorial*, isto é, tendo em conta as diferentes cores de cada cartão, distinguem-se os cartões cinzento-escuros – I, IV, V e VI – os cinzentos – VII- os negros-branco-vermelhos – II e III – e os pastel – VIII, IX, X.

Os cartões cinzentos escuro ou com o contraste preto-branco, quando atingem a sensibilidade do sujeito, dão origem a manifestações da ordem da inquietação, ansiedade ou angustia mais ou menos intensas, podendo ser explicadas, essas reacções, numa correspondência cultural de tristeza ou luto.

Exceptuando o cartão I, que pertence a um duplo registo fechado/aberto, os quatro cartões cinzento-escuro são compactos.

Os cartões com a presença de vermelho – II e III – pelo contraste das cores vermelho, negro e branco, tornam-se surpreendentes. A presença do vermelho é determinante na solicitação aos afectos brutos, isto é, na reactivação de movimentos pulsionais. Poder-se-ia evocar o vermelho numa relação com a sexualidade, com a agressividade.

Os cartões pastel têm em comum as tintas pálidas e filtradas o que lhe induz um papel reactivador de afectos, apesar da sua organização estrutural levar a uma diferenciação clara.

No Cartão VIII, tenta-se compensar o suposto choque ocorrido pela mudança da factura do material por uma estrutura relativamente clara, não havendo invasão de cores. Já o cartão IX, caracteriza-se por uma mistura de tintas, que se interpenetram, acentuada ainda pela presença de um branco azulado ao centro.

O cartão X, pelas suas características estruturais que o situam num registo fechado e simultaneamente aberto, torna-se também ambíguo.

Complementarmente, Rausch de Traubenberg (in Chabert, 1997), defende que a análise dos cartões deve conter três dimensões fundamentais: as características perceptivas do material, a tonalidade emocional e a solicitação latente mais característica.

Passaremos então, baseados nestas três dimensões à descrição dos dez cartões Rorschach.

Cartão I – a tonalidade emocional é geralmente disfórica ou neutra, podendo ser camuflada pelo apelo ao banal. A solicitação simbólica deriva precisamente desta situação de apresentação, de entrada no material, acedendo à relação do sujeito face ao desconhecido. Põe à prova a força do sujeito nesta situação, quer numa conduta dependente passiva, quer na mobilização activa e no máximo, as suas forças defensivas. A um nível menos evoluído, este cartão reenvia para a relação com a mãe pré-genital nos seus aspectos positivos e/ou negativos, podendo originar imagens de insegurança ou de ameaça.

Será importante, também, compreender o modo como o sujeito elabora o impacto com o desconhecido, que se desenha neste cartão, através do pensamento e da simbolização.

Cartão II – emerge, de novo, uma nova situação, pelo sobressair do vermelho, suscitando uma carga emocional que, de uma forma geral, é fortemente vivenciada no simples sentido do mal estar, do desconforto, de uma excitação positiva, ou reacção negativa.

A solicitação simbólica provém do conjunto de vermelho, branco e preto ou uma abordagem mais circunscrita das manchas vermelhas, do buraco branco ou do negro. O cartão II é bissexuado nas suas formas, podendo desencadear respostas específicas. Este

cartão introduz a relação pela sua configuração bilateral e juntamente com a solicitação pulsional que apresenta, será importante perceber como o sujeito integra ou não, o pulsional na relação, como se percebe e se liga, ou não, ao outro.

Cartão III – a reacção emocional é geralmente positiva, na medida em que permite uma certa descontração pela sua estrutura menos centrada e menos pesada, excepto quando a relação das personagens é problemática ou quando estas personagens pertencem a um mundo irreal. A disposição espacial das silhuetas humanas, que se dispõem neste cartão, impõe simbolicamente a necessidade de representação de si face ao outro, e o tipo de relação convergente ou divergente. A problemática da identificação pode também estar presente.

Cartão IV – a tonalidade emocional é quase sempre disfórica pois o negro pode provocar reacções de angústia ou de grande desconforto e mal estar. O facto do estímulo ser negro grande e disperso, a solicitação simbólica representa-se em imagens de potência, de força, de dominação e de autoridade, podendo gerar reacções negativas ou positivas, construídas numa imagem de si activa ou passiva.

O suporte perceptivo propõe uma construção corporal humana, através do qual o sujeito experimenta movimentos de identificação. Deste modo, este cartão pode reenviar para uma imagem super-egóica paterna ou para uma imagem materna omnipresente. Estas imagens serão melhor ou pior organizadas consoante revelam a integração de uma construção corporal delimitada e bem definida.

Cartão V – a tonalidade emocional é geralmente neutra, uma vez que o cartão está próximo da realidade. Pode gerar sentimentos disfóricos, se há persistência da reacção ansiosa ao cartão IV, mas poderá também gerar um sentimento eufórico, quando está presente uma valorização narcísica, ou um alívio, no reconhecimento de uma realidade objectiva.

Devido à condução simbólica do estímulo à realidade objectiva, este cartão comporta, pela sua factura unitária e celular, um apelo ao sentimento de integridade, à unidade do ego e/ou ao conceito de si. Este sentimento de integridade pode corresponder à integridade psíquica ou somática.

Cartão VI – a reacção emocional é normalmente negativa tal como ocorre no cartão IV. Este cartão é rejeitado com frequência. É muito carregado de implicações sexuais e apesar de apresentar um carácter bissexuado, é a dimensão fálica que é maioritariamente utilizada. A dinâmica actividade/passividade ou uma problemática de castração são elaboradas em respostas K ou em esbatimentos, independentemente das representações sexuais simbólicas.

Cartão VII – a tonalidade emocional reflecte o carácter inacabado e desarticulado do estímulo, acentuando quer uma reacção neutra, quer uma reacção negativa motivada pelo seu carácter frágil, inacabado e instável. Esta característica poderá determinar algumas dificuldades na delimitação entre o mundo interno e o mundo externo.

Este cartão remete para um simbolismo feminino e/ou materno, o que leva o sujeito a situar-se em relação ao sexo feminino, à imagem feminina ou à imagem materna em função da sua relação primária com a mãe, o que pode dar origem a cenários securizantes, abandonicos ou até mesmo destrutivos.

Cartão VIII – a tonalidade emocional é muito diferente, sendo muitas vezes positiva. Podem surgir também reacções disfóricas quando surgem imagens referentes ao interior do corpo, ao corpo deformado.

A presença da cor é considerada como solicitadora da comunicação, da troca, apelando ao exterior, à afectividade, à relação com o outro. Este apelo ao exterior também poderá ser negado e evitado, num recurso à negação da cor. As respostas podem ir no sentido da valorização narcísica, ou no sentido das preocupações somáticas

ou ainda, de uma vivência de destruição corporal. Podem ainda ser expressos sentimentos de fragilidade e de carência através da sensibilidade ao branco. As cores integradas numa resposta global podem possibilitar a criação de ilusões entre o dentro e o fora, expressando a perda de distância em relação ao impacto emocional suscitado pelo cartão.

Cartão IX – as reacções emocionais a este cartão são variadas, submetendo-se à capacidade e/ou resistência de regressão do sujeito para que apela o cartão. A própria estrutura do cartão, a sua abertura e o seu vácuo, a interpenetração das cores e os limites pouco claros, favorecem evocações muito regressivas.

Devido à ausência de elementos rapidamente estruturantes, a ressonância a este cartão é frequentemente intensa e raramente neutra. A solicitação à regressão pode ser sentida de forma positiva ou negativa, reenviando sempre o sujeito para uma simbólica pré-genital, podendo aparecer associada a fantasmas de gravidez ou nascimento.

Cartão X – a reacção emocional está ligada a dois aspectos: primeiro, trata-se do último cartão e por tal, a ruptura da situação pode ser sentida como alívio, satisfação ou como ferida; segundo, a dispersão do cartão facilita ou bloqueia as associações.

A solicitação simbólica depende da centração que o sujeito pode fazer, quer a partir das cores, pela dispersão ou pela importância do espaço branco. É um cartão de festa, euforia, ou fragmentação.

Chabert, 1997, propõe-nos ainda para a análise do conteúdo latente dos cartões Rorschach, uma dupla orientação: a *representação de si*, onde são destacados determinados elementos do material que reenviam à problemática da identidade, bem como a outros elementos que apontam mais para as questões da diferenciação sexual; e a *representação das relações*, que os cartões, pelas suas características, poderão pôr em evidência.

Como *segundo nível de análise*, encontram-se os estudos de Marques, (1999) sobre a natureza da simbolização no processo resposta Rorschach, fundamentados a partir dos conceitos de comunicação, interpretação e simbolização.

Para caracterizar a situação Rorschach, e o processo - resposta Rorschach, Marques (1999), desenvolve uma análise e uma fundamentação sobre a relação, a comunicação, a interpretação e a simbolização.

Todo o processo – resposta Rorschach está submetido a um factor ao qual se tem dado pouca importância – a relação. Há uma situação interpessoal onde estão presentes dois sujeitos e a um deles é proposta uma tarefa. Essa tarefa, parecendo simples, envolve elementos desconhecidos, que vão implicar uma mudança psíquica, havendo também a necessidade de se restaurar o equilíbrio. Este equilíbrio é alcançado através da criação de novos significados, tendo sempre como base a intersubjectividade.

A resposta, não emerge só da comunicação dentro do próprio sujeito, mas também da comunicação estabelecida entre o sujeito e toda a situação projectiva.

Marques, 1999, propõe, que o processo – resposta Rorschach seja concebido através da noção alargada de identificação projectiva, não (só) do ponto de vista patológico, mas a identificação projectiva mais no sentido de Bion, que permite a empatia e a comunicação entre o sujeito e o objecto.

O crescimento e o desenvolvimento do sujeito entendem-se como estando condicionados pelos processos de comunicação e pelas relações continente – conteúdo que, por sua vez, estão dependentes das qualidades psíquicas apresentadas pelo objecto externo, pelo Outro.

Marques, 1999, defende que o recurso exclusivo à noção de projecção não permite a compreensão de tudo o que se passa na situação projectiva. A identificação projectiva seria a noção que melhor daria conta quer da situação Rorschach, quer do processo – resposta Rorschach, pois a situação é constituída por um objecto externo, e

por uma relação que lhe serve de suporte, e todos estes elementos impõem uma actividade de comunicação entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto, marcada por uma confusão e indistinção obrigatórias, para que depois surja a separação, a diferenciação, o crescimento.

Atribuindo à simbolização um papel fulcral no processo – resposta Rorschach, Marques, 1999, salienta a natureza verbal das respostas que transportam uma imagem, sempre simbólica, abrindo assim portas à interpretação.

A situação Rorschach impõe a formação de símbolos, a criação de novos objectos “... *num processo que vai da desordem para o pensamento, conduz à criação de símbolos Rorschach, que se impõem dadas as características de frustração, de falta de significação, do sentimento de desorganização que emana da situação*”. (Marques, 1999, Pp. 234).

Em relação ao *terceiro nível de análise*, iremos integrar as considerações teóricas da melancolia, do buraco negro e da pobreza/aridez/vazio internos, e pensá-las através do Rorschach, delineando para isso, procedimentos específicos de análise das respostas Rorschach.

## **Seis ponto um ponto um: O templo – Esboços de continente para conteúdos sem sentido**

Chegamos à porta do templo. Evocando tudo o que tem sido pensado e escrito, imaginamos sair e levar connosco, para além de vazio(s), que permitirão a surpresa, alguns esboços do que imaginamos encontrar em dois protocolos de Rorschach. Iremos utilizar os princípios da Escola Francesa, referidos anteriormente, mas, como o objectivo é o de *significar o sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar*, necessitamos de mais.

Este objectivo obriga-nos assim, a ultrapassar, sem no entanto os esquecer, os procedimentos clássicos de análise do protocolo, necessitando de um continente que possa conter e contar o vazio de sujeito confrontado com a situação Rorschach.

Vazios face a um novo e angustiante objecto, que se tem de significar, transformar e (re)criar. Dar uma resposta. Dar um sentido, transformar. Pensar. O Outro Rorschach, o Outro que pede respostas. Tanto!

Tendo como pano de fundo o vazio que enche, sendo ao mesmo tempo um vazio insuportável, os sujeitos tenderão sempre a um apego excessivo ao real, sofrendo depois as vicissitudes da subjectividade que não conseguem sustentar.

Aprender o cartão de forma global, outro cartão, outro, sempre em G, explorar o quê, para quê? Que Outro? O desinvestimento. G's sucessivos, isto, mais isto, seguidos de D's e Dd's, exploração ávida da mancha, do Outro. Descobrir o Outro, procurar, procurar, de forma aflitiva uma forma que encha. Os pormenores que se perpetuam, os bocados de objecto que permanecem e invadem.

Os pormenores brancos, ignorados, espelho do vazio que é dentro, ou a amálgama, a junção e interpretação enlouquecida de branco, de vazio, que deve ser tapada, coberta com restos do que se foi agarrando.

G's associados a formas imprecisas, indefinições de sujeito e objecto, encher vazio, dando vazio.

Os detalhes, investidos ilusoriamente. Observar tudo, captar tudo, nada pode escapar ao sujeito de vazio. Objecto global que logo é retalhado e visto em todos os seus pormenores, um só não chega. E se forem muitos? Enche mais? A procura é insaciável, e mesmo depois de uma resposta mais ou menos adequada, que não chega, porque não dividir, e ter mais?

Claro que nenhum objecto pode permanecer formalmente sustentado, nenhum objecto pode resistir a tamanha avidez. E objectos que se vomitam, que se despejam em nome de uma procura que nada pode encontrar, não são nunca suficientes para vazios que sugam.

Esperamos, em sujeitos de vazio conformado ou em vazio da avidez, pouca capacidade de ligação entre mundo interno e externo, dificuldades e impedimentos de se situarem num espaço transitivo entre sujeito e objecto, que não é sujeito nem é objecto, e ao mesmo tempo é sujeito e objecto, as cinestésias, que dariam conta destas capacidades, mostrar-nos-ão, pela sua pouca utilização, as dificuldades e as impossibilidades de ligação, de transformação e de (re)criação de novos objectos novos. Vazio, sujeito, o outro que se desinveste, ou que serve para esvaziar mais ainda. Espaços de relação, de ligação, e de transformação, que são espaços de morte, de esvaziamento, de deriva face aos desejos de (re)conhecer algo para além de sujeito que é vazio e sombra de objectos que não estão, mas que se procuram.

Em relação à cor, do lado do pólo do desinvestimento, a introdução da cor, trará como que uma excitação sensorial, o que causará alguma estranheza ao sujeito,

que ignorará os detalhes coloridos, ou tentará integrá-los de forma desadequada na sua já pouco investida resposta. No pólo da avidez, a cor, especialmente os brancos, serão o lugar da desinquietação, do desconforto do não objecto, da procura de um objecto onde ele não está, do fascínio pelo vazio, pela ausência, que reforçará ainda mais uma procura sem objecto que se encontre.

Em relação aos esbatementos, principalmente os sujeitos do pólo da avidez podem permanecer indefinidamente na procura de um objecto que se esbate, que foge, que estava, mas já não está, mas ainda está, mas não todo. Para onde foi, o que pode ser isto? Grande ansiedade no confronto do sujeito com um objecto que é um pouco o espelho do vazio que se esbate dentro, de objectos que estão, deixam de estar, que se esbatem e se debatem face ao esvaziamento.

Em relação aos conteúdos, serão sempre inacabados, ou imediatamente perfeitos. Objectos bizarros, compactados, amalgamados, ou como que pedras, é isto, mais nada. Bocados de interno e externo de sujeito e objecto, objectos duros, cortantes, frios, assustadores e assustados, pouco consistentes no seu valor de objectos. Que conteúdos podem dar o desinvestimento, a avidez, as duas formas de vazio?

A realidade, a prova Rorschach, será investida, não na procura de um verdadeiro encontro com o Outro, descobri-lo, (re)significá-lo, mas como forma de encher o vazio que sentem.

Assim, os objectos criados e a sua sucessão será marcada, ou por um agarrar, agarrar, largar de novo, mantendo sempre um lastro do primeiro objecto agarrado ao longo do encontro com novos objectos. A sequência poderia ser: confronto com o novo objecto, agarrar, largar, pegar noutra objecto sempre com o rasto ainda do primeiro objecto, assimilando e absorvendo as características de um no outro, já que nada se pode perder, porque nada se pode agarrar.

Ou, encontraremos a sequência do esvaziamento, do desinvestimento em novos encontros, sem ligações, nem transformações, sequências de imagens empobrecidas: confronto com o novo objecto, agarrar, largar, vazio, agarrar, largar, vazio.

Serão protocolos de uma procura enlouquecida, de uma sucessão de objectos, que encham vazios, ou serão protocolos esvaziados, quase mortos na desistência face ao vazio de significados.

Pensamos que as respostas dadas poderão ser pensadas no contínuo que vai da avidez, sempre insaciável, ao esvaziamento. O novo outro que se apresenta, o Rorschach, sem significação atribuída, será, ora investido, procurando um objecto no sem sentido, no vazio de significação, procura enlouquecida, de algo que não se conhece, nem pode conhecer, ou, por outro lado, um desinvestimento na criação e na procura de novos objectos e significados.

E que objectos serão estes, os criados, encontrados, na procura em nome da avidez, ou a nomeação em nome do desinvestimento?

Pensamos em objectos compactados, desligados, sequências e sequências de nomes, objectos sem ligação entre eles, objectos moldados pelo real, ou coloridos e invadidos pelo interno que é vazio e morte, e vazio e morte.

Objectos significativos e expressivos do mundo interno. Pouco continentes, pouco objectos, no sentido da diferenciação e do trabalho necessário de ligação entre interno e externo. Objectos duros, bizarros, combinações estranhas, aridez de mundos.

Pensamos que face à presença de novos objectos, eles serão desprezados, desconsiderados, objectos sem qualidades que prendam o sujeito, que o interessem, que o encham de curiosidade, de desejo de descobrir, de dar sentido, novos significados.

A mancha Rorschach perderá características, não poderá haver nada no novo objecto/mancha que faça um apelo de descoberta no sujeito, nada poderá fazer com que o sujeito se prenda, se interesse, se ligue ao objecto mancha, de forma a descobri-lo,

(re)criando imagens e sentidos, no sem sentido que pede uma significação, uma integração, que pede que seja um espaço de significado no sujeito, e que o sujeito o possa comunicar a um outro, que escuta.

O sujeito irá num outro caminho para dar uma resposta, um caminho de vazio, de procura, de desespero por um significado, por algo que encha. O caminho, não será o da percepção, ressonância no mundo interno, projecção, comunicação da resposta. O objecto/ mancha percebido, sofrerá as deformações, ficará refém do mundo interno destes sujeitos, ou devorado pela avidez, e de novo devolvido, ou mortificado pela desistência, e de novo o vazio.

A percepção do novo objecto/mancha poderia ser ligação, vínculo, desejo de transformação e de novo, mas parece-nos que o novo objecto/mancha lançará o sujeito na estranheza, na incoerência, na lógica da dispersão e da procura enlouquecida de significados.

A forma como os sujeitos se posicionarão face à tarefa proposta, oscilará entre o pólo da avidez ainda existente, ou do desinvestimento: por um lado, uma excitação quase maníaca, uma sucessão de respostas, de significados, de imagens incoerentes entre elas, sucessões de objectos que possam encher vazios, manipulações do cartão, tempos de latência baixos, procura enlouquecida e esvaziada de objectos; por outro lado, uma forma mais passiva, agressiva e destrutiva, nomeação de objectos, poucos, os suficientes para que tudo termine rapidamente, sem presença efectiva e afectiva de sujeito, sem que o novo objecto/mancha suscite curiosidade, ou deslumbramento. Desistência, esforço, incapacidade de processos de ligação e transformação.

Sujeito e objecto pouco estarão presentes nas respostas dadas. O vazio instalado, ou a luta contra ele, parecem-nos as únicas presenças. Ligar, fazer passar novos objectos/mancha por dentro de sujeito que é vazio, buraco negro que suga, será esse vazio que inevitavelmente aparecerá na resposta final.

Acumular de respostas, isto, isto, pode também ser aquilo. Esperamos nessa sequência assistir sempre à degradação do objecto inicial observado. As ligações, a curiosidade que era desejo de saber, e conhecer, fica sempre condicionada pela aridez de um mundo interno que sabemos infértil. A procura enlouquecida, ávida, que nada tem que ver com o novo outro/mancha que se apresenta, ou o desistir mortífero, a inexistência de recursos, que impossibilita sequer a procura.

Estaremos igualmente, se não mais ainda, atentos, ao que poderão ser os movimentos de vida, de ligação, de transformação. Pequenas sequências que poderão dar conta de uma saída, mesmo que ténue, de um aceitar e desejar um outro, que possa ser pensado.

Tal como em Deméter, um dia foi possível o encontro. Que caminho poderá ser esse o do (re)encontro com algo que se procura e que se aceita como diferente, como Outro, sujeito e objecto de desejo?

O caminho interno – que pode ser pensado como o caminho ao longo dos cartões, na sucessão de respostas e encontros – da onnipotência, do não reconhecimento de outros, objectos que são iguais em tudo a tudo, ao vazio. A criação onnipotente, a sucessão maníaca de respostas, a produção infértil de imagens que se sucedem sem fim.

Até ao rapto do sentido: a presença de cor, um cartão mais aberto, mais vazio e branco, a perda. A perda de um outro/mancha que sustentava uma produção, um movimento louco, infértil, destrutivo, já que o objecto não era um outro.

A procura agora desenfreada, enlouquecida de objectos, algo que possa dar corpo ao vazio, para que se possa prosseguir, produzindo nada mais que coisas que encham o vazio e iludam o sujeito face ao que não tem, nem pode ter.

Procura de objectos que encham, que possam fazer com que a onnipotência da resposta, agora impossível, retorne, e objectos, outros, possam tomar o lugar de sujeito,

possam fazê-lo avançar, mesmo que avancem tão só para onde vieram, o vazio de dentro e de fora, o vazio de sujeito e objecto, o vazio das possibilidades de criação.

Alguma acalmia pode ser encontrada, face a objectos/templos com características mais contentoras, que possam temporariamente acolher e conter fomes e desesperos que são vazios de desejo de encontrar realmente. Mas o interno não os pode manter. Descobertas e reveladas as fragilidades de objectos que pudessem conter, que pudessem dar conta de caminhos de novas descobertas, de outros diferentes de sujeito, voltam as sucessões enlouquecidas de respostas, de objectos que enchem, de produção infértil.

Os templos de objectos que podem ser evocados, os templos onde podem parar um pouco, mas só um pouco. O templo do pensamento e da transformação revelaria o interno vazio, dormente, ávido ou desistente.

Até ao momento do (re)encontro, tolerando sujeito e objecto, início e fim. Aceitar que objecto seja presente e ausente, seja vários infinitos, e não só objecto que enche vazio. Que objecto seja desconhecido, dúvida, objecto de pensamento, de encontro e de ausência, de significação e de (des)significação, que sujeito respeite as suas características e o nomeie, sem que esse nomear seja nem perder o objecto, nem ganhá-lo para sempre. Que o processo de construção de significados, de respostas, seja um processo dinâmico e flexível, e possa ser de novo (des)construído e seja de novo dúvida e dispersão. Que um objecto, que uma resposta, possa ser agarrada e perdida de novo, que a angústia vinda da ausência de significado, de sentido, possa ser contida, não dando lugar de novo a uma procura onipotente de algo que nunca pode ser, nem estar, nem chegar a ocupar contornos de vazio.

O não sentido, a dispersão, presente no processo de resposta Rorschach, pode ser o início de um caminho onde sujeito só pode perder, e perder-se, ao perder sentido(s), ao iludir-se numa procura que tem apenas em conta o vazio, e o seu preenchimento.

Pode também ser o caminho de presença e ausência, de verdadeiros objectos que se nomeiam, que se procuram, num caminho do desejo do (re)encontro, de verdadeiros caminhos, sempre novos, sempre desconhecidos, que permitem a criação fértil, porque finita, porque objecto encontrado é objecto e sujeito, não apenas vazio que se quer esvaziar mais ainda.

Tal como Deméter, o sujeito pode caminhar numa sucessão infinita e infértil de respostas, de objectos que se criam, que enchem, até que algo denuncie a fragilidade dessa criação, que nada mais é que forma de anular diferenças, distâncias entre sujeito e objecto. Essa denúncia, a impossibilidade de criação infinita, deixa o sujeito no vazio de significado, e de sentido, na procura de algo que não se pode ter.

Pode também, e esperamos que nalgum momento o faça, caminhar no percurso do pensamento, da verdadeira criação e transformação. Pode significar, sem medo da ausência de sentido, pode procurar, desejando o (re)encontro, e outro diferente após a partida. Pode aceitar a dispersão, permitindo-se a sucessivos actos de fé no regresso do objecto e do sentido.

Serão estes os procedimentos, os pensamentos que nos acompanharão na descoberta de um outro. Pensamos poder significar os sentidos dos movimentos das suas respostas face a uma tarefa que sabemos à partida ser difícil, mas será para nós reveladora dos movimentos, dos percursos, das procuras em vazios.

Resumindo os procedimentos que nos orientarão, qual mapa, no caminho de dois protocolos:

Vazio face a um novo objecto (RCH) que se tem de significar

↙

↘

**Avidez**

**Desinvestimento**

<i>G's para encher o vazio. Continuar.</i>	<i>G's para encher o vazio. Parar.</i>
<i>D's como forma de dividir G e ter mais objectos</i>	<i>Poucos D's</i>
<i>Dbl interpretado como forma de delimitar e conter o vazio. Fascínio</i>	<i>Dbl ignorado. Evitar olhar o vazio que é dentro. Fugir.</i>

*Apego excessivo ao real G%↑, sofrendo as vicissitudes da subjectividade que não se pode sustentar*

*F%↑ e F+%↓*

*Poucos K. Dificuldade espaço transitivo onde não se é sujeito nem objecto, e ao mesmo tempo é sujeito e objecto.*

<i>Cor excitação maníaca. Dificuldade delimitação clara objecto (pastel). Branco provoca desinquietação e desconforto face ao não objecto. Fascínio pela ausência. Procurar.</i>	<i>Cor provoca estranheza. Dificuldade delimitação clara do objecto (pastel). Invasão sem capacidade de conter.</i>
<i>Esbatimentos evocam a procura do objecto que se esbate, que estava lá e já não está, ainda está...</i>	<i>Esbatimentos evocam uma delimitação difícil do objecto, desistência.</i>
<i>Objectos bizarros, compactados, amalgamas.</i>	<i>Objectos atirados como pedras, isto, isto, isto...</i>

*Realidade da prova investida não na procura de um verdadeiro outro, descobri-lo, (re)significá-lo, mas como forma de encher vazios.*

<i>Confronto com o novo objecto, agarrar, largar, pegar noutro objecto sempre com o rasto ainda do primeiro objecto, assimilando e absorvendo as características de um no outro.</i>	<i>Confronto com o novo objecto, agarrar, largar, vazio, agarrar, largar, vazio, agarrar.....</i>
--	---

## **Sete: Dois vazios (des)mobilizados na procura – Apresentação dos sujeitos**

Para este estudo, vamos observar os caminhos feitos na procura de objecto e de sentido em duas mulheres. A primeira, chamemos-lhe Florbela, mulher pobre de 36 anos, encontrámo-la e encontrou-se connosco, no âmbito do estágio que efectuámos num Centro Social em Lisboa, a frequentar um Curso de Formação Profissional, no âmbito do programa de Inserção para beneficiários de Rendimento Mínimo Garantido. Tem três filhos, só um a viver com ela. Era esta mulher que procurávamos descobrir e (re)encontrar. Entretanto, e como o nosso caminho foi o caminho que ia da pobreza externa, para a aridez do mundo interno, para o vazio e os caminhos da melancolia, procurámos outra mulher, chamemos-lhe Fátima, de 34 anos, com uma estrutura melancólica, 2 filhos, divorciada, que trabalha em contabilidade, da qual só conhecemos as respostas dadas ao Rorschach, aplicado num contexto de avaliação psicológica.

A nossa intenção não será a de comparar diagnósticos, ou estruturas de funcionamento, mas observar caminhos percorridos no encontro com objectos, significar sujeitos que se mobilizam numa procura, e pensar atentamente as diferentes formas dessa procura.

## Sete ponto um: Vazios Feitos Resposta – Análise dos Protocolos Rorschach

Florabela está claramente ansiosa, angustiada face à tarefa que lhe propomos. Sentimos que o seu objectivo é o de acertar em respostas, mais do que o deixar-se ir numa procura livre de objectos e significados.

No *cartão I*, surge como primeira resposta, uma banalidade, a *borboleta*. Face ao impacte do desconhecido, uma resposta de boa qualidade formal. Após virar o cartão, iniciando a procura, surge *um escaravelho*. Este é o primeiro momento de contacto com um outro desconhecido, sem sentido. A passagem da borboleta para um escaravelho, animal rastejante, menos ‘sociável’, com uma carapaça, que contrasta com a primeira imagem de uma borboleta. Notamos também o fechamento denunciado pela passagem de um animal que voa, e se transforma, a um animal que rasteja. Florabela procura, manipula mais o cartão, mas nada parece surgir.

*É só*. Não encontra mais nada. No *cartão II*, a reacção é disfórica. Ri muito, como que surpreendida por um cartão com detalhes de vermelho, e mais branco. Explora o cartão, e o seu comentário *É complicado. Mete a matéria de animais!* parece querer dizer: ‘ Já sei o que tenho que fazer, descobrir animais !’. Como se a tarefa de transformação, de ligação e de comunicação, tivesse que ter um tema, uma orientação que Florabela julga a partir deste ponto da situação Rorschach, ter adivinhado. E de forma surpreendente, ou não, dá-nos animais. *Uma joaninha com corninhos*, e uma *santola, um bicho que anda rente ao chão*. Este é o mesmo movimento do primeiro cartão. A joaninha, animal que pode voar, e uma santola, que nada, ou se movimenta na areia. Mais uma vez assistimos ao fechamento espacial, ao compactar de mundos, entre chão e céu. Finito e infinito. Florabela agarra-se ao real, a um objectivo que julga ter adivinhado em nós, como se a quiséssemos questionar sobre os conhecimentos da vida animal. Os animais percebidos vão-se tornando mais rígidos, menos maleáveis: a

joaninha, mais pequena e fugidia, a santola, rígida com carapaça e pinças como forma de se defender do exterior que pode ameaçar. Mantém-se o escaravelho, se bem que numa outra forma, mais imprecisa, o bicho que anda rente ao chão. Procurando, tal como Florbela, algo que faça sentido, que possa defendê-la da dispersão, do sem sentido, mais que não seja na proposta ‘Encontra animais neste sem sentido ’ que desesperadamente ouve dentro de si, como forma de evitar o vazio, e a procura ávida de objectos.

No *cartão III*, a dúvida instala-se e acentua-se. Parece ter agora e a partir deste ponto, mais dificuldades em manter uma tarefa ilusoriamente adivinhada, mas a única que a podia defender contra a emergência do vazio que é ela, e do vazio do sem sentido. *Pode ser um gato*. A má forma que denuncia o resvalar, o movimento regrediente, sem chão, sem tarefa, irrompendo numa sequência de objectos e imagens. O vazio de sentido, a impossibilidade de (re)conhecer objectos. A tarefa a que se propõe é a da procura enlouquecida de objectos, a única possível para Florbela, já que parece ter perdido a tarefa que a pudesse guiar e conter num nomear de objectos.

Procurando este, outro e mais outro, sem que nada, nem nenhum objecto a possa tranquilizar, permitindo a transformação em sentido. Vira o cartão e surge *um rosto de uma pessoa*. Como se pedisse: ‘ Alguém me ajuda ? ’. A solidão da tarefa, que deixa de ter o valor de exame, passando a equivaler à livre expressão de processos reveladores de interno presente em externo, e externo presente em interno, impede a ancoragem firme ao real. O vermelho *do laço*, desorienta. Afinal não. *Pode ser o coração. Ou os rins. O esqueleto*. Procura solitária, que encontra, só pode encontrar, traços de morte e de desvitalização.

O gato, animal, resposta certa ao exame que julga ter que passar. Todo o resto da sequência, a procura que encontra, morte e restos. O coração, elemento vital, de desejo, de vida, os rins, que poderiam transformar, ligar interno e externo, que filtram

impurezas, elementos tóxicos, prejudiciais. O esqueleto. Fim da procura, o esqueleto do rosto, que poderia ser relação, encontro, Outro.

Num cartão mais compacto, o *IV*, Florbela consegue de novo uma ancoragem na formalização e retoma o exame, que vazio não pode ser livre e caminhar na procura de sentidos e de outros, sempre novos e (re)criados. *Um morcego*, animal escuro e do escuro, da ausência, da noite que é mais que escuro e sombras. *O focinho de uma vaca*, que é leite, mas o focinho não alimenta, é fome de fome, é preto e branco num só, é ausência e presença, integração do branco, o esbatimento que renova a memória calada de presença e ausência, objecto que não está, mas já esteve. Sombras. *Um dragão*. Foge Florbela foge, o fogo da pulsão poderia ser, tal como Deméter com Demofonte o fogo da esperança renovada, do encontro com outro que possa encher. Mas um dragão, gigante, escuro, mau, frio e feio. *Como pode ser uma árvore voltada ao contrário*. O esmagamento. Imagem de Florbela, que se representa, mostrando a raiz fora da terra, fora do percurso, de cabeça para baixo, tronco para cima, folhagem para baixo. As árvores morrem de pé. Florbela de vazio, sem raiz que segure, que alimente, que sustente, morrem de pé, morrem sem nunca terem sentido terra fértil e contentora, que sustentasse, segurasse vazios. Árvores voltadas ao contrário, não morrem, estão mortas, e caem.

No *cartão V*, Florbela começa por não entender os *corninhos*, que parecem um rasto, um resto do objecto do segundo cartão, remetendo Florbela mais uma vez para uma imaginada situação de exame, conseguindo assim agarrar-se ao real, permitindo a banalidade *um pássaro a voar*. É quando a liberdade permitida ao pensamento, à tarefa de (re)criar objectos, transformando-os com o que é de dentro e de fora, é retirada, que Florbela consegue evitar que o vazio, que suga, lhe tolde as capacidades. É quando se situa, e situa a situação Rorschach num momento de exame, em que um pede e espera respostas certas, que Florbela se segura. *Pode ser uma pessoa a dançar ballet*. Primeira

figura humana, que dança. No entanto, Florbela continua sem entender *as perninhas e os corninhos*, como se tivessem que ser os mesmos do cartão II, como se não pudessem ser braços e pernas da pessoa que dança. Florbela não dança, arrasta e arrasta-se de objecto para objecto, bocado de objecto para objecto, permanecendo um rasto de sem sentido e de estranheza. Como é que este bocado, que há pouco vi ali, pode agora estar aqui? Como é que aparece agora uma figura humana?

Florbela inquieta-se, a procura começa a não ser clara, os destinos do desejo de saber, que, para ela era o nosso, começam a ficar confusos.

Começa o *cartão VI*, com *uma folha*. A inquietação aumenta. Florbela manipula o cartão e comenta: *Isto pode significar qualquer coisa, mesmo visto de cima*. Sim, muitos objectos, muita coisa pode ser vista, se não olharmos só de baixo para cima, do sítio onde anda uma coisa rente ao chão. Florbela inquieta-se, fica insegura ao perceber a complexidade da prova e a sua incapacidade em confrontar-se com a imensidão de objectos que podem estar e não estar, sem que isso signifique morte de saber e de desejo, de saber e pensar. Como dar sentido ao que pode ser tudo, e não ser nada de concreto? Como conter a dispersão de significado? Como aguentar todos os objectos que podem ser, sem que nenhum verdadeiramente o seja? Como ler vazio com vazio? Como fazer passar dispersão por vazio, e dar uma resposta, dar um objecto que (se) signifique? Como é que o vazio pode significar o vazio?

*Um louva-deus*. Florbela resvala para o não sentido. Uma má forma, mas a forma possível, um animal bizarro, até mesmo pouco conhecido. Florbela parece estar no limite das suas possibilidades de se agarrar ao real, e quanto mais se agarra, mais se parece perder. Louvar a deus ou a fêmea que come o macho após a cópula. A avidez como recurso, comer macho, comer cartão, incorporar sem sentido e dispersão. Florbela agarra-se, concretamente ao cartão, toca-lhe, descobre novos sentidos no sem sentido, dá mais respostas agarrando-se à ilusão da presença dada pelo esbatimento. *Muda de*

*cores aqui (eixo). Dá-me a sensação de ser a crina de um animal, estilo cavalo. Porco espinho. Zebra. Crina, cavalo, crina, porco espinho, crina, zebra. Animais, objectos do esbatimento que se sente, objectos que se esbatem, que estão, não estão, mas que têm que existir. O esbatimento, o eixo central confunde, ameaça, Florbela procura dar forma à ameaça. Notam-se aqui os processos do resvalar de objectos no vazio. Quanto mais Florbela se parece perder no sem sentido, mais se agarra, e mais o sem sentido se mostra e aumenta, precisamente pela incapacidade de se agarrar a formas, a objectos que façam sentido.*

O *cartão VII*, o mais branco, mais vazio deles todos, a angústia que invade, Florbela não tem já unhas que agarrem, nem chão que possa ser agarrado.

*Está uma imagem por trás do branco. Havia uma imagem por trás do branco que vocês tiraram. Há um foco. Uma imagem nítida. Onde está o objecto que possa estar a tapar o branco que é vazio? O objecto que lhe foi retirado, que estava, não está mais. O que é que eu faço com o vazio? Dêem-me os objectos que eu possa dizer sem me perder.*

Florbela sai do branco, fixa a imagem *dois rostos a fazerem tipo estatueta*. Desvitalização, pedra, continente demasiado infinito de vazio, para que rostos pudessem ser de algo mais que pedra, frios, imóveis, imobilizados. A procura enlouquecida no vazio, encontrando rostos de pedra, bocados de pedra esculpidos em rosto, rostos que se fazem de pedra, e param, no sempre que é pedra, no vazio que é sempre. Florbela inquieta-se, o objecto que estava, não está mais, a “saudade sem objecto”, a falha, o que falta. *Por debaixo do desenho havia uma coisa que tiraram. Tipo eclipse. Fizeram o desenho por cima e ficou isto. Mas por trás há uma sombra. Há um desenho por trás.*

Eu sei que aqui há qualquer coisa, o objecto que perdi. E se estiver aqui? Vocês tiraram-mo. As sombras, a procura encontra sombras, eclipses que tapam, o objecto escondido, perdido, a falta que é falha, onde está o que perdi? *Sombras. Nuvens. A*

solidão de uma procura sem a fé de alguma vez encontrar. *Um eclipse que vocês taparam.* Porque se eu vir o que tapa o objecto, eu espero, ou procuro esperando, agora no vazio que é branco, eu nada posso imaginar, se o eclipse for coberto de branco, se o vazio persiste, eu desisto de procurar. *Uma corda.* Agarrem-me.

*Cartão VIII*, Florbela procura mais uma vez não se perder na procura. *O tal meio que eu vejo*, que liga, que podia revelar o objecto perdido. *Muita coisa abstracta, um símbolo.* Florbela tenta saciar-se com abstracções, mas a avidez da procura é mais forte, tal como o peso do vazio, que a procura deve saciar. *Isto não é desenhado à mão. Uma folha foi colocada aqui em cima e depois seca. Todos têm um meio, se for pintado à mão, não têm.* Florbela explica-nos o processo que faz aparecer e desaparecer o objecto. E procura, continua procurando. Parece-nos mais confiante na exploração da mancha, da significação do sem sentido, as respostas de boa qualidade formal, a banalidade. *Um vulcão. Dois leões. Ou duas panteras de lado. A abstracção o desenho do mundo.* Como se delimitasse onde pode procurar o objecto que estava, mas não está, que nós tirámos. Florbela parece não conseguir parar. O vulcão, os leões, as panteras, as banalidades, o desenho do mundo, esse pode conter o objecto perdido. Só a infinitude do desenho do mundo parado e fixado num cartão, pode chegar para a sua procura. O infinito do mundo, *mar, terra.* É demasiadamente infinito, é muito. Demais, para procurar, encontra mais uma vez bocados, internos tornados externos. Mortes. *Pulmões, Rins, Bexiga, coisas dessas que eu não percebo.* A procura enlouquecida do que foi perdido e não se pode encontrar. O resvalar dos mecanismos de ancoragem ao real, anatomias, bocados de dentro num fora que se significa (des)significando. Restos de vida. Bocados de morte.

Tal como no cartão anterior, com a introdução da cor pastel, no *cartão IX* o percurso torna-se mais abstracto, mais difícil agora delimitar objecto, tudo pode ser tudo, e tudo é sempre pouco e ao mesmo tempo demais. A cor ajuda a compor o quadro

de sem sentido. A cor pastel impossibilita uma delimitação clara de objectos. Vamos para longe. *O sol. Terras do lado, águas correntes, tipo cascata. Um pé grande de um animal.* Agarra-se, mesmo que formalmente esse agarrar denote a falha na capacidade de ligação, de movimentação entre interno e externo, entre vazio e sem sentido. Sol, terra, água corrente, cascata, Florbela compõe o que seria uma imagem de sonho, este cartão permite uma pacificação após as últimas respostas ao cartão VIII. Agarrando-se à cor, e à forma, Florbela pacifica-se, onde há água, não há desertos, há vida, há sol, mas tudo fica sobre um pé que esmaga, que pisa, terra, água, sol, vida. Desejo e fome. Que impede, que impossibilita.

Florbela sabe que o *cartão X* é o último. Pouco resta a não ser este cartão de formas e de dispersão. Procurar. Os animais. *Vários bichos minúsculos.* Como se o cartão estivesse longe. Irá Florbela desinvestir?

*Quem faz estes desenhos são psicólogos, não são? Devem ser pessoas que fazem coisas abstractas para o desenvolvimento mental. Este é o mais complicado. Pequenos animais, mas só as partes essenciais deles.* Florbela não desiste. Mais uma vez procura entender os desenhos, perceber quem os faz, quem lhe escondeu o objecto, quem pode mostrar-lhe como se pode ver o objecto. Pequenos animais, mas só as partes essenciais deles. Florbela vê bocados de animais, partes. A primeira significação que dá à imagem são bocados de animais, sem possibilidade de integração. Eu vejo aqui bocados, vocês só me puseram aqui bocados de animais, restos de objectos que procuro.

Agora Florbela tenta, a partir de bocados, ver objecto. *Cavalos marinhos que se apegam a um humano.* E mais uma vez, tal como no cartão III, a apreensão da figura humana, faz com que Florbela se esvazie ainda mais em abstracções. *Deve ser o pensamento de uma pessoa.* O seu Florbela? Em bocados, com restos das partes essenciais de objectos? Onde a procura enlouquece e impossibilita objectos inteiros, que pudessem conter e saciar? *Dois olhos. Rosto.* Florbela procura uma identidade, um

rosto, algo que lhe diga quem é e o que procura. Rosto de pedra, olhos cegos, os seus, e os de quem a poderia ver. *Dois ursos*. Florbela agarra-se a tudo, a formalização, mesmo que de má qualidade, serve de chão, por momentos. É um movimento importante este, o pensamento de uma pessoa, a procura da pessoa do pensamento, de uma identidade, um rosto, a possibilidade de uma formalização, de um agarrar-se a dois ursos, mas de novo, Florbela cai. *Medo. Aquilo que a gente tem e não sabe idealizar o que é. É o pensamento de qualquer coisa.*

A abstracção. O medo. Partes de objecto dispersas dentro do vazio que não pode olhar. Aquilo que tem dentro, e não sabe o que fazer com isso, a não ser procurar sentidos no não sentido, objectos em vazio, em dispersão e desintegração. O pensamento de qualquer coisa, que se sabe ter existido e que procura, e que tudo perde na procura, na necessidade de encontrar, mesmo que não se possa saber o que se procura. *Ratinhos que estão à volta do nosso cérebro. Coisas que metem medo.* A emergência em processo primário, a impossibilidade. É demais, tudo demasiado disperso para uma mente que se movimenta em vazios. Ratinhos que procuram, que vasculham o lixo que é feito de restos de objectos, objectos que, depois de absorvidos, e de novo postos no externo, bocados desses objectos que ficam, e que só podem provocar medo. Medo, terror, porque nada do que se tem dentro e do que se procura fora pode ficar. Nada pode satisfazer, só os ratinhos do não pensamento se satisfazem com tanto lixo interno, rodeado de vazio. Mais uma vez, o movimento é o do apego à formalização, ao real, para que algo possa surgir no meio da desintegração, do medo, dos lixos, dos bocados de objectos mortos. Sendo ainda assim objectos, coisas a que Florbela se pode agarrar. *Um pau, dois sinos de lado.* Mas voltam as imagens aterradoras porque impensáveis. *Figura de duas pessoas*, no contorno, e, no branco que é vazio, o *desenho de uma criança*. Florbela usa os contornos, e, no vazio que é o dela, interpreta uma criança. À volta de um vazio, uma festa, duas pessoas, e nos seus

contornos, no que era o espaço entre elas, no vazio, uma criança. *Os azuis e o verde estilo felicidade. A felicidade.* As defesas maníacas, onnipotentes, que esvaziam. *Acabaremos em festa? Visto de um lado é uma coisa, de outro é outra. Que confusão! O amarelo e o verde não faz sentido. Os abstractos, existe o meio em todos os desenhos. É colado e deixam retirar isso. Como também pode ser um desenho nítido, um foco nítido. Como tem o borrão todo branco, pôs o branco para ver as imagens nítidas. Por trás de tudo isto há uma imagem nítida.* Eu sei que nada disto é possível. Eu sei que no vazio não vejo nada. É confuso, como é que eu posso descobrir o objecto dentro de mim? Como fizeram isto? Como posso ver dentro de mim, o que percebo não ver fora. Como querem que continue a procurar se sempre me retiram o foco que me parece iluminar o que não tenho. Por trás de tudo há uma imagem nítida. Há as partes de objecto, os bocados, mas onde é que ele está? *Imagem de medo, ao mesmo tempo mete felicidade.* A clivagem. O medo que é vazio e que invade, a felicidade da possibilidade da procura enlouquecida, no meio de destroços de objectos que se vão guardando na esperança de um dia todos poderem revelar o que se perdeu.

*É muito abstracto. O desenho lateral não é igual ao central. Há um foco no meio. O que está por trás foi tapado pelo branco.* As defesas de protecção do eu, as defesas contra a invasão do branco, do vazio, do fora que é dentro. O que está por trás, o que Florbela procura, está tapado pelo vazio, que são restos de objecto, que são destroços. Vazio que impede de ver, de transformar, de (re)criar, o objecto. *Ao contrário é o horror. Medo.*

Após a análise cartão a cartão e resposta a resposta, olhamos agora o psicograma de Florbela. Pensamos logo no elevado número de respostas dadas, 57, sendo 4 banalidades, denunciando a procura a que se propôs.

Em relação aos modos de apreensão, 17 respostas em G (30%) e 38 respostas em D (49%). Estes valores mostram-nos, mais do que uma exploração no detalhe da mancha, assistimos a um desdobrar de objectos, num primeiro momento vistos em G, e depois esse objecto visto em G é substituído por muitos D's, não no sentido da decomposição da imagem dada, mas criando todo um conjunto de novas imagens, que se sobrepõem umas às outras. Tirando 2 Dd (3%), todas as outras localizações (Gbl: 12%, Dbl: 3% e Dd bl: 2%), dizem respeito a interpretações do branco, já que o vazio, é insuportável, e fascinante, pelo que pode esconder, por ser o lugar onde não está o objecto. Este vazio insuportável e fascinante, é explorado e interpretado, podendo assim ser (de)limitado, contido e restringido, evitando o mergulho enlouquecedor no branco que é fome e alimento.

Pensando agora os determinantes, 29 dizem respeito à forma, no entanto, essa formalização excessiva não é acompanhada por uma boa qualidade formal das respostas, já que apenas 8 desses F's são de boa qualidade. O F% é de 51, no entanto, o F+% é muito baixo, 36%. A tentativa de ancoragem ao real através da busca da forma, resvala no não sentido, e na má qualidade das respostas dadas. A procura existe, está lá, mas ávida, impedida de respeitar as qualidades formais do outro/mancha.

Em relação aos outros tipos de determinantes, podemos pensá-los observando o TRI:  $3K < 12,5C$ , que é de tipo extratensivo misto, denotando o domínio exercido pela realidade externa sobre a realidade interna. A realidade objectiva, e a desejada projecção, combinando mundo interno e mundo externo falha, devido à maciça invasão sensorial. A procura enlouquecida de objectos falha. A realidade parece não acompanhar a quase fúria com que respostas são dadas, como forma de não sentir o vazio, encher a comunicação com respostas, com objectos, pouco importando a sua qualidade. As grandes cinestésias (K), são em pequeno número, apenas 3, e duas delas, aparecem associadas a más formas, mostrando a dificuldade em colocar uma figura

humana em movimento, em relação, mostrando força e vitalidade. As respostas cor fazendo aumentar a dispersão, e diminuindo a clara separação figura-fundo dos cartões escuros e mais compactos, aumentam também as tentativas de dar uma resposta, de encontrar um objecto que possa ser suficiente.

Em relação à fórmula complementar, que pondera as pequenas cinestésias com os esbatimentos, a relação é de 6 k: 3,5E. Destas cinestésias, apenas duas nos parecem movimentos progredientes, uma associada a uma banalidade, outra associada a um fenómeno natural, todas as outras surgem no seguimento de movimentos regredientes, mostrando mais uma vez as dificuldades em gerir de forma eficaz as solicitações externas provenientes da mancha e os mecanismos internos que permitiriam um compromisso ajustado entre a percepção e a projecção.

Os esbatimentos suscitam um grande fascínio em Florbela. A procura no pouco delimitado, onde se pode esconder o objecto perdido, a procura enlouquecida da presença na ausência, de restos, de vestígios da presença do objecto.

Pensando nos conteúdos, o dado que nos parece ser mais saliente, é o reduzido número de conteúdos humanos. Em 57 respostas, só 5 são figuras humanas (H: 14%) . Destas 5 respostas, 4 são dadas no último cartão. Desertos de Outro, dentro e fora. Mas a procura existe, mesmo que resvale nas vicissitudes do interno. O restante dos conteúdos: Anatomias, Natureza, Abstracções, Objectos, e 18 conteúdos animais (A: 37%). A procura infértil em terreno árido. O caminho de encontro ao um outro/mancha, sem o encontrar, perdendo-se no que são as sucessões aflitivas de respostas, de objectos, de vazios que se encontram com vazios.

Procuramos agora significar o caminho percorrido por Fátima.

No *cartão I*, Fátima dá como resposta *uma águia*. Uma banalidade, animal longínquo, de rapina, ficando muito inquieta com o que vê. De seguida, o branco

intermacular que parecia incomodá-la é interpretado e integrado na mancha preta, iniciando uma sequência de respostas imprecisas e de má qualidade formal. *Uma ilha. Com uns oásis no meio.* A passagem águia para a ilha, com oásis no meio, céu e terra, isolamento no céu e na terra, animais que voam solitários, ilhas que dão chão a solidões. Isolamento dentro de isolamento. Pedaco de terra e alucinação de desejo. As abstracções, a incapacidade de se fixar num objecto, (re)descobri-lo, transformando. Observamos logo no primeiro cartão, uma característica que se manterá ao longo de todo o protocolo, as respostas ao inquérito, com uma maior presença do outro que pede esclarecimentos, permite a Fátima um maior à vontade. Na resposta ao inquérito, mantém as respostas dadas, criticando no entanto a imprecisão das suas respostas. Não dá nenhum contexto, são imagens soltas, vagas, coisas que têm de ser ditas. Face a esta nova e angustiante tarefa, que é a de dar sentido, integrar o que está disperso, Fátima, como que se contenta com o essencial, dispensando tudo o resto, o que poderia ser, por nos parecer impossibilitada de um trabalho de ligação, entre o que é interno e externo, o que é dela, e é do outro/mancha.

No *cartão II*, as respostas continuam a parecer pedras, imagens vagas e soltas, sem nenhum investimento na qualidade formal. *Um arco íris, trovoada, relâmpagos.* O arco íris que aparece sempre depois de uma tempestade, o pote de ouro que está no fim do arco íris. A luz do sol que possibilita o arco íris, todas as cores, e a luz no escuro dado pelos relâmpagos. Luzes. Mas que luzes? As luzes que de noite assombram, ou a luz que precede a tempestade? Fátima centra-se no detalhe, e é invadida pela cor. Pensamos que o impacte deste primeiro cartão com cor, será precisamente como uma trovoada, com relâmpagos, dentro de um interno vazio, e desistente. É mais uma vez no inquérito, que nos apercebemos claramente do efeito disruptivo que a cor teve em Fátima. Toda a interpretação do cartão é feita no detalhe inferior vermelho, ignorando tudo o resto. É naquele detalhe que Fátima se agarra, evitando o deslizar. *Há pouco*

*disse isso, mas agora não vejo bem isso.* A dificuldade em manter internamente objectos denuncia-se.

No *cartão III*, a resposta, *vejo pessoas*. Uma resposta banal, de boa qualidade, embora vaga. No inquérito, podemos aprofundar um pouco mais esta imagem. *A fazer ginástica... a pegarem em pesos*. O peso de dois, o peso do reconhecimento da possibilidade de existência de dois. Mas os dois de Fátima não estão em relação. Pegam em pesos. No peso que seria uma relação, o reconhecimento de um outro, que parece não mais existir pelo menos que forma clara e bem definida.

No *cartão IV*, *um touro*. De águia a touro. Igualmente feroz, mais possante, os céus e a terra, animal da festa brava, picado e toureado, destinado à morte, dando luta. Imagem de má qualidade formal, uma imagem também dada pela invasão da cor. Mais uma vez, é no inquérito que Fátima denuncia as suas dificuldades. Não consegue recordar a imagem que deu. E o trabalho é de reconstrução, na procura da imagem que viu. Surpreendida, pela forma como os objectos lhe escapam das mãos e de dentro dela. *Provavelmente os chifres*. Provavelmente a única coisa que pode ver foram as saliências que apontam para o branco e o vazio. No inquérito repara também no esbatimento, *as manchinhas na pele*. Parece sentir-se mais segura na exploração do cartão face à presença mais forte do outro, que agora, mais que deixá-la livre para responder, se anuncia mais, solicitando mais Fátima no esclarecimento das suas respostas. O caminho fica menos vazio, permite outras aventuras, mas são aventuras ancoradas ao real, dando forma ao esbatimento. *Também pode ser um bacalhau a secar, todo aberto*. E pensamos agora no touro e no bacalhau seco. O touro das garraíadas, animal forte e vivo, e um bacalhau que seca, e que é alimento, fome que faz sede. São respostas muito diferentes, dadas em duas circunstâncias diferentes, que revelam o maior investimento na presença de um outro, denunciando no entanto a seca, a aridez, a infertilidade de uma mente que se mobiliza, mas desinveste.

No *cartão V*, cartão, compacto, com delimitações claras entre figura e fundo. A banalidade *morcego*. O processo de resposta, e a sua qualidade parece-nos ser muito semelhante à resposta espontânea no cartão anterior, o touro. Delimitação figura fundo, sem grande ou mesmo nenhum investimento do que é interno.

Agora, no *cartão VI*, a *baleia aberta*. O que fazer, ou dizer do bestiário utilizado? Parecem-nos até agora animais longínquos, distantes, grandes, denunciando ausências. No inquérito Fátima (re)conhece a baleia, mas dá uma resposta adicional, *um bacalhau aberto ao meio*. Animais diferentes, mas abertos, um que morre e seca e é alimento, outro, apenas aberto, morto, morrem ambos de respirar. Mais uma vez o esbatimento, a presença e ausência de objecto que têm de ser significados. O animal do esbatimento é o mesmo que no cartão anterior, um bacalhau, seco, sem vida. Fátima parece sem recursos, os animais repetem-se, as capacidades de criação parecem esgotadas.

No *cartão VII*, *uma rã, ou um sapo*. Não olhando para o branco que invade. Mais uma vez, a formalização, o agarrar-se ao escuro, impedindo que vazio entre. Nem procura, o vazio do branco não fascina, desmobiliza a procura. Descobrimos mais no inquérito. São sapos ou rãs a *saltar*. E porque não decompor a imagem e ver *mapas*? Procurar referências, pontos de localização, coordenadas. Imagens imprecisas, vagas, procurar em mapas, viajar. No lugar da viagem interna da transformação e de comunicação entre sujeito e um outro, surge o desinvestimento, o deslizar por imagens vagas e imprecisas. Que encham, mas não satisfazem.

Agora, os cartões pastel. Mais imprecisos, menos definidos. No *cartão VIII*, *Ah!... Esta já é mais para o meu gosto...* agora invisto desinvestindo no que é meu e no que pode ser do outro, e ser nosso, não sendo. *Uma floresta, a Primavera, muitas folhas, um lago, vários lagos, passarinhos. E animais. Agora que tipo de animais...* Isso era dizer muito. E o segredo é estar não estando, porque nada está, nem é. A

invasão da cor, a fixação nos detalhes brancos que têm de ser incorporados no desinvestimento. Uma floresta, a Primavera, símbolo da renovação e da fertilidade, mas as folhas, no chão do caminho, os lagos, delimitação de vazio e branco. Podemos pensar nesta imagem como um continente, uma progressão da resposta dada anteriormente. Um ambiente primaveril mas fechado, soturno, sem ninguém perto. O habitat das rãs ou dos sapos. Apenas os animais, sem nome. O peso do vazio que desinveste, que desespera fingindo esperar.

Um vazio que fica, que não busca, que foge para o mais longínquo que podem ser as imagens vistas. No *cartão IX*, continua o caminho da abstracção. Uma *ilha*, despoletada pelo verde, que invade. Fátima isola e fixa-se num pedaço de terra, mas logo a seguir, *o oceano* à volta. A solidão da inexistência de objectos dentro. Procurar o quê, caminhar para onde? Mais uma vez, respostas adicionais no inquirido, pode ser uma *floresta*, *várias ilhas*, interpretando o branco, *rochas*. Solo lunar, com água, e rochas, solidão. Nem um animal, nem um sopro de vento ou vida. A aridez de um mundo, a aridez de uma procura que se conhece, e que é infértil. O caminho solitário de rochas, animais secos, abertos e esventrados. Rochas, calhaus, fome e seca. Sem desejo de encontrar, tudo se perdeu. *Não sei porquê, os vermelhos não me dizem nada aqui... Vermelho que não é vermelho... Depois diz-me o que é que isto quer dizer?* Que me perdi de tanto procurar. Que desisto. Vermelho que não é vermelho, objectos que não o são verdadeiramente. O apelo ao outro que explique, que contenha, que dê nome à confusão e ao sentimento de dispersão que não pode ser pensado.

O *cartão X*, um último fôlego. Fátima procura nos detalhes não sucumbir à aridez da perda. A imagem na sua totalidade parece-nos demasiadamente vazia de sentido, dispersa demais para que algo possa ser procurado. *Um burro, um gato*. Detalhes de uma procura, imagens de má qualidade formal, imagens determinadas pela cor. *Uma piscina, várias piscinas naturais de oceanos, do mar*. Integração do branco,

delimitação em piscinas do que poderia ser um imenso mar de branco e de vazios. Fica assim restringido a imensidão do vazio. Olhando só para o que pode delimitar em piscinas, evitando a imensidão de vazio, de dispersão a que este cartão apela. *Rochas*.

No inquérito, Fátima faz novamente uma crítica às imagens que espontaneamente deu. *O gato, não tem muito a ver, mas pronto*. Não tem muito a ver, tem tudo a ver com o que Fátima não pode ver, nem levar para dentro de si, devolvendo novos objectos (re)criados. *O burro?! Não sei onde vi!* Mas pensamos poder imaginar o que viu. Viu objectos aqui e ali, viu dispersão e vazio. Viu branco e morte. Viu um caminho demasiadamente doloroso e perigoso para ser trilhado. Viu a impossibilidade de transformar, de criar, de conter e ligar. Viu a desistência do deixar-se ir numa tarefa complexa de comunicação e transformação. Viu-se impossibilitada de conhecer sentidos em si e na mancha que a pudessem fazer continuar.

Como um último esforço face à confusão de não ver objectos que tinha visto, de não os reconhecer como dados por si, dá-nos *montanhas*. E *neve nas montanhas*. Uma última integração do branco, que lhe é tão desconfortável para que possa apenas existir. E há neve no cimo da montanha para onde se caminha. Água feita gelo, caminho feito desinvestimento. Vazio gelado que impede outros.

Olhamos agora o psicograma que faz uma síntese das respostas dadas por Fátima.

Fátima dá 24 respostas espontâneas 3 das quais são banalidades e 9 respostas adicionais, pelo que fizemos dois psicogramas. Nas respostas adicionais, recordamos que Fátima, ao sentir a presença do Outro que pedia esclarecimentos mais próximo, conseguia nalgumas vezes algumas respostas mais adequadas. No entanto, é também de assinalar sobretudo, a impossibilidade de muitas vezes se recordar da imagem que tinha dado na resposta espontânea, denunciando a frágil presença do objecto.

Em relação ao modo de apreensão, Fátima balança entre os G's, 9 (37%) ou os D's, também 9 (37%). Todas as outras respostas foram dadas tendo em conta os detalhes brancos. A exploração da mancha é pobre e sem grande entusiasmo. É isto, mais isto, mais aquilo. Sem grande envolvimento, nem curiosidade, mais uma tarefa que tinha que ser executada. Nas respostas adicionais, Fátima, critica muito as respostas que ela própria deu, muitas vezes não percebendo como pode ter visto o que viu. Dá 4 respostas em G (44%), 2 em D (22%), e 3 num detalhe branco. Este segundo momento de resposta, mais do que para clarificar algumas respostas, surge como um maior incentivo, como se fizesse agora o percurso da ligação e da transformação acompanhada. No entanto, a companhia não chega para que pudesse de forma tranquila deixar-se ir num trabalho de procura.

Em relação aos determinantes, temos uma maioria de F's, 14, no entanto, só 2 são de boa qualidade formal, o F% é elevado, 58%, mas o F+% é apenas de 42%, o que nos mostra a tentativa de se agarrar ao real, não conseguindo no entanto sustentar essa ancoragem.

Nas respostas adicionais, os determinantes F, são os mais utilizados, não havendo no entanto nenhuma resposta de boa qualidade formal (F%: 55% e F+%: 20%).

A única diferença, é o aparecimento de respostas cor e esbatimento, mas acompanhadas pela forma. Esta dado apoia o que dissemos em relação ao maior à vontade de Fátima no inquérito para que se permita ir um pouco mais além, mesmo que a qualidade formal não acompanhe essa aventura.

Em relação aos outros tipos de determinantes, podemos pensá-los observando o TRI:  $1K < 5,5C$ , que é de tipo extratensivo, denotando o domínio exercido pela realidade externa sobre a realidade interna. A realidade objectiva, e a desejada projecção, combinando mundo interno e mundo externo falha, devido à maciça invasão sensorial.

As cinestésias, apenas uma e na banalidade do cartão III, associada à única figura humana. Esta cinestesia banal, revela-nos a aridez de um mundo interno, a escassez de objectos, a impossibilidade de transformar (re)criando outros sentidos.

Fátima, muito sensível, e sentindo-se muito invadida pela cor, apresenta 3 CF's e 3 C. Denotando a incapacidade de delimitar com uma forma uma imagem mais impressiva. A invasão, numa procura que era à partida uma falsa procura, já que nada se espera encontrar, nem nada pode verdadeiramente ser encontrado.

A fórmula complementar  $3k > 0E$ , varia no sentido contrário do TRI. As pequenas cinestésias, estão todas elas associadas a más formas, ou formas imprecisas, demonstrando mais uma vez a impossibilidade de investir objectos gerindo de forma eficaz as solicitações externas provenientes da mancha e os mecanismos internos. Externo é sem sentido, e interno, esvaziado, não pode significar o que de externo se apresenta desorganizado, esvaziado de sentido e disperso.

Os conteúdos são muito restritos. Apenas uma figura humana (H: 4%), alguns animais (A: 37%), o resto, várias formas de abstrações, de evitar o confronto com o objecto que é vazio, e vazio e vazio. Fugir para longe, fazendo exercícios de abstracção que a levam para tão longe quanto Fátima pode estar dela própria.

## Oito: Como Vazios se (Des)Mobilizam na Procura – Discussão

Quando nos propusemos utilizar a metodologia projectiva, e especificamente o Rorschach, com o objectivo de pensar vazios, de seguir as vias de um sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar, tínhamos em mente as potencialidades desta metodologia e deste instrumento, e as dificuldades inerentes à tentativa de significar um sujeito que constantemente se des-significa e se esvazia.

A partir de arranjos metodológicos, apoiados numa conceptualização teórica, definimos uma metodologia, procurando o caminho percorrido pelo sujeito face ao seu vazio, na sua procura desistente ou enlouquecida de objectos que não pode (re)conhecer.

Os protocolos, as suas respostas, e a sua análise, não servirão, nem é esse o nosso objectivo, para chegar a aspectos que possibilitem uma generalização. Nunca o desejámos, nem é essa a nossa forma de ver a Psicologia Clínica. Queremos apenas, junto com Fátima e Florbela, percorrer o caminho da procura de objecto, sendo cada um destes caminhos, singular e singularizante, nos seus aspectos de (des)encontro e de (des)mobilização.

A partir da análise das suas respostas, iremos discutir os pontos que nos parecem mais relevantes, pensando nos aspectos mais salientes das suas respostas, tendo por base os modelos teóricos atrás referidos e os procedimentos definidos.

Discutiremos cada um dos protocolos num primeiro momento em separado, prosseguindo depois para o que julgamos ser duas formas de sentir vazio: uma procura enlouquecida de objectos/Outros, aumentando cada vez mais o vazio, e por outro lado, uma desistência nessa mesma procura, uma avidez desistente, uma eterna fome, traduzida numa recusa de alimento.

Do protocolo de Florbela, assinalamos, logo à partida, uma busca incessante de imagens, de objectos, de coisas que permitam fazer face ao vazio que é dentro e ao vazio da dispersão e sem sentido que é o objecto/mancha que deve explorar.

A presença permanente de objectos, a impossibilidade do deixar-se ir no desconhecido do sem sentido, e poder transformar tendo em conta interno e externo. Fica a procura, procura impossível, enlouquecida, já que Florbela nada procura, procurando tudo, esvaziando-se cada vez mais.

Face à intolerância ao vazio, à ausência, à negação enlouquecida da separação, da diferença e da distância, da diferença entre sujeito e objecto, as sombras (Freud, 1917) que caem sobre vazios ensombrando sujeito, negando o objecto e a falta, o momento do encontro com o objecto é marcado pela avidez de objectos que possam iludir uma fome, que cada vez mais persiste. Os objectos saídos desse encontro, são objectos de má qualidade formal, objectos que se acumulam, deformados e bizarros, são objectos, imagens, aterradoras, espelho do terror interno do Buraco Negro (Grotstein, 1999) que é dentro e que não permite dar continente ao sem sentido. É vazio e nada, e sempre tudo.

É procura (des)assombrada de algo que possa ser o que sempre se perdeu. É foco de luz que esconde, é eclipse que nós tapámos, é procurar não tendo em conta que o desconhecido está lá, é não poder entender que procurar o que se desconhece, leva a tirar significado ao que se quer encontrar, ficando apenas a procura sem objecto, procura aflitiva e esvaziante.

Ao encontrar objectos, estes depois nunca são o que se procura, levando à desistência do objecto, mas objecto que por momentos é dentro, e depois logo é deitado fora, deixa inevitavelmente rastros, bocados ficam dentro, e permanecem dentro, e enchem, aumentando a dispersão e o sem sentido. Esses bocados que são dentro, devem depois ser anexados a novos objectos percebidos, surgindo assim, objectos

bizarros, sequências de imagens que degradam cada vez mais o objecto. A insustentabilidade da introjecção de que fala Klein (1940).

O ciclo que permitiria o pensamento, o procurar (re)encontrando: partida, antecipação vazia, regresso, partida, transforma-se num ciclo em que partidas são ausências e ausências são perda, catástrofe, vazio, falha, e procura-se, negando a ausência, a distância e o vazio, encontrando outro e outro e outro, aumentando cada vez mais o vazio, procurando ainda mais outro, outro, outro e outro.

Face ao Rorschach, face à tarefa de definir o que é interno e o que é externo, juntar interno e externo, significar objectos que simultaneamente sejam sujeito e objecto, aceitar ausência, distância. A procura tranquila, baseada no desejo de conhecer, encontrar, largar, transformar, dar sentido, dar de si, juntando ao que é de outro, e criar novos objectos, é o lugar do desassossego da catástrofe, da procura de tudo o que se possa encontrar, sem distância, sem reconhecer diferentes, sem caminhos, a não ser o do terror e do despojamento.

Um excessivo apego ao real, que as vicissitudes da subjectividade não conseguem sustentar, a decomposição de objecto em novos objectos sem ter em conta o primeiro, mais, mais, mais. Agarrar, largar, pegar noutro objecto sempre com o rasto ainda do primeiro objecto, assimilando e absorvendo as características de um no outro, já que nada se pode perder, porque nada se pode conter.

O branco espelho de ausência e vazio. O confronto, e a inquietação exaltada do objecto que estava lá, e não está mais, foi-lhe retirado. E procura.

Dessa procura do encontro alucinante e alucinado com o objecto resultam objectos compactados, desligados, sequências e sequências de nomes, objectos sem ligação entre eles, objectos moldados pelo real ou coloridos pelo vazio interno que é vazio e morte. Aridez de mundos.

Degradação na qualidade do objecto inicialmente percebido. As ligações, a curiosidade que era desejo de saber e conhecer, fica condicionada pela aridez de um mundo interno que sabemos infértil.

O objecto/Outro/Rorschach não pode ser reconhecido como um Outro, parece-nos mais ter as qualidades de uma extensão do mundo interno ávido de novos caminhos por onde possa enlouquecidamente procurar.

O caminho interno, pensado como o caminho ao longo dos cartões, na sucessão de respostas, mostra-nos a onnipotência, objectos que são iguais em tudo a tudo, ao vazio, a sucessão maníaca de respostas, a produção infértil de imagens. O rapto de sentido: a presença de cor, uma ancoragem ao real mais difícil, o branco, a perda. A procura desenfreada no que não está. A incapacidade de tolerar a ausência, o acto de fé no regresso. Procura de objectos que encham, que iludam sujeito numa presença, que possam fazer Florbela avançar, mesmo que avance tão só para onde veio, o vazio de dentro e de fora, o vazio das possibilidades de criação.

Alguns objectos/templos poderiam ser encontrados, dando alguma acalmia, tal como nas respostas onde Florbela vê imagens humanas, o rosto de uma pessoa, uma criança, quase sempre no branco, tal como com Deméter, quando, ao encontrar Demofonte, por um pouco parou a sua procura, quando ilusoriamente o objecto Demofonte parecia o fim da sua procura.

Mas esta presença é frágil. E a fragilidade da presença denuncia a ilusão do encontro. Novas partidas, novos objectos há a procurar. Objecto/templo não se sustenta. O mundo do vazio é imenso. Há que procurá-lo, perdendo-se cada vez mais. O horror. Medo. E vazios de fundo sem fundo. Vazio é procura.

Já com Fátima, a mobilização para um caminho, a forma como se procura o sentido perdido, é diferente. A procura parece inexistente. Prenúncios de desinvestimento. Desistência.

Todo o protocolo é marcado por uma sucessão de respostas vagas, com muito pouca qualidade formal, oscilando este tipo de respostas com ilhas, rochas, mapas, aspectos do isolamento, da procura de direcções, da dureza dos caminhos por percorrer. O desistir de procurar objectos/outros que possam encher vazios que sente.

Todo o protocolo se estabelece numa estranheza face ao contacto com o material, as respostas surgem em esforço, numa tentativa pouco conseguida de estabelecer ligações sujeito/objecto.

Face a um mundo interno cheio de nadas, face ao peso que tem a ausência, Fátima desiste, desmobiliza os recursos, não procurando. Dá objectos, imagens, numa sucessão de abstracções, até mesmo com poucos objectos a que se possa realmente agarrar, nem nada que sirva para ficar dentro, e, mesmo de forma ilusória, não olhar o vazio.

Os objectos, as imagens que produz parecem sempre pedras, coisas que se atiram para fora, não dando quaisquer sinais de vida interna. Paisagens, sapos, touros, ilhas, piscinas, arco íris, trovoadas, relâmpagos.

Sentimos que Fátima não se liga sequer a uma imagem, desvincula-se, retira-se da tarefa proposta, inundando todo o seu discurso com imagens vagas, dispersas, vazias dela própria.

Face ao encontro com a mancha, Fátima não quer mais. Nunca quer mais. Fica-se pelo nomear de algo vago. O vazio não impele à procura. O objecto é desconsiderado no que seria o seu mistério, a sua profundidade, a curiosidade de querer saber o que pode ser isto? Não podendo deixar-se ir numa situação de sem sentido, sem sentido é igual a sem sentido. O despojamento interno, a recusa da procura. Desistir.

Ausência é ausência, vazio é vazio. Procurar o quê? Dar sentido a quê?

No seu protocolo é notória a incapacidade de conter objectos, de os manter dentro dela. Nas respostas ao inquérito foram várias as vezes que se espantava com a

resposta dada espontaneamente. Como se não se recordasse do objecto que significou como sendo dela. Mas não é de memória que falamos. Falamos da impossibilidade de uma mente rodeada de vazio e de sem sentido, manter objectos, mantê-los presentes, vivos e despertos.

Notamos, também, como na resposta ao inquérito, mais acompanhada do desejo do Outro em saber dela, Fátima consegue mais livremente pensar em objectos que possam estar presentes.

O ciclo partida, antecipação vazia, regresso, partida, chega ao fim na partida. A partida é morte de objecto que se ausenta, e é morte de desejo do seu regresso. Partida é catástrofe, é perda, é morte de objecto e de desejo de (re)encontrar.

Apenas uma figura humana, uma banalidade no cartão III. Banalidade para outros, um feito para quem não se reconhece nem pode (re)conhecer outros.

Desamparada, mergulhada no negativismo da ausência (Amaral Dias, 1999), perante o vazio deixado pelo objecto, nenhum outro lugar ou desejo, foi estabelecido. Não está, não há. Existo, sopro, vazio e vago. Porquê ilusões de mais? Há baleias, há bacalhau, há piscinas que contêm o branco que é oceano de vazio. Mais nada. Nada. Vazio.

Como significar, como participar no processo resposta Rorschach, quando dispersão e sem sentido se confrontam com Fátima que é vazio de sentido, é desinvestimento, é morte de desejo em (re)conhecer e encontrar?

O que pode ser expresso é o que é igual a interno, sem mediação nem “vergonha” (Freud, 1917). É vazio vago, é montanha, é primavera, é folhagens, é gato e burro, é solidão que é vazio de não existir objecto.

O vazio conformado, as respostas em G, as suficientes, a reacção de estranheza à cor, a invasão de tanto. O vago da Primavera, das florestas, das folhas. O desconforto, a fuga, face ao branco. Apenas num momento, no inquérito, o branco que é vazio e tão

igual ao que conhece, pode ser contido, e surgem piscinas em oceanos. Oceanos de vazio, mas uma piscina pode conter, a presença do examinador pode ser piscina, parede, que rodeia e envolve o vazio sem fundo do oceano.

A prova foi desinvestida como um lugar de criação de objectos e significados. Como se Deméter, após a partida de Perséfone ficasse, vagueando apenas sem caminho, sem sequer desejos de mãos que possam agarrar. Objecto que parte, sujeito que fica, sem mais nada. Nem saudade, nem memória de outro que partiu, que pudesse mobilizá-la numa procura. Vazio é vazio.

Encontramo-nos no ponto em que observamos dois vazios, e duas formas de (des)mobilização face a esse vazio. O vazio que é procura, e o vazio que é vazio.

O vazio de Florbela, a sua procura é a insistência, a loucura de querer encontrar o que não pode ter. O fascínio pelo objecto perdido, que a faz mergulhar no branco e procurar, procurar, procurar. Procurar imagens, objectos que possam ser equivalentes e substitutos do objecto perdido. Procura iludindo o vazio da perda e da ausência, negando-o, mobilizando-se numa procura infinita e enlouquecedora.

O vazio de Fátima, é vazio de nem procurar, nem desejar o (re)encontro. É fugir do que pode ser ausência, é o negativismo, é desistir. São objectos que por ela passam, entretendo, mas nunca sendo realmente objectos. Um vazio que assiste e que desiste. Um desamparo, uma solidão ruidosa de tanto silêncio.

O vazio deixado pela perda, pela ausência do objecto.

Em Florbela, a onipotência da procura, a avidez da fome, querer mais e mais e mais. Procurar sempre outros, enganando o vazio. Mas o vazio assim saciado, esvazia ainda mais, porque objecto não é (re)conhecido como tal, apenas serve como corpo presente, que pode adormecer a fome, mas não alimentar, destruindo as possíveis capacidades de pensar e transformar.

Em Fátima, a renúncia ao outro, a avidez que é fome, e que se esbate, e o vazio que impossibilita sequer a vontade de comer. A fome deixa de existir, não quero, não quero, não quero. O vazio é vazio, sem ilusões ou desejos. Outros. Para quê? Porquê? Não quero. Desisto. Desamparo, desapego, vazios de vazio que já não são fome, nem desejo de (re)encontrar.

Como se o mito de Deméter terminasse no desinvestimento que faz nela e nos outros, sentada numa pedra, envelhecida nas suas capacidades para transformar e pensar. Deméter perde, Fátima perde, e desiste, sem caminhos, sem procuras. A falta. Como se pudesse saber que nenhum objecto pode ser o que perdeu.

Com Florbela, após a perda, o caminho é o do encontro, da avidez, o caminho do desejo enlouquecido de algo encontrar, já que os mecanismos primários e onnipotentes permitem que todos os outros possam ser o objecto perdido. Mas o interno que é vazio vai sofrendo com os restos de todos que estão dentro, e o interno mesmo vazio, fica estranho, aos bocados, como se a recuperação e o (re)encontro com um Outro pudesse ser feita de reconstruções de bocados de outros que são dentro, e logo depois são postos fora. Uma procura possibilitada pela anulação da diferença, pela possibilidade de todos poderem ser tudo. Como se imaginasse, que ao ter todos e tudo, algum objecto poderá ser o que perdeu.

Florbela, após a perda, a ausência de objecto/sentido, procura, despojando-se na procura, empobrecendo, caminhando por terras inférteis e áridas, a avidez de uma fome que nunca pode ser saciada. Vazio.

Fátima, após a perda, a ausência de objecto/sentido, pára, despojando-se logo na partida de objecto, ficando no que é interno infértil e árido. A desistência de uma fome que se calou. Vazio.

**Conclusões...**

Mais do que conclusões, queremos relatar e assinalar o que foi possível retirar de um percurso feito pelos sujeitos ao longo do processo resposta Rorschach, que acompanhámos de perto. O percurso de sujeitos de vazio, na procura e no encontro com o objecto.

**Primeiro**

Este trabalho começa com Florbela, e tudo o que a rodeia. A sua miséria, a sua pobreza, que não era só sua, era de tantos quantos foram os que conhecemos ao longo de quatro anos de trabalho.

O pensamento trazido pelo exercício de questionar a realidade e ir mais além do que aquilo que se nos apresenta, inquietou-nos e exigiu-nos propostas de resposta, que fossem mais do que a dispersão ou o sem sentido. Os pobres, a pobreza no feminino, a pobreza seria também ela interna? Que interno sustentaria esta vivência de faltas, de fomes, de miséria? Procurámos também nós um caminho que nos pudesse permitir o encontro com o sentido, com alguma forma de entendimento sobre esta experiência e sobre estas mulheres.

Após vários ensaios de caminhos, percebemos que o que poderíamos fazer era pensar o vazio, que vazio, que sujeito e que objecto de vazio, que caminhos, que procuras, que desistências? Significar sujeito que se (des)mobiliza numa procura, esvaziando-se ainda mais, pensar impossibilidades de conter objectos, de transformar e pensar ausências e vazios.

Encontramos Deméter, e a sua procura, como paradigma de uma procura enlouquecida, e como paradigma da aceitação de um encontro com objecto transformado, diferente. Pensando Deméter, e o seu caminho ensaiámos nós um caminho de procura. Mas que instrumentos poderiam servir essa procura e o desejado (re)encontro?

Com e através do Rorschach, como método e como instrumento que possibilita aceder ao funcionamento psíquico do sujeito, nos pareceu possível observar e acompanhar sujeitos face a vazios, construindo novos saberes, impondo a constituição de novas modalidades de escuta, novos processos de interpretação, que possibilitem uma melhoria dos caminhos que conduzem ao conhecimento sobre o Outro, e especificamente, sobre o seu vazio

Neste sentido, procurámos sempre conceber a situação – Rorschach, e o processo – resposta, como um processo de construção e de constituição de sentido, onde operam a significação e a simbolização.

Esta nova forma de conceptualização do Rorschach, privilegia não o acesso a um diagnóstico, mas sim a descrição e a compreensão do funcionamento psíquico do sujeito. Não nos interessou nunca a procura de estabelecimento de um diagnóstico. Valorizámos sim a descrição e a compreensão dos processos psíquicos do sujeito.

Tomando como ponto de partida o trabalho num Projecto de Luta Contra a Pobreza, e todas as lutas externas em que nos mobilizámos, pensando os mitos, e o mito de Deméter como a forma possível de pensar despojamento e vazio, conseguimos no mito identificar um trajecto entre a presença onnipotente, a ausência e a falta, como lugar de morte, e a mobilização na luta contra esse vazio que se instalou, e ao mesmo tempo acompanhar a procura e o encontro com o que foi perdido, objecto novo e transformado, condensando presença e ausência, vida e morte, finito e infinito.

Procurámos na teoria pensamentos que nos pudessem ajudar a dar sentido a sujeitos face ao vazio.

Após encontrados pensamentos na teoria, e encontrada a metodologia a usar, afinámos a nossa procura, pensando no que poderíamos encontrar.

E encontrámos duas formas de sentir vazio. A resignação desistente, ou a procura enlouquecida. Vazio que é vazio e vazio que é procura.

## **Segundo**

Vazio que procura no vazio, Florbela, que usa mecanismos primários na luta contra a perda do objecto. Vazio que esgravata em terra morta, que nada pode esconder. Só aumenta mais a confusão, a ilusão que o objecto poderá estar no infinito que é qualquer lugar. As estadias temporárias de objecto dentro, a expulsão desses mesmos objectos, que vão deixando restos deles mesmos dentro do sujeito. E o interno vai ficando cada vez mais despojado de sentido. A procura enlouquecida é a única forma de continuar ilusoriamente a acreditar que se sabe o que se procura, e que se pode ter o que se quer encontrar. Avidéz que é fome permanente, que é impossibilidade de alimento que sacie, que é alimentar-se de tudo o que pode equivaler a alimento.

Vazio que é vazio, Fátima. Que desiste, mergulhada no interno que é vazio e falta e nada. É uma fome que se cala, e que definha, a renúncia ao outro, a tudo. Despojada e (des)assombrada, Fátima fica-se, sentada, sabendo que nada pode cobrir de cheio o vazio que sente. Procurar para quê? Outro, para quê?

Duas formas de não elaborar lutos e perdas, ausências. Uma negando a perda, loucamente à procura, outra, com o peso da falha, da falta, da ausência a toldar tudo o que poderia ser avançar, transformar, pensar o que foi perdido.

### **Terceiro**

Ao longo de todo o trabalho, foram surgindo algumas outras questões que pensamos poderem em futuros trabalhos ser exploradas.

Em primeiro lugar, pensamos no vazio, na desistência psíquica, nas impossibilidades psíquicas, na finitude do psiquismo humano, nas tolerâncias e intolerâncias à dor e ao sofrimento, pensamos em possibilidades ou em impossibilidades terapêuticas em sujeitos que se nos apresentam como esvaziados, miseráveis internamente, sem recursos.

Estudar a mobilidade e a imobilidade psíquica, o que internamente faz com que um sujeito prossiga procurando, mesmo que se vá esvaziando cada vez mais, e por outro lado, o que faz com que outro sujeito desista, se resolva a não se envolver consigo próprio nem com os outros.

Pensando no (re)encontro de Deméter com a sua filha Perséfone, na aceitação de um novo objecto transformado, objecto que é presença e ausência, que está, mas se ausenta, que é vida e morte, perguntamo-nos o que permitirá o acto de fé no regresso? Poderia ser interessante estudar de forma aprofundada a passagem da ausência de Perséfone / desistência quase morte de Deméter, à aceitação do encontro com o objecto Perséfone, sabendo que se vai de novo ausentar. O que possibilitou e o que possibilita que a ausência seja contida na fé do regresso, no desejo do (re)encontro, deixando de ser o equivalente a morte de sujeito e de objecto?

### **Quarto**

O que dizer ao terminar? Vazios, caminhos, (des)encontros, fomes, desejo. Desembarcámos numa nova praia, procurámos fazer de dispersão sinais, sentidos e

mapas. Caminhámos o caminho traçado, ajudados por mitos e teorias de outros, observámos oceanos de vazio, de procura e de desistência.

Fica, em nós e neste trabalho, o que pensámos nesta praia, prevalecendo no entanto o desejo de um dia desembarcar numa outra praia, e perceber que mesmo assim, mais há a pensar, e que o infinito e o incerto de nós mesmos e do Outro que se nos apresenta, será sempre o que vamos desejar.

“ ... Que me trazes aí, pequeno? É para o carneiro, pai. Qual carneiro? (...)

Agora vejo as coisas com mais clareza, com tanta clareza que chego a ter medo. A culpa é deste molho de trevo. Estava deitado na minha miséria, sufocado por ela, e não me passava pela cabeça rejeitá-la. Não entendia a vida sem a sua presença. E eis que a criança chega com um molho de trevo, e a miséria torna-se de repente insuportável. Sofro como um homem queimado e a quem arrancaram os olhos para que não possa ver nada à sua volta. Um molho de trevo e era-me revelado o sentido de uma outra vida”. (Cossery, 1994. Pp. 56 e 81)

## Dez: Referências Bibliográficas

Abraham, K. (1912/1966). Préliminaires à l'investigation et au traitement psychanalytique de la folie maniaco-dépressive et des états voisins. *Oeuvres Complètes II. Développement de la Libido. Formation du Caractère. Études Cliniques*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.

Abraham, K. (1924/1966). Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux. *Oeuvres Complètes II. Développement de la Libido. Formation du Caractère. Études Cliniques*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.

Abraham, N. & Torok, M. (1962). Introjecter – Incorporer. Deuil ou Mélancolie. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. N° 6. Paris: Gallimard.

Amaral Dias, C. & Fleming, M. (1984). *A Psicanálise em Tempo de Mudança-Contribuições Teóricas a partir de Bion*. Porto: Edições Afrontamento.

Amaral Dias, C. (1999). *O Negativo ou o Retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.

Amaral Dias, C. (2000). *Volto Já. Ensaio sobre o Real*. Lisboa: Fim de Século.

Arfouilloux, J.C. (2000). Le divan mélancolique. *Revue Française Psychanalyse*. Vol 5, pp 1643-1647. Paris:PUF.

Bion, W. (1959/1967). *Attacks on Linking. Second Thoughts.* London: William Heinemann.

Bion, W. (1962/1967). *A Theory of Thinking. Second Thoughts.* London: William Heinemann.

Bion, W. (1963/1989). *Elements of Psycho-Analysis.* London: Karnac Books.

Butler, J. (1998). *Moral sadism and doubting one's one love. Reading Melanie Klein.* Edited by Phillips & Stonebridge. London: Routledge.

Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na Clínica do Adulto.* Lisboa: Climepsi.

Chabert, C. (1998/2000). *A Psicopatologia à Prova no Rorschach.* Lisboa: Climepsi.

Cossery, A. (1994/2002). *Os Homens Esquecidos de Deus.* Lisboa: Antígona.

Freud, S. (1895). *Projecto para uma Psicologia Científica. Edição Electrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1911). *Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. (Dementia Paranoides).* Edição Electrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora

- Freud, S. (1917). Luto e Melancolia. *Edição Electrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1920). Para Além do Princípio do Prazer. *Edição Electrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Fleming, M. (2003). *Dor Sem Nome. Pensar o Sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Green, A. (1983/1991). *Life Narcissism, Death Narcissism*. London: Free Associations Books.
- Grotstein, J. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Klein, M. (1935/1986). Uma Contribuição à Psicogénese dos Estados Maníaco-Depressivos. *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)*. Imago Editora.
- Klein, M. (1940/1986). O Luto e suas Relações com os Estados Maníaco-Depressivos. *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)*. Imago Editora.
- Marques, M.E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a Revelação do Trabalho de Ligação e de Transformação do Interno e do Externo. *Análise Psicológica*. 12 (4), Pp. 459-462.

Marques, M.E. (1994a). Do Desejo do Saber ao saber do Desejo: Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva. *Análise Psicológica*. 12 (4), Pp. 431-439.

Marques, M.E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.

Nathan, T. (1988/2000). *Psychanalyse Paienne*. Paris: Poches Odile Jacob

Rausch de Traubenberg, N. (1970/1990). *La Pratique du Rorschach*. Paris: PUF

Rezende, M. (1993). *Bion e o Futuro da Psicanálise*. São Paulo: Papyrus.

Souza Brandão, J. (1996). *Mitologia Grega Vol. 1*. Petrópolis: Vozes Editora.

**ANEXO 1**

**PROTOCOLO DE RORSCHACH – Florbela**

<p>I</p> <p>1. Uma borboleta</p> <p>2. √ Um escaravelho</p> <p>∧ √ (.....) É só.</p>		<p>1. G F+ A Ban</p> <p>2. G F- A</p>
<p>II</p> <p>Ri muito. √ É complicado. Mete matéria de animais! ∧.....</p> <p>3. √ Estilo uma joaninha. Tem corninhos.</p> <p>4. ∧ Santola.</p> <p>5. Há um bicho que anda rente ao chão</p>	<p>4. D Vermelho Inferior</p>	<p>3. Gbl FC A</p> <p>4. D FC A</p> <p>5. Gbl F± A</p>
<p>III</p> <p>6. Pode ser um gato</p> <p>7. √ Um rosto de uma pessoa.</p> <p>8. ∧ (.....) &lt; ∧ O laço aqui é que...</p> <p>9. Pode ser o coração.</p> <p>10. Ou os rins.</p> <p>11. O esqueleto.</p>	<p>8. Vermelho central</p>	<p>6. Gbl F- A</p> <p>7. Gbl F- Hd</p> <p>8. D F+ A Ban</p> <p>9. D FC Anat</p> <p>10. D FC Anat</p> <p>11. Gbl F- Anat</p>
<p>IV</p> <p>12. √ Um morcego.</p> <p>13. √ O focinho de uma vaca. Quando são malhadas fica assim o branco.</p> <p>14. √ Um dragão.</p> <p>15. ∧ Como pode ser uma árvore voltada ao contrário.</p>	<p>13. Intermaculares entre as "botas".</p> <p>15. Folhas no 3º terço.</p>	<p>12. G F+ A</p> <p>13. G FE Ad</p> <p>14. G Fclob (A)</p> <p>15. G FE Bot</p>
<p>V</p> <p>√ ∧ (....) ∧ Estes corninhos é que não percebo muito bem.</p> <p>16. Um pássaro a voar.</p> <p>17. Pode ser uma pessoa a dançar ballet.</p> <p>Não percebo bem as perninhas e os corninhos. &lt; ∧ &gt; ∧ (.....)</p>	<p>Eixo Central</p> <p>Eixo central</p>	<p>16. G Kan A Ban</p> <p>17. G K H</p>
<p>VI</p>		

<p>18. ∨ Uma folha</p> <p>∧ &gt; ∨ ..... ∧ ..... ∨ Isto pode significar qualquer coisa, mesmo visto de cima.</p> <p>19. ∧ Um louva-deus. Não é coisa que eu acredite que seja.</p> <p>20. &gt; .... ∨ Muda de cores aqui (eixo). Dá-me a sensação de ser a crina de um animal, estilo cavalo.</p> <p>21. Porco espinho.</p> <p>22. Zebra</p>	<p>20. Eixo central</p> <p>21. Eixo Central</p> <p>22. Eixo Central</p>	<p>18. G F+ Bot.</p> <p>19. G F- A</p> <p>20. D FE Ad</p> <p>21. D FE A</p> <p>22. D FE A</p>
<p>VII</p> <p>23. ∧ &lt; ∧ ∨ .... ∧ Está uma imagem por trás do branco. Havia uma imagem por trás do branco que vocês tiraram. Há um foco. Uma imagem nítida.</p> <p>24. Dá-me a sensação... dois rostos a fazerem tipo de uma estatueta.</p> <p>Por debaixo do desenho havia uma coisa que tiraram. Tipo eclipse. Fizeram o desenho por cima e ficou isto. Mas por trás há uma sombra. Há um desenho por trás.</p> <p>25. Sombras.</p> <p>26. Nuvens.</p> <p>Um eclipse que vocês taparam.</p> <p>27. Uma corda.</p> <p>∨∧ Foram feitos à mão ou foram módulos? Há aqui qualquer coisa que me está a escapar.</p>	<p>23. Branco Central</p> <p>24. Dois detalhes no 1º terço.</p> <p>Branco central</p> <p>27. Dd central 3º terço</p>	<p>Choque cor ++++</p> <p>23. Dbl C' Luz</p> <p>24. D F+ Hd/Obj</p> <p>25. Gbl C' Luz</p> <p>26. Gbl EF Nat</p> <p>27. Dd F- Obj</p>
<p>VIII</p> <p>É o tal meio que eu vejo. (.....)</p> <p>28. ∧∨∧ Muita coisa abstracta.</p> <p>29. Pode ser um símbolo.</p> <p>Isto não é desenhado à mão. Uma folha foi</p>		<p>28. G F± Abst</p> <p>29. G F- Simb</p> <p>Obsv. Simetria</p>

<p>colocada aqui em cima e depois seca. Todos têm um meio, se for pintado à mão, não têm.</p> <p>30. Um vulcão.</p> <p>31. Dois leões</p> <p>32. Ou duas panteras de lado.</p> <p>33. O desenho do mundo.</p> <p>34. Mar.</p> <p>35. Terra.</p> <p>36. √ Pulmões.</p> <p>37. Rins.</p> <p>38. Bexiga, coisas dessas que eu não percebo.</p>	<p>30. D Superior cinza</p> <p>31. Rosa lateral</p> <p>32. Rosa lateral</p> <p>34. Azul 2º terço</p> <p>35. Cinza 1º terço</p> <p>36. √ Laranja</p> <p>37. Azul 2º terço</p> <p>38. Cinza 1º terço</p>	<p>30. D Kob Nat</p> <p>31. D F+ A Ban</p> <p>32. D F+ A</p> <p>33. G F± Abst</p> <p>34. D C Nat</p> <p>35. D C Nat</p> <p>36. D FC Anat</p> <p>37. D F- Anat</p> <p>38. D F- Anat</p>
<p>IX</p> <p>39. ^∨ &gt; ^ O sol.</p> <p>40. Terras do lado</p> <p>41. Àguas correntes, tipo cascata.</p> <p>42. √ Um pé grande de um animal.</p> <p>&gt; &lt;</p>	<p>39. Limites zona laranja</p> <p>40. Sobreposição laranja verde.</p> <p>41. Central 1º e 2º terço</p>	<p>39. D CF Nat</p> <p>40. D F± Nat</p> <p>41. D Kob Nat</p> <p>42. G F- Ad</p>
<p>X</p> <p>43. ^∨ &gt; Vários bichos minúsculos.</p> <p>^ Quem faz estes desenhos são psicólogos, não são? Devem ser pessoas que fazem coisas abstractas para o desenvolvimento mental. Este é o mais complicado. Pequenos animais, mas só as partes essenciais deles.</p> <p>44. √ Cavalos marinhos que se apegam</p> <p>45. A um humano.</p> <p>46. Deve ser o pensamento de uma pessoa.</p> <p>47. Dois olhos.</p> <p>48. Rosto.</p> <p>49. Dois ursos.</p> <p>Medo. Aquilo que a gente tem e não sabe idealizar o que é. É o pensamento de</p>	<p>44. √ verde 1º terço centro.</p> <p>45. D verde mais esbatido 1º terço centro</p> <p>47. Amarelo central</p> <p>48. olhos mais branco mais rosa</p> <p>49. Azul central</p>	<p>43. G F± A</p> <p>44. D Kan A</p> <p>45. D K H</p> <p>46. G F- Abst.</p> <p>47. D F- Hd</p> <p>48. Dbl F- Hd</p> <p>49. D F- A</p>

qualquer coisa.

Repete as respostas 47, 48 e 49.

50. Ratinhos que estão à volta do nosso cérebro. Coisas que metem medo.

51. ^ Um pau.

52. Dois sinos de lado.

53. Figura de duas pessoas.

54. No meio sai tipo o desenho de uma criança sentada. O desenho branco.

55. Em como à volta, os azuis e o verde estilo felicidade.

56. Duas pessoas unidas por uma criança. A felicidade.

Visto de um lado é uma coisa, de outro é outra. Que confusão! O amarelo e o verde não faz sentido. Os abstractos, existe o meio em todos os desenhos. É colado e deixam retirar isso. Como também pode ser um desenho nítido, um foco nítido. Como tem o borrão todo branco, pôs o branco para ver as imagens nítidas. Por trás de tudo isto há uma imagem nítida.

57. Imagem de medo, ao mesmo tempo mete felicidade.

É muito abstracto. O desenho lateral não é igual ao central. Há um foco no meio. O que está por trás foi tapado pelo branco.

∨ Ao contrário é o horror. Medo.

51. ^ D superior central cinza.

52. D superior cinza central lados.

53. Rosa

54. contornos D superior cinza mais branco faz a cabeça

55. D verde e Azul lateral

56. Localização 53+54

50. G Kan A

51. D F+ Obj

52. D F- Obj

53. D F- H

54. Dd bl Kp H

55. D C Abst

56. D K H

Obsv. Simetria

57. G C Abst

Prova das escolhas:

+ : IX. Apesar de não entender. Aquela garra de animal de um lado. Do outro lado uma cascata, o pôr do sol. Tem tanto de agressividade como de beleza.

- : X. Dá-me medo. Não sei se é disto que tenho medo e que sempre fugi.

## Psicograma

R – 57

F%a: 81

Ban – 4

F+°: 36

F+°a:60

### Modo de Aprecensão

### Conteúdos

G – 17 – 30%

Gbl – 7 – 12%

D – 28 – 49%

Dd – 2 – 3%

Dbl – 2 – 3%

Dd bl – 1 – 2 %

H – 5 – 14%

Hd – 3

Hd/Obj. – 1

A – 18 – 37%

Ad – 3

(A) – 1

Obj. – 3

Anat. – 6

Bot. – 2

Nat. – 7

Abst. – 5

Luz – 2

Símb. – 1

### Determinantes

ΣF: 29

F+: 8

F-: 16

F±: 5

FC: 5

CF: 1

Fclob: 1

FE: 5

EF: 1

C: 4

C': 2

K: 3

Kan: 3

Kp: 1

Kob: 2

### TRI

3K : 12,5 C

### Fórmula Complementar

6k : 3,5 E

RC: 53 %

IA: 16%

F%: 51

**ANEXO 2**

**PROTOCOLO DE RORSCHACH – Fátima**

<p>I</p> <p>1. Uma águia.... Tenho que ver bem... Não digo mais. (Fica a olhar para o cartão, muito inquieta)</p> <p>2. Uma ilha...</p> <p>3. Com uns oásis no meio... Uns oásis é mais no deserto, mas pronto.</p>	<p>Aquela águia (abre os braços), ali do Benfica..., as asas. Uma ilha (G), com o oceano em volta. E oásis (Dbl's), que não é bem porque nas ilhas não há. Mas, como sempre gostei de oásis....</p>	<p>1. G F+ A Ban</p> <p>2. Gbl F± Geo</p> <p>3. Dbl F- Geo</p>
<p>II</p> <p>4..... Um arco iris.</p> <p>5. Tem &lt; uma trovoada.....</p> <p>6. √ ..... ^ Relâmpagos ..... &lt; ^.</p>	<p>O arco-iris ao fundo, várias cores... a trovoada (aponta para o vermelho inferior), e depois ao fim da trovoada , em arco-iris que é da minha imaginação, há pouco disse isso, mas agora não vejo bem isso.</p>	<p>4. D CF Nat</p> <p>5. D kob Nat</p> <p>6. Dd kob Nat</p>
<p>III</p> <p>7. Vejo pessoas..... É só. (devolve o cartão).</p>	<p>A fazer ginástica.... a pegarem em pesos ( D médio 3º terço). O vermelho não me sugere nada, e eu sou do Benfica!</p>	<p>7. G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>8. .... Um touro... &lt; ..... ^... tinha que ser a tourada, tinha que ser... Na minha terra há as garraíadas, conhece? Largam o touro....</p>	<p>Não me lembro, até foi das que mais gostei... tem manchinhas (E). Como é que eu vi o touro? Provavelmente os chifres (D Lateral), e as manchinhas na pele (E)... que me fizeram pensar que era um touro pequeno....</p> <p>RA1: também pode ser um bacalhau a secar, todo aberto.</p>	<p>8. G F- A</p> <p>RA1: G FE A</p>
<p>V</p> <p>9. .... Um morcego.</p>		<p>9. G F+ A Ban</p>
<p>VI</p> <p>10. ....^.....√.....^ Uma baleia.... aberta... São todos assim, escuro.... não gosto dos desenhos negros, não gosto do escuro, gosto mais do branco.... Deve ter um</p>	<p>Continua a parecer uma baleia, mas se vir bem pode ser um RA2: bacalhau aberto no meio. É um animal que eu gosto imenso... aqui está a parte dorsal (Eixo).</p>	<p>10. G F- A</p> <p>Obsv. Cor</p> <p>RA2: G EF A</p>

<p>motivo para ser assim....</p>		
<p>VII</p> <p>11. Uma rã.... ou um sapo.</p>	<p>A saltar (G), com as patinhas (D superior). RA3 também poderia ver um mapa, aqui podia ser por exemplo Portugal (Dd 2º terço), a Grécia (D superior). A bota, Sicília (Dd 2º terço).</p>	<p>11. G Kan A RA3: G F± Mapa</p>
<p>VIII</p> <p>Ah!.... Esta já é mais para o meu gosto....</p> <p>12. Uma floresta.</p> <p>13. Primavera....</p> <p>14. Muitas folhas....</p> <p>15. Um lago, vários lagos.....</p> <p>16. Passarinhos.</p> <p>17. E animais, agora que tipo de animais....</p>	<p>Águas, mas este verde... Primavera. RA4: passarinhos no meio do lago ( Dbl 2º terço).</p>	<p>12. G C Pl 13. G C Abst 14. D C Pl 15. Gbl F- Geo 16. Dbl F- A 17. G F± A RA4:Dbl F- A</p>
<p>IX</p> <p>18.... Uma ilha, verde....</p> <p>19. O oceano...</p> <p>E é só... (devolve o cartão, mas volta a pegar nele).</p> <p>Não sei porquê, os vermelhos não me dizem nada aqui... Vermelho que não é vermelho...</p> <p>Depois diz-me a interpretação? .... O que é que isto quer dizer?</p>	<p>O oceano (verde). RA5: Também pode ser uma floresta, muita folhagem. RA6: várias ilhas (Dbl e Ddbl). RA7: Rochas (rosa)</p>	<p>18. D CF Geo 19. D CF Nat RA5: G CF Pl RA6: Dbl F- Geo RA7: D F- Geo</p>
<p>X</p> <p>20. Um burro</p> <p>21. Um gato</p> <p>22. Uma piscina, não, várias piscinas naturais, de oceanos, do mar....</p> <p>23. Rochas.</p>	<p>Gato (cinza lateral) que não tem muito a ver, mas pronto... Burro?! Não sei onde vi. Piscina (Branco entre azul médio e rosa) RA8: Montanhas, (rosa), que não falei. RA9:No cume da montanha, neve, que é uma coisa que eu</p>	<p>20. D F- A 21. D F- A 22. Ddbl F- Obj 23. D F± Min</p>

24. Folhagens.

adoro, a neve.

24. D F± Nat

RA8: D F±

Nat

RA9: Dbl C'-

Nat

Prova das escolhas:

(+): VII – Uma rãzinha ou um sapo a saltar nos lagos à noite, e nós lá (na sua terra) temos muitos.

X – É este aqui porque ... é um bocado aquilo que eu gosto, que é a natureza, o oceano que me faz sentir bem, a água....

(-): V – Morcego, não gosto desses animais da noite...

IV – Este já não sei o que disse sobre ele... , mas esta imagem é demasiado negra, fria.....

### Psicograma Respostas Espontâneas.

R – 24 (RA: 9)

Ban – 3

#### Modos de Apreensão

G – 9 – 37%

Gbl – 2

D – 9 – 37%

Dd – 1

Dbl – 2

Dd bl – 1

#### Determinantes

ΣF: 14

F+: 2

F-: 8

F±: 4

CF: 3

C: 3

K: 1

Kan: 1

Kob: 2

F%: 58%  
F%a: 66%  
F+ %: 42%  
F+ %a: 50%

D - 2 - 22%  
Dbl - 3

### Determinantes

#### Conteúdos

H: 1 - 4%  
A: 9 - 37%  
Geo: 4  
Nat: 5  
Pl: 2  
Abst: 1  
Obj: 1  
Min: 1

$\Sigma F$ : 5  
F+: 0  
F-: 3  
F±: 2  
FE: 1  
EF: 1  
CF: 1  
C': 1

#### TRI

1K : 5,5 C

F%: 55%  
F%a: 66%  
F+ %: 20%  
F+ %a: 0%

#### Fórmula Complementar

3 k : 0 E

RC: 54 %

IA: 0%

#### Psicograma das Respostas Adicionais

RA: 9

Ban: 0

#### Modos de Apreensão

G - 4 - 44%

#### Conteúdos

A: 3 - 33%  
Geo: 2  
Nat: 2  
Mapa: 1  
Pl: 1

#### TRI

0K: 2,5C

#### Fórmula Complementar

0k: 1,5E

RC: 66%

IA: 0%